

IVY BAILEY

AMOR *em* CAMPO



Alt



IVY BAILEY

AMOR *em* **CAMPO**

Tradução
Priscila Catão



IVY BAILEY é autora de vários romances esportivos para jovens. Ela mora em Londres, na Inglaterra, com o marido, a filha e seu cachorro.

SUMÁRIO

[Pular sumário \[»»\]](#).

[Dedicatória](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

*Para as leões da seleção inglesa,
que inspiraram a nação.
E para todas as futuras jogadoras por aí afora
que se recusam a desistir.
Vocês conseguem!*

Capítulo um

Estou guardando o restante das coisas quando minha mãe bate à porta.

— Como está tudo por aqui? — pergunta ela, entrando no meu quarto e parando ao meu lado para examinar tudo bem dobradinho na mala. — Você fez a mala muito bem, como sempre.

— Aprendi com a melhor — digo, pondo as mãos nos quadris.

Ela estende o braço e ergue a camisa de futebol no topo para ver o que tem embaixo. Ao dar de cara mais material esportivo, ergue a sobrancelha.

— Um longo fim de semana em casa, e tudo o que você trouxe foi sua parafernália de futebol — comenta.

— E do que mais eu precisaria? — brinco.

Ela suspira.

— Sadie, espero que você *se divirta* no resto do trimestre. É importante aproveitar um pouquinho a faculdade. Você está só no primeiro ano.

— Mas como assim? Eu me diverti demais neste trimestre — argumento, confusa.

— Nessas primeiras semanas, parece que você passou metade do tempo nas aulas e metade nos treinos — diz ela, antes de hesitar. — Na verdade, vou me corrigir: foi um terço do tempo estudando e dois terços treinando.

— Acho que está mais para um oitavo do tempo estudando — corrijo-a, sorrindo.

Ela me encara.

— É brincadeira, mãe — insisto, revirando os olhos. — Mas, enfim, você esqueceu que não considero os treinos de futebol uma obrigação. É isso que eu amo. Futebol é... tudo.

— É disso que tenho medo — admite ela. — Não quero que perca uma parte da vida por estar ocupada demais chutando a bola de um lado para o outro no meio de um campo.

Franzo a testa após ouvir sua frase desdenhando do esporte.

— Você entendeu o que eu quis dizer — fala ela, carinhosamente. — Sei o quanto o futebol é importante para você. Para mim também, desde que conheci seu pai. Mas na faculdade o que importa são as experiências e as pessoas. Você pode se divertir. Os anos na universidade em Manchester estão entre os melhores da minha vida por causa das amizades que fiz por lá.

— Minhas amigas estão *no time* — saliento, na defensiva. — Não preciso de mais ninguém.

— Você parece seu pai falando — rebate ela, com um sorriso irônico.

Meu olhar se volta para a notícia de jornal emoldurada na parede em cima da minha escrivaninha. É de 1989; sob a manchete McGRATH: O HERÓI DA ESQUADRA TARTAN, uma foto do meu pai no campo de futebol, dando um soco no ar, a cabeça para trás e os olhos fechados em êxtase, enquanto dois de seus colegas de time o abraçam pela cintura e o tiram do chão. Foi logo depois que ele fez o último de seus três gols para a Escócia, vencendo a partida e garantindo uma vaga na Copa do Mundo.

— Quero que ele se orgulhe de mim — admito baixinho.

— Ele se orgulha *sim* de você... e eu também! — exclama minha mãe, com os afetuosos olhos castanhos arregalados de horror por achar que talvez eu não acredite nisso. — Sadie, faz apenas algumas semanas que você está na Universidade de Durham e já é a capitã do time feminino, e ainda por cima é a capitã mais jovem da história deles. — Ela cutuca meu braço com o dedo. — Como foi que seu técnico te chamou mesmo? Ah, sim, *a atacante estrela*. E olha que você só começou a jogar pra valer há dois anos!

— Pois é, e não ache que não te ouvi contando isso para o cara do apartamento vinte e dois quando ele passou por você na rua, no outro dia — observo, sem conseguir deixar de sorrir. — É legal da sua parte, mas não sei se nossos vizinhos aleatórios ligam para essas coisas.

— Nada disso, *todo mundo* deveria ligar para o talento da minha filha — insiste ela, erguendo o queixo desafiadoramente. — E isso só mostra o quanto nós temos orgulho de você! Mas, Sadie, também temos o mesmo orgulho das suas conquistas fora de campo.

— Eu sei — sussurro, assentindo. — Mas o time de Durham venceu o campeonato universitário nacional duas vezes seguidas, e, se vencermos pela terceira vez, batendo o recorde... — Inspiro fundo, com o medo

irracional de azarar a possibilidade caso a mencione em voz alta. — Talvez eu seja contratada para jogar profissionalmente. Eu queria que meu pai visse isso, que ele soubesse que eu consigo... — Engulo em seco e consigo acrescentar, baixinho: — É só isso que eu quero.

Com olhos brilhantes, minha mãe põe uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Desde que me entendo por gente, ela me incentiva a parar de esconder meu rosto atrás do longo cabelo castanho-avermelhado. Meu cabelo tem a mesma cor que o dela, mas, enquanto o seu bate no ombro, eu odeio cortar o meu e o deixo comprido e ondulado. Como eu era uma criança tímida e insegura, me acostumei a usá-lo como um escudo, ficando cabisbaixa e deixando o cabelo cair na frente do rosto. Só o prendo quando estou em campo.

É o único lugar onde não sinto medo.

— Seu pai sabe que você consegue — assegura minha mãe, sorrindo com afeto. — Mesmo que às vezes ele esqueça. No fundo do coração, ele sabe.

Perigosamente à beira do choro, pisco para conter as lágrimas que ardem em meus olhos e me afasto. Pigarreio e me volto para minha mala, fechando o zíper.

— É melhor eu ir, senão vou perder o ônibus, e posso acabar perdendo o trem — anuncio, erguendo a mala da cama e pondo a alça no ombro. Faço uma pausa. — Valeu, mãe. Pela conversa.

Ela suspira.

— A casa parece tão vazia sem você. Preciso deixar a porta do seu quarto bem fechada, senão fico vindo aqui dar uma olhada, na esperança de que você esteja escondida em algum canto.

Dou uma risada e estudo meu quarto, tentando imaginar onde eu conseguiria me esconder ali dentro. Meu quartinho pode até ser pequeno, mas eu o adoro. O fato de eu ser bizarramente organizada ajuda — odeio bagunça —, então ele tem uma vibe minimalista e parece maior do que é.

— Em breve você está volta — diz minha mãe, obrigando-se a sorrir.

— Com certeza. O Natal já é daqui a uns dois meses.

— Quem sabe da próxima vez você não traz alguém — diz ela esperançosa, saindo do meu quarto para a escada.

Solto um gemido.

— Ai, mãe, não começa.

— O que foi? — pergunta ela com inocência, descendo na minha frente. — Vai me dizer que futebol e namoro não combinam? É isso?

— Mais ou menos isso — sussurro.

— Lá vem ela! — anuncia meu pai com alegria, aparecendo na base da escada e abrindo um sorriso ao me ver. — Essa mala parece pesada. O que tem aí dentro, Sadie? A pia da cozinha?

— Acho que está mais para uns cem pares de chuteiras — diz minha mãe com sarcasmo.

— Que exagero — respondo, colocando a mala no corredor e pegando meu casaco em um dos ganchos perto da porta antes de vesti-lo. — Mas eu não recusaria cem pares de chuteiras.

— Nem eu — diz meu pai, com um sorriso conspirador.

— Acabei de dizer a Sadie que, por mais que essa obsessão por futebol seja maravilhosa... Deus é testemunha de que eu mesma me casei com um fanático por futebol... também é importante que ela *se divirta* — enfatiza minha mãe, lançando-me um olhar severo. — Ela não pode passar todas as noites treinando com o time.

— Ah, ela sempre foi determinada — diz meu pai, com orgulho. — Quando minha Sadie decide uma coisa, ela se compromete. Sem dúvidas. Ela sempre teve um talento nato para o futebol. — Ele balança o dedo na minha direção. — Falei para começar mais cedo, mas você foi teimosa. Lembro que te levei para uma pelada quando era bem pequena, mas você nem quis saber.

— Foi porque você me levou para uma pelada com seus *antigos colegas da seleção* — lembro. — Foi só um pouquinho intimidante. Fiquei com medo de fazer papel de boba na frente deles! Eu sabia que todos eles esperavam que eu fosse genial por ser sua filha. Não quis que você passasse vergonha.

— Bem, mas no fim das contas você começou a jogar. Estou muito feliz que tenha seguido meus passos. É muita responsabilidade! — diz ele de um jeito travesso.

Sorrio para ele.

— Vou dar o meu melhor.

— É melhor ir logo, Sadie — alerta minha mãe, consultando o relógio.

— Vamos nos despedir, não queremos que se atrase.

— Atrasar? — pergunta meu pai, franzindo a testa. — Ela não vai se atrasar!

— Vai sim, se passar muito mais tempo aqui na porta, batendo papo. Quero só garantir que ela vai ter tempo de sobra, porque, se perder o ônibus de agora e precisar esperar o próximo, vai ter pouquíssimo tempo para pegar o trem.

— Ela não precisa de ônibus nenhum! — declara teimosamente meu pai, virando-se para mim. — Eu te levo, Sadie. Imagino que não queira andar carregando essa sua mala pesada, então vamos de carro. Não vai ser incômodo algum.

Minha mãe me olha preocupada.

— Harry... — começa ela.

— O colégio fica logo ali, virando a esquina — prossegue ele. — Fica a uns cinco minutos daqui só. Vou apenas achar minha chave.

— Pai... — digo, mas ele não me ouve e bate nos bolsos da calça.

— Onde foi que a deixei mesmo? — sussurra ele.

— Harry — chama carinhosamente minha mãe, segurando o braço dele. — Sadie não vai para o colégio. Agora está na universidade. Ela vai voltar para Durham.

Ele franze a testa, e as linhas de expressão ficam mais marcadas.

— Ela terminou o ensino médio logo antes do verão — continua minha mãe. — E agora está estudando na Universidade de Durham, onde é capitã do time feminino de futebol. Ela veio apenas passar o fim de semana conosco e agora precisa pegar o trem para voltar.

— Durham, isso, o time de futebol — sussurra ele tão baixinho que mal consigo escutá-lo. — Sim, sim, lógico.

Sinto um aperto no peito enquanto o observo tentando se situar, com sua confusão inicial sendo substituída pela frustração. Depois de um tempo, ele ergue a cabeça para me encarar e, sorrindo fracamente, ainda franzindo a testa, repete a frase:

— É lógico.

Minha mãe faz um carinho no seu ombro, e ele ergue a mão para tocá-la, agradecido.

Uma das crueldades da demência é o fato de que ela chega como uma onda. Num instante está tudo bem, e seu pai está implicando afetuosamente com você como sempre fez. No outro, ele não consegue

lembrar que você se mudou para a universidade algumas semanas antes. A doença nos ilude com uma normalidade pacata, depois estraçalhada de forma impiedosa.

Às vezes, quando ele está agindo como si mesmo, quase consigo me convencer de que a demência não existe, de que o diagnóstico foi equivocado e de que tudo está bem. Mas então os lapsos de memória voltam, a desorientação, o pânico, a frustração.

Como sempre, minha mãe é quem assume o controle enquanto meu pai se recompõe. Fico ali, entorpecida, com um sorriso forçado no rosto, sentindo-me inútil. Com seu tom admiravelmente animado, minha mãe lembra a todos que tenho hora, e começamos a nos despedir; apesar de não dizer nada fora do comum, dou em ambos um abraço mais forte e demorado do que eu daria normalmente.

Minha mãe entende a mensagem.

— Vamos ficar bem — cochicha ela no meu ouvido, enquanto a abraço.

Depois que saio, ouço-a dizer ao meu pai que está na hora do chá enquanto a porta se fecha e eu me dirijo ao ponto de ônibus.

Andando na rua, prometo a mim mesma que vou me esforçar mais do que nunca nos treinos, principalmente porque as primeiras partidas da temporada estão chegando. Estou determinada a fazer meu pai se orgulhar de mim nos gramados, antes que seja tarde demais. Desde o diagnóstico, meu sonho é ser descoberta e contratada para jogar profissionalmente. Preciso que ele veja essa minha conquista, e nada vai me distrair desse sonho.

Desculpa, mãe, mas o restante da minha vida vai ter de esperar.

Capítulo dois

Enquanto abro caminho no meio da multidão na Estação Waverley de Edimburgo, sinto o celular vibrar várias vezes no bolso de trás, mas é somente depois de subir no trem e me sentar que consigo dar uma olhada.

TIME FEMININO DE DURHAM 🏴󠁧󠁢󠁥󠁮󠁧󠁿🔥

Amy

Alguém me mata por favor
Nunca tive uma ressaca tão sinistra



Ella

Também estou me sentindo um lixo
Quem foi que pediu tequila, hein?

Alisha

Hayley
Foi a Hayley
Nunca mais vou beber na vida

Maya

Hahahaha lembrei agora de Amy tentando fazer pole dance

Amy

MEU DEUS

Eu me tinha esquecido disso
Bem que fiquei sem saber o motivo das coxas raladas

Maya

Sofrendo pela arte

Amy

Tô com a pele em carne viva
Por favor, me digam que pelo menos eu mandei bem no pole

Maya

Você ARRASOU

Amy

Isso é mentira?

Maya

Não

Amy

Dá pra saber que você tá mentindo

Alisha

Eu gostei quando você colocou a cara atrás do pole e ficou brincando de esconde-esconde com as pessoas que estavam te assistindo da pista de dança

Amy

Como é que é

Como assim?

COMO ASSIM EU FIQUEI BRINCANDO DE ESCONDE-ESCONDE?????

Quinn

Bom dia, gatas

Pera

Já está tarde assim?

Marquei de almoçar com o James!!

Eu tô TÃO ATRASADA!!!

Maya

Quinn está atrasada, galera

Alisha

Nossa, que surpresa

Jade



Quinn

Vão pra merda, todas vocês

Jade

Pelo jeito a noite foi boa! Pena que perdi
Mas vou sair hoje, e se alguém se animar...

Maya

Boa ideia, beber mais pra curar a ressaca... 🍷

Amy

COMO ASSIM EU BRINQUEI DE ESCONDE-ESCONDE?!?!

Hayley

A tequila foi uma PÉSSIMA IDEIA

Foi mal

Juro a vocês que também tô pagando o preço 💀💀💀💀💀

E vou sair hoje à noite também... 🍷🍸😁🔥

Tento encontrar vocês depois 📝 XXX

Chego à residência estudantil, depois de uma viagem bem tranquila, e vou direto ao meu quarto para me organizar. Estou desfazendo a mala quando a porta do quarto se abre de repente.

— Porra, ela está de sacanagem?!

Ergo o olhar enquanto guardo minhas roupas numa gaveta e vejo Jade parada na porta com uma expressão furiosa, segurando o celular.

— Quem? — pergunto, fechando a gaveta.

Ela atravessa meu quarto e se joga na minha cama.

— Ai, Sadie, sério — diz ela com seu sotaque londrino. — É comigo que você está falando. Não precisa fingir que acha isso legal. Faz um tempão que estou zangada com essa mensagem e louca pra conversar com você, mas estava almoçando com meus pais e não tinha com quem desabafar. Que bom que voltou. Senti muito sua falta nesse fim de semana.

— Eu também — admito, sorrindo carinhosamente para ela. — Como foi a visita dos seus pais? Bacana eles virem até aqui.

— Ah, foi normal. Eles adoram a cidade. Meu pai não parava de falar da história desse lugar. Vocês se dariam muito bem, na verdade. Ele ficou decepcionado quando soube que você não estava aqui para almoçar com a gente. Ele adorou saber que minha amiga também é uma nerd de história.

— Não sou uma nerd de história. Eu apenas curso história. — Dou uma risada, balançando a cabeça.

— Só porque aqui não dá para se formar em futebol — sussurra Jade, abrindo um sorriso compreensivo. — Enfim. A gente almoçou naquele restaurante com menu degustação, e agora eles estão voltando para Londres.

— Aquele da estrela Michelin?

— Isso. Foi bom — diz ela, distraída com o celular.

Sorrio para mim mesma. Para alguém como Jade, almoçar em um restaurante com estrela Michelin não é nada. Como é filha única de pais extremamente ricos, ela cresceu numa bela mansão em Knightsbridge, Londres, e a família também tem casas de férias na Cornualha e na França. Com sedosos cabelos loiros, roupas de grife, unhas perfeitamente cuidadas e um sotaque refinado, ela está sempre vestida de maneira impecável e causa uma primeira impressão realmente intimidante.

No trimestre passado, ela foi a primeira pessoa que conheci ao chegar em Collingwood, a residência estudantil onde moro. Quase surtei quando descobri que minha vizinha de quarto era uma garota rica, metida e pomposa, mas foi um erro julgá-la tão depressa. No fim da nossa primeira noite, percebi que ela era bem divertida, afetuosa e simpática, e que nós duas com certeza seríamos melhores amigas. O fato de que ela também joga futebol e que entrou para o time principal é um bônus. Apesar de nem sempre a personalidade combinar com a posição no campo, não fiquei surpresa quando vi que Jade era uma talentosa zagueira. Ela é a pessoa mais protetora que conheço.

— Como foi seu fim de semana em casa? — pergunta ela. — Você se divertiu comendo *haggis* e recitando Robert Burns?

Dou uma gargalhada. Mais um motivo pelo qual gosto de Jade: ela demonstra afeto caçoando dos outros. Percebi que, na família dela, assim como na minha, ninguém é muito de expressar suas emoções. Preferimos zombar uns dos outros.

— Fazer piada com estereótipos é um tipo de humor muito preguiçoso — lembro.

— Que seja. — Ela suspira. — Agora a gente já pode falar da Hayley? — pergunta ela carinhosamente.

Sinto uma pontada no peito só de ouvir seu nome, e me sento na cadeira da minha escrivadinha.

— O que tem ela? — digo, sem emoção.

— A gente pode começar por aquele comentário de merda que ela fez no grupo sobre a noite de hoje! — exclama Jade, encarando-me com olhos arregalados.

Dou de ombros.

— Ela disse que ia sair.

— Pois é, com uns emojis que insinuam que ela tem um encontro. Não venha me dizer que você não pensou o mesmo.

— É óbvio que pensei. Tenho certeza de que todo mundo entendeu o que ela quis dizer.

— Ninguém respondeu porque todo mundo acha a mesma coisa: ela foi sem noção — argumenta Jade, furiosa. — Ela sabe que você está no grupo. Ela sabia que ia te magoar. E, mesmo assim, mandou. Então voltemos à minha primeira pergunta: *porra, ela está de sacanagem?*

Mexendo na bainha da camiseta, olho para minhas mãos.

A culpa é minha. Eu não devia ter me envolvido com alguém do time. Praticamente pedi para me magoar. Reparei em Hayley Ashton imediatamente. É impossível *não* notar Hayley. Ela é alta e extremamente linda, com cabelos volumosos, escuros e cacheados, olhos castanho-claros e lábios inacreditavelmente carnudos. Ela está no segundo ano e jogou no time, no ano passado. Ela é confiante, simpática, e abriu o maior sorriso para mim quando o técnico nos apresentou. Naquele primeiro treino, fiz dois gols, e no fim ela se aproximou correndo e disse ao técnico: “Essa garota aí é especial”, então piscou para mim. Meu coração acelerou, e o rosto ficou todo vermelho. Não consegui pensar em nenhuma resposta decente.

Quando virei capitã, tive medo de que algumas jogadoras do segundo ano fossem ficar com raiva por não terem sido escolhidas — não tem nenhuma aluna do terceiro ano no time no momento, então são apenas jogadoras do segundo ano e calouras —, mas Hayley fez questão de me deixar tranquila e organizou uma festa surpresa para mim num bar local para que o time inteiro comemorasse minha conquista.

— Todas sabíamos que tinha que ser você — disse ela naquela noite, aproximando-se para que eu conseguisse ouvi-la por cima da música,

passando a mão macia e quente no meu braço. — Não tem ninguém como você, Sadie. E estamos bem confiantes de que, com você na liderança, conseguiremos mais um título este ano.

Ela estava tão perto que eu mal conseguia respirar.

Eu sabia que precisava ignorar aquele crush. Não era nada profissional, e eu não podia me distrair no campo por causa de outra jogadora. Eu era a *capitã*. Precisava ser responsável. Mas eu sentia muita atração por ela, e, quando ela demonstrou corresponder, foi impossível deixar de lado. No começo, concordamos que era melhor manter segredo. Eu nunca escondi minha bissexualidade, mas ela sequer tinha beijado outra garota antes e queria tempo para entender seus sentimentos, e nós duas sabíamos que talvez não fosse legal para o time. Felizmente, ela nem precisou de muito tempo para assimilar tudo, e o time nos deu o maior apoio. Nós duas passávamos tanto tempo juntas nas festas da equipe que todo mundo percebeu o que estava rolando.

No fim, era bom demais para ser verdade. Depois de apenas três semanas, as coisas começaram a esfriar. Ela ficou distante e fria, e quando fui cobrá-la, ela se desculpou e disse que queria ser só minha amiga. Ela se explicou dizendo que, para ela, nunca havia sido nada sério.

E ela tinha razão. Foram apenas algumas semanas, e jamais chegamos a conversar sobre exclusividade. A gente estava se divertindo. Mas em alguns momentos eu me permiti acreditar que *talvez* aquilo virasse um namoro sério. Ficar com alguém como Hayley era eletrizante: ela é inteligente, extrovertida, divertida — por onde passa, os outros param para olhá-la. Levar um pé na bunda de alguém como Hayley é excruciante: ela é o centro das atenções, a pessoa mais animada da festa, a luz intensa que atrai as pessoas, enquanto eu fico nas sombras, observando-a junto com os outros.

Sei que foi constrangedor para o time, mas, depois que terminamos, fiz questão de não mudar de comportamento em campo, e continuei sorrindo e a tratando de um jeito completamente normal nas saídas. Quando ela dava em cima de rapazes na minha frente, eu ria dos olhares de pena que as outras me lançavam e garantia que não ligava. Tinha sido só um rolo!

Fui convincente demais. Hayley exhibe sua movimentada vida amorosa na minha frente, quando bem entende e sem nenhum constrangimento.

Pelo menos assim fico mais motivada para me concentrar apenas no futebol.

— Sadie — diz Jade agora, franzindo a testa de preocupação —, você está bem? Não foi nada legal ela mandar essa mensagem.

— Já falei que estou bem — enfatizo, tentando parecer casual. — Eu e Hayley terminamos. Ela tem todo o direito de sair com outras pessoas.

— Mas ela não precisa falar disso no grupo. É... *cruel*.

— Só seria cruel se ela achasse que iria me magoar, e eu falei para ela que já a esqueci. Assim como ela me esqueceu. — Engulo em seco. — Jade, a gente passou três semanas juntas. Não foi nada sério.

— Vocês passaram todas as noites juntas, durante três semanas. Na faculdade, isso equivale a um namoro de três anos — argumenta Jade, com arrogância. — Olha, eu entendo que você queira fazer pouco caso disso e bancar a forte na frente do restante do time, mas saiba que, se quiser conversar, pode falar comigo. Pode chorar, reclamar dela, jogar coisas nas fotos dela... qualquer coisa que te faça se sentir melhor. Pode contar comigo.

— Obrigada — agradeço com um sorriso. — Mas não tenho nada a dizer. Ela está solteira. Eu estou solteira. Somos amigas e colegas de time. Só isso.

— Nem consigo entender por que você ficou a fim dela — diz Jade, enrugando o nariz. — Sei que ela é bonita, mas é tão egocêntrica que irrita. Até Narciso parece humilde perto da Hayley.

Dou uma gargalhada.

— *Hã?* Jade! Não é verdade. Para com isso.

— Eu, não — retruca Jade, jogando o cabelo por cima do ombro. — Ela não é isso tudo que você acha, tira ela desse pedestal. Você merece alguém muito melhor.

— Com certeza — digo com sarcasmo.

Jade ergue a sobrancelha.

— Já se olhou no espelho por acaso? Você é uma beldade escocesa de cabelos ruivos.

Pego uma caneta na escrivaninha e a jogo em sua direção.

— Cale essa boca.

— Vou provar pra você. — Ela ri, desviando da caneta e a jogando de volta para mim. Eu a pego com a mão esquerda. — Saia comigo hoje e veja

seus fãs babando por você. Pode usar o vestido que comprei na semana passada. Ele é incrível e vai combinar com o seu cabelo e corpo todo definido.

— Eu estava pensando em treinar um pouco à noite — admito, olhando a bola de futebol no canto do quarto. — Nosso time tem muito a conquistar nessa temporada. Se ganharmos o campeonato das universidades britânicas, a gente...

— Vai entrar pra história como o primeiro time a ganhar o campeonato três anos seguidos, blá-blá-blá... — interrompe ela, revirando os olhos. — Sim, obrigada, Capitã McGrath. Eu estava lá nas dez milhões de vezes em que o técnico Hendricks mencionou isso. É só uma noite, Sadie. Vamos lá, você me abandonou durante o fim de semana inteiro. Está me devendo uma saída.

Suspiro.

— Tudo bem. Só vou por sua causa.

— Oba! — exclama ela, pulando da minha cama e jogando os braços ao meu redor. — Vamos nos divertir horrores! Você não vai se arrepender.

Capítulo três

A noite começa promissora. Jade está focada na missão — serve drinques generosos enquanto nos arrumamos no seu quarto, Beyoncé nas alturas, e depois saímos animadas e já um pouco bêbadas para o bar Osbournes.

Eu estava apreensiva quanto a usar o lindo, mas micro, vestido preto decotado e justo de Jade, mas a bebida me deu a confiança necessária para vesti-lo e para me acostumar à quantidade de pele à mostra. Para combinar, escolhi uma jaqueta de couro e minhas botas pretas de cano curto e salto quadrado. Algumas garotas do time já estavam no Osbournes, e como Jade anunciou nossos planos no grupo, tinham à nossa espera uma garrafa de prosecco chique. Saboreando a bebida, sentamos com nosso grupo, conversando e rindo até a música ficar boa demais para a ignorarmos e sermos obrigadas a dançar.

Estou me divertindo tanto que esqueço que Hayley está em um encontro, até o momento em que ela chega acompanhada.

— Meu Deus — diz Amy incrédula, encarando-a enquanto ela abre caminho no meio das pessoas, vindo até a gente. — Aquele é o *Dylan*?

Dylan Carson. Goleiro do segundo ano e capitão do time masculino da universidade, além de um renomado babaca arrogante. Ele até tem motivos para ser confiante; com cabelos loiros penteados para trás, olhos azuis penetrantes e maçãs do rosto bem definidas, parece ter saído de uma sessão de fotos para a Abercrombie & Fitch. Porém, ele adora falar de si mesmo e usa propositalmente camisas apertadas demais para que os músculos se destacarem.

— Admito que eu pegaria — disse Jade uma vez, encarando-o durante um de nossos treinos em conjunto, enquanto ele comemorava um gol tirando a camisa e a girando acima da cabeça. — Mas depois eu me odiaria.

De mãos dadas, Hailey se aproxima com Dylan, um sorriso pretensioso no rosto. Eles se separam para cumprimentar os respectivos conhecidos —

Dylan se dirige a um grupo de rapazes perto de nós, enquanto Hayley abraça animadamente algumas das outras garotas. Enquanto conversa com Amy, ela ergue o olhar e me vê, então abre um sorriso antes de encarar Dylan. Ele encontra seu olhar e dá uma piscadela, gesto que é percebido pelos seus amigos e causa uma rodada de provocações impiedosas.

— Dylan Carson — diz Jade no meu ouvido, parecendo não estar nada impressionada. — Estou vendo que ela baixou de nível.

— Ele é gato — comento, antes de virar o que ainda resta no meu copo.

— Ele serve só pra tapar buraco — diz ela. — Até o fim da noite, ela vai se cansar dele.

Hayley e Dylan não parecem nada cansados um do outro. Na verdade, parecem estar se curtindo muito. Passam o tempo todo cochichando, rindo, se beijando e dançando. Tento não encarar, mas não é fácil, especialmente quando os dois estão se beijando com tanta paixão que terminam esbarrando em mim e me empurrando para cima de Jade, me fazendo derramar o drinque dela.

— Vou pegar outro pra você — sugiro rapidamente, percebendo sua expressão furiosa enquanto os dois se afastam, alheios ao incidente. Gesticulo para o meu copo vazio. — Eu já ia passar no balcão mesmo.

Vou até os fundos do bar lotado, empurrada por pessoas que tentam chegar ao balcão, avançando lentamente enquanto os pobres funcionários tentam acompanhar o fluxo constante de pedidos. Quando finalmente chego ao destino, faço o que posso para me espremer num pequeno espaço e ponho os cotovelos no balcão com firmeza para garantir meu lugar, ficando na ponta dos pés, tentando desesperadamente chamar a atenção de algum funcionário.

Depois de servir um pedido, uma das bartenders me avista e se inclina em minha direção. Abro a boca para dizer o que quero, mas um rapaz se espreme no espaço minúsculo ao meu lado, e seu cotovelo esbarra no meu.

Ele grita o pedido com um sotaque americano, pisca para a bartender e agradece.

— Obrigado!

Fico boquiaberta e incrédula enquanto a garota cora diante do olhar do sujeito e vai preparar seu pedido imediatamente. Cutuco seu ombro.

— Hum, *com licença*... — digo bem alto, por cima do som vibrante do baixo. — Eu cheguei primeiro!

— Desculpe — lamenta ele, dando uma boa olhada em mim e sorrindo. — Não faço ideia de como não te percebi aqui... uma garota como você chama atenção.

Estreito os olhos para ele.

Tudo bem, entendo por que esse tipo de cantada nada criativa funciona com a maioria das pessoas. Ele é incrivelmente gato — alto, musculoso, maxilar bem definido, intensos olhos castanho-escuros. Vou até perdoar a bartender pelo lapso de atendê-lo primeiro. Mas não vou perdoá-lo por ter furado a fila só porque é bonito e sabe disso. Depois de toda a pegação de Hayley e Dylan, e de todo o tempo que passei ali esperando, não estou me sentindo tão generosa.

— *Por favor* — sussurro, franzindo a testa. — Eu cheguei primeiro. Você não devia ter roubado a minha vez. Isso se chama falta de educação.

— Caramba. Alguém está tendo uma noite ruim, hein? Estamos nos divertindo num bar! Relaxe.

Sabe quando você está furiosa e a pior coisa que alguém pode te dizer é *relaxe*?

— Eu estava me divertindo até você furar a fila! — digo com raiva, empurrando seu cotovelo com força para recuperar meu espaço no balcão, fazendo o braço escorregar.

— E eu achando que as inglesas eram simpáticas... — sussurra ele.

Eu me viro lentamente e o fuzilo com o olhar.

— *Eu não sou inglesa* — retruco, entre dentes.

Ele não parece ligar para a minha expressão fulminante e dá de ombros.

— Desculpe. Está difícil te ouvir por causa do barulho — diz, começando a balançar a cabeça no ritmo da música. — Essa música não é ótima? Ah, lá vem ela. — Ele abre o maior sorriso para a bartender, que empurra as doses de vodka para ele, enfileira copos de shot e serve tequila de um jeito teatral. — Obrigado, querida.

Faço uma careta.

— Argh. *Querida*.

Ele me olha, erguendo as sobrancelhas.

— Não gostou do *querida*?

— Ninguém gosta. É condescendente, força intimidade e é um jeito de usar a linguagem para pôr uma mulher no devido lugar.

O canto de sua boca se contrai de um jeito brincalhão.

— É mesmo? De onde eu venho, é uma palavra que expressa carinho.

— Com certeza, e você conhece aquela moça, é? — digo, gesticulando para a bartender atrás do balcão. — Sente carinho por ela?

Os dois se entreolham, e ela sorri.

— Eu poderia sentir carinho por ela.

Com as bochechas coradas, ela dá uma risadinha.

— Pelo amor — sussurro, revirando os olhos.

— Vamos fazer o seguinte. Para compensar meu comportamento machista e grosseiro, e por ser melhor que você na hora de enfrentar uma fila, eu gostaria de pagar seu drinque — oferece ele. — O que vai querer beber?

— Não, obrigada — respondo, erguendo o queixo. — Não preciso da sua ajuda para ser atendida.

— Ah, deixe de ser teimosa — responde ele, suspirando enquanto a bartender espera com a máquina do cartão, o olhar alternando entre nós. — O que você vai pedir?

— Eu falei que *não preciso da sua ajuda* — repito rispidamente.

— Tá bem, então. — Ele pega o cartão de crédito. — Como preferir. Quanto deu?

Ela passa a máquina para ele, que arregala os olhos ao ver o valor.

— Não pode ser — diz ele, franzindo a testa. — É barato demais.

— As doses de tequila são cortesia — responde ela, com um olhar sedutor.

— Mas que gentileza — diz ele, encostando o cartão na máquina e a devolvendo. — É bom saber que tem gente simpática na Inglaterra.

Pressiono os lábios, ignorando-o e encarando a bartender.

— Ei, Dylan! — chama ele por cima do ombro. — Pode me dar uma ajudinha aqui?

Mas *é óbvio* que ele é amigo de Dylan Carson. Faz sentido que um babaca goste da companhia de outro. Após passar as bebidas para o amigo e pegar as últimas, ele se vira e me diz alegremente:

— Boa sorte aí!

— Não preciso — respondo com arrogância, mas ele não me ouve.

Ele já atravessou a multidão e chegou à pista de dança. Enquanto isso, a bartender foi para a outra ponta do balcão e está ocupada atendendo outra pessoa. Rangendo os dentes de frustração, tudo se torna cem vezes pior quando, mais tarde, meu olhar por acaso encontra o do americano em seu caminho até o banheiro. Ele faz um joinha e depois, gargalhando, entra.

Odeio o cara.

— Pessoal, quero todo mundo aqui! — chama o técnico Hendricks, acenando para que fôssemos até a lateral do campo. Ele está com a técnica Nevile, que comanda o time masculino.

É o começo do nosso primeiro treino do trimestre, e já faz quarenta minutos que estou ali, treinando cobrança de pênaltis. O técnico Hendricks chegou um pouco antes de todo mundo e não falou nada, apenas ficou parado na linha lateral, de braços cruzados, observando meus chutes e analisando meu desempenho. Ele parecia satisfeito e, quando as outras jogadoras começaram a entrar em campo, disse para se juntarem a mim enquanto esperávamos todas chegarem. Ele pediu que nossa goleira Maya fosse para o gol e que Amy, a outra atacante, ficasse batendo pênaltis comigo. Maya pegou dois pênaltis de Amy e nenhum meu.

Após bater a palma na de Amy ao chutar a bola no ângulo superior direito da rede, vamos correndo até o técnico. Maya pega a bola e nos segue.

— Caramba, Sadie, o que foi que aconteceu no fim de semana? — pergunta Maya rindo, batendo nas minhas costas quando nos juntamos ao grupo. — Nunca vi uma pessoa tão concentrada assim. Os outros times não têm a menor chance.

Meu sorriso diminui quando percebo que Dylan e Hayley estão na minha frente, e ele está com a mão na bunda dela, beliscando-a. Ela dá uma risadinha, depois bate na mão dele enquanto sussurra:

— *Dylan!*

Apesar de treinarmos separados na maioria das vezes, volta e meia os dois técnicos gostam que os times masculino e feminino joguem juntos. Normalmente é bem satisfatório, considerando que nós os derrotamos na maioria dos treinos. Enquanto o time feminino da universidade está no primeiro lugar do campeonato, o masculino corre o risco de ser rebaixado.

— Bem, quase todo mundo chegou, então vamos começar — anuncia o técnico, passando a mão na cabeça quase raspada enquanto a técnica Neville confere seu iPad. — Duas voltas no campo, depois começamos o aquecimento. Quem for pego parado ou fofocando vai dar voltas a mais quando o treino acabar. — Ele bate palmas, nos sobressaltando. — Vamos!

Todos levam o técnico Hendricks a sério. Musculoso e de ombros largos, ele jamais sorri e fala com uma voz grave e baixa que nos faz ter calafrios. Quando todos começam a se mexer, iniciando a primeira volta, ele me chama.

— Sim, técnico? — pergunto ao alcançá-lo.

— Precisamos que nos ajude a preparar os dois times, Sadie — afirma ele, observando o grupo correr na lateral do campo. — Seu time ainda pode melhorar, e o time masculino precisa de motivação. O capitão deles... bem, digamos apenas que é o melhor jogador de um grupo ruim.

O técnico semicerra os olhos para Dylan, que dá um tapinha na bunda de Hayley ao passar por ela. Após censurá-lo, ela acelera e o ultrapassa com facilidade. Nós ficamos observando enquanto ele tenta desesperadamente alcançá-la e não consegue. Faço uma careta.

— O que você precisa que eu faça? — pergunto, suspirando.

— Eu aviso depois. Ainda estou montando um plano — conta ele. — E talvez o time masculino esteja com um pouco de sorte. O novo jogador me parece promissor.

Franzo a testa, confusa.

— Alguém entrou para o time tarde assim?

A técnica Neville assente, aproximando-se para participar da conversa.

— Ele veio falar comigo uns dias atrás, e fizemos um teste. Ele é bom, tem muito potencial, então pensei que dar uma chance não faria mal. Hoje a gente vê se ele consegue acompanhar.

Dou uma olhada no campo.

— Não estou vendo nenhum novato.

— Ele está chegando agora — diz ela, olhando por cima do ombro para o vestiário. — O nome dele é Arlo Hudson. Se mudou dos Estados Unidos para cá.

Quando me viro, o reconheço na mesma hora: é o americano imbecil do bar, na outra noite. Enquanto corre até nós, ele olha para os técnicos e

depois para mim. Percebo que está tentando se lembrar de onde me conhece, e, ao chegar mais perto, a ficha cai. Ele fecha a cara.

Isso vai ser interessante.

Capítulo quatro

— **Que bom que chegou, Arlo.** — A técnica Nevile confere seu relógio. — O treino começou há cinco minutos. Você está atrasado. Isso vai te custar cinco voltas a mais no campo.

— É sério? Eu me perdi tentando achar o centro esportivo. Este campus é um labirinto — justifica Arlo, pondo as mãos nos quadris.

— Já que questionou sua técnica, agora são seis voltas — diz ela franzindo a testa, enquanto o técnico Hendricks lhe lança um olhar intimidante. — Quer que sejam sete?

Arlo balança a cabeça.

— Não, senhora.

— Ótimo.

O técnico Hendricks gesticula na minha direção.

— Esta é Sadie McGrath, capitã do time feminino. Se tiver alguma dúvida sobre como as coisas funcionam por aqui, fale com ela.

— Não seria melhor eu falar com o capitão do time masculino, senhor?

O técnico bufa uma risada.

— Com certeza, pode tentar se quiser. Agora vocês dois podem ir. Duas voltas no campo, depois começamos o aquecimento.

— Queremos ver se você é bom, Hudson — acrescenta a técnica Nevile.

Deixo os dois discutindo as estratégias que a técnica Nevile tem no iPad, começo a correr e logo percebo que Arlo está se aproximando.

— Então nos reencontramos — diz ele, acompanhando meu ritmo.

— Que sorte a minha.

— Sadie. É um nome bonito.

— Obrigada.

Acelero um pouco, mas não consigo me livrar dele. Para minha irritação, ele fica bem do meu lado. Tento correr ainda mais rápido.

— Como foi o resto da sua noite lá no Osbournes? — pergunta ele, a respiração mais ofegante.

— Foi ótima, obrigada. E a sua?

— Na manhã seguinte, eu me arrependi daquelas doses de tequila.

— Imagino.

— Você devia ter me deixado pagar seu drinque — insiste ele. — Nós teríamos conversado e descoberto o que temos em comum.

— Por que acha que temos alguma coisa em comum? — Tomo fôlego, acelerando.

Ele franze o rosto ao tentar me acompanhar, e percebo que agora está tendo dificuldade para manter o ritmo. Não costumo pegar tão pesado no começo, mas minha vontade de derrotá-lo está alimentando minha habilidade.

— Nós dois gostamos de jogar bola, para começar — salienta ele.

— É futebol — corrijo.

— Dá no mesmo — resmunga ele.

Quando completamos nossa primeira volta, ele começa a ficar para trás. Como o restante dos dois times já terminou as duas voltas, eles estão posicionando os cones e as bolas para o treino. Dylan ergue o olhar quando nos vê passar e grita:

— Manda ver, Arlo! Você consegue!

Não é uma disputa de corrida, é um aquecimento, mas o grito idiota de Dylan parece acender uma competitividade inevitável entre os dois times, então pouco tempo depois Jade grita:

— Vai, Sadie, vai!

Logo nós dois estamos correndo em disparada ao redor do campo enquanto todos gritam bem alto, o time feminino torcendo por mim e o time masculino apoiando Arlo. O técnico Hendricks fica observando, entretido com a disputa espontânea.

O apoio do time de Arlo o revigora. Ele me alcança outra vez e tenta me ultrapassar em vão. Ele é veloz, mas eu sou mais. Depois de sua tentativa, sinto uma nova onda de energia. Minhas pernas se esforçam mais, meus braços ficam mais leves. Quando fazemos a última curva e passamos para a reta final, aumento a distância com facilidade e cruzo a linha de chegada como vencedora. Meu time corre até mim, dá tapinhas nas

minhas costas e comemora, enquanto os garotos gemem decepcionados e balançam as cabeças.

Eu me viro para ver a chegada de Arlo. Enquanto ele para e se inclina para a frente, curvando-se para recobrar o fôlego, acalmo minha respiração com um sorriso triunfante no rosto.

— Belo show — comenta secamente o técnico Hendricks. — Espero que vocês dois idiotas ainda tenham energia para o resto do treino. Hudson, as cinco voltas a mais que você ganhou por causa do atraso ficam para o próximo treino. Por que não estou vendo ninguém se preparando para os exercícios?

Ele espera todos se mexerem e a técnica Nevile se afastar antes de se aproximar e cochichar no meu ouvido:

— Mandou bem, McGrath.

— Obrigada — respondo, presunçosa.

Arlo se endireita com uma careta, apertando a lateral do corpo, e me fuzila com o olhar.

Os técnicos pegam pesado com a gente devido à pressão da proximidade da primeira partida. É um treino intenso e, quando os times começam a jogar amistosamente um contra o outro para encerrar, já estamos acabados. Às vezes os técnicos misturam os times, mas naquele dia foi o feminino contra o masculino, e nós ganhamos de goleada. Arlo é centroavante, mas não consegue fazer muita coisa, pois nosso time mantém a posse de bola na maior parte do tempo.

Num dado momento, um dos meio-campistas lhe lança a bola, mas, com a marcação cerrada de Jade, Arlo ignora o pedido dos colegas para passá-la ao outro atacante, Michael, e termina chutando a gol. Todos percebem que é um risco bem grande, e ninguém fica surpreso quando a bola passa a mais de um metro da trave.

— Puta que pariu! O que ele estava pensando? — exclama Dylan do nosso gol, encostando a cabeça nas luvas.

É difícil conter um sorrisinho presunçoso.

Amy e eu nos complementamos como atacantes, e nas últimas semanas temos treinado incansavelmente nossa coordenação com as meio-centristas — Hayley, Alisha, Quinn e Ella —, na tentativa de criar arrancadas perigosas atrás da linha defensiva. Assim como treinamos, Amy chuta uma bola perfeita para dentro da área a fim de que eu termine a

jogada. Quando a bola passa voando por cima da cabeça de Dylan e atinge o fundo da rede, o técnico apita.

— Quatro a zero — conclui ele enquanto corremos do campo para rodeá-lo e à técnica Neville, calada ao seu lado, observando os rostos desanimados do próprio time.

— Estão dispensados, e no próximo treino não façam a gente perder tempo, cacete. Joguem pra valer.

Quando todos começam a sair do campo para os vestiários, o técnico grita:

— McGrath! Hudson! Esperem. Queremos falar com vocês.

Paro bruscamente, quase fazendo Hayley esbarrar em mim.

— Oi — diz ela, olhando para Arlo. — O que está rolando entre você e o novato?

— Como assim?

— O técnico não para de chamar vocês dois para conversar — observa ela.

— Não é nada. Foi apenas para nos apresentar um ao outro, e não faço ideia do que ele quer agora.

— Mas vocês já se conheciam, ficaram batendo papo lá no Osbournes — argumenta ela, franzindo a testa. — Arlo disse que tentou pagar um drinque pra você.

Hesito, encarando-a com curiosidade.

— Esquece — diz ela depressa, antes que eu possa responder. — Isso não é da minha conta. Enfim, o jogo hoje foi bom. Você... hum... está jogando melhor que nunca.

Dylan aparece ao lado dela.

— Oi, linda — cumprimenta ele, olhando para mim e encostando o rosto no pescoço de Hayley, provavelmente nada cheiroso depois de um treino tão intenso, mas enfim. — Quer ir tomar banho comigo?

Ela bate nele de um jeito brincalhão, antes de abrir um sorrisinho para mim.

— É melhor eu ir. Tchau, Sadie — despede-se ela, andando para o vestiário enquanto Dylan põe o braço ao redor de sua cintura e, julgando pelas risadinhas dela, diz algo hilário.

Enquanto observo a dupla se afastar, Jade se aproxima tomando um gole de água da sua garrafa.

— O que foi aquilo? — pergunta ela.

— Sei lá. Ela queria saber o que está rolando entre mim e Arlo.

— Ah. — Jade sorri, balançando a cabeça. — O ciúme mostra sua cara.

— Ciúme? Ela está com ciúme *de mim*? — Aponto a cabeça para ela e Dylan se beijando, antes de os dois se separarem para entrar nos diferentes vestiários. — Eles estavam quase transando no meio do campo, na frente de todo mundo.

— Hum, por que será? — diz Jade sarcasticamente, revirando os olhos.

— Hayley está querendo te afetar.

— Foi ela quem terminou comigo, lembra? Por que faria isso?

— Porque está confusa. Ela não quer que mais ninguém fique com você, mas quer garantir que você ainda a deseje. O ego de Hayley precisa de atenção constante. Você partir pra outra tão rapidamente não estava nos planos dela.

— Bom, isso também não está nos meus planos, então ela pode ficar tranquila.

— Talvez isso devesse estar nos seus planos, sim — sugere Jade, os lábios formando um sorriso travesso. — Depois de duas conversinhas com o novato bonitão, Hayley já está surtando. Imagine só o que aconteceria se você comesse a ficar com alguém. Ela imploraria para voltar — Jade estala os dedos — num piscar de olhos.

— McGrath! — berra o técnico do local onde está esperando com Arlo, assustando nós duas. — Espero que você e Grovesnor não estejam me fazendo perder tempo com fofocas.

— A gente estava conversando sobre tática, técnico — alega Jade.

— Ótimo. Agora se manda, Grosvenor — diz ele, antes de gesticular para mim.

— Adoro seu jeito assertivo, técnico! — exclama Jade, abrindo o maior sorriso para ele. — Continue assim.

Ele estreita os olhos, e Jade sai correndo para o vestiário, rindo. Poucas pessoas têm coragem de brincar com o técnico Hendricks, mas Jade é uma delas. Ela não tem medo de ninguém, e eu a adoro por isso.

Enquanto me aproximo, Arlo e eu nos entreolhamos. De cara fechada, ele desvia logo o olhar. Seu rosto está com pingos de lama de quando Jade o derrubou com agressividade, e a camisa grudou no seu corpo devido ao suor. Parece que a última coisa que ele quer no momento é ouvir palavras

de incentivo. Ficamos esperando calados enquanto a técnica Neville discute algo com o técnico, mostrando alguma coisa em seu iPad enquanto ele assente com a cabeça. Finalmente ele se vira para nós.

— Agradeço por terem esperado — começa, passando os dedos no queixo, pensativo. — Temos uma proposta para vocês.

Olho para Arlo. Ele parece tão confuso quanto eu.

— Hudson, é evidente que você é um jogador talentoso — declara a técnica Neville. — Você é veloz e compensa sua falta de habilidade técnica com determinação. Mas não é muito disciplinado e arrisca *demais*.

— Nem me fale — sussurro, mexendo na grama com a ponta da chuteira.

Achei que estava falando sozinha, mas, quando ergo o olhar, percebo que os três estão me encarando. Fico vermelha e pressiono os lábios. O técnico vira a cabeça, observando-me com curiosidade.

— Você poderia aprender um pouco com isso, McGrath — comenta ele.

Pisco, atônita. De repente, Arlo não parece tão desanimado assim. Na verdade, seus lábios se curvam em um sorriso triunfante. Meu rosto esquenta enquanto sou tomada pela vergonha e pela raiva.

— Técnico... — começo, achando que talvez ele esteja de brincadeira.

— Pensamos que seria uma boa ideia se você fizesse alguns treinos particulares — interrompe ele, indo direto ao ponto. — McGrath, o que acha de passar umas duas horinhas por semana ensinando as manhas a Hudson?

Arlo fica de queixo caído. Eu também estou chocada demais para falar.

— Você não pode estar falando sério — gagueja Arlo, sorrindo um pouco como se não tivesse entendido a piada. Ele recorre à técnica Neville. — Não acredito. Você quer que ela me dê *aulas de futebol*?

— Isso — responde ela, seriamente. — Com essa ajuda, é provável que você se torne um jogador razoável, mudando a sorte do seu time. Não acha, McGrath?

— Não tenho tempo de dar aula para outros jogadores — saliento, olhando-os incrédula. — Preciso me concentrar nas minhas próprias habilidades.

— Então você acha que um parceiro de treino não aprimoraria sua técnica? — pergunta o técnico, erguendo as sobrancelhas para mim. —

Quer que eu seja franco, McGrath? — Ele aponta para Arlo. — Este rapaz aqui tem potencial para ser um jogador brilhante, e acho que um pouco de competição saudável pode te ajudar a ser ainda melhor. Sem falar que você talvez aprenda algo com ele.

Solto uma risada.

Arlo cruza os braços.

— Qual é a graça, McGrath?

— Ah, só que é hilário imaginar que eu aprenderia algo com você — digo a ele antes de me virar para o técnico. — Técnico, não pode me pedir isso. Não quero perder tempo com alguém que não leva o esporte a sério.

— Quem disse que eu não levo o esporte a sério? — retruca Arlo, fuzilando-me com o olhar.

— Eu te observei no campo hoje. Você não quis escutar o restante do time, fez lances arriscados que não deram certo e, nas raras vezes em que recebeu a bola, não quis passá-la. Está na cara que não sabe jogar em equipe — enumero.

— Ah, é? Eu também fiquei te observando, *McGrath*. Você é entediante — replica ele.

Inspiro profundamente e dou um passo em sua direção.

— Como é?

— Você ouviu — retalia ele, também avançando um passo, não deixando nenhum espaço entre nós. — Tudo é planejado e executado sem nenhum estilo pessoal. Sim, você faz gols, mas faz com algum estilo? Não.

— Sabe de uma coisa? É muita cara de pau sua...

— Tá bom, já basta — ordena o técnico, balançando as mãos entre a gente, nos obrigando a recuar. Não desviamos os olhos um do outro, ambos teimosos demais para ser o primeiro a quebrar o contato visual. — Vocês até podem perder tempo trocando farpas, mas alguns de nós são adultos. Escutem, a proposta é simples e direta: McGrath lhe dá algumas aulas por semana, Hudson, e você ouve tudo o que ela tem a dizer e se esforça para melhorar. Você disse à técnica Neville que o futebol é muito importante pra você... essa é sua chance de provar. — Arlo baixa o olhar, e o técnico se vira para mim. — McGrath, você já estaria aqui treinando de qualquer forma, então ter um companheiro não vai fazer mal algum. Vai poder aperfeiçoar suas habilidades, praticar várias formações e talvez ter ideias

novas e criativas. Ao ajudá-lo, você também ajuda a si mesma. Todo mundo sai ganhando.

Ao concluir o monólogo, ele une as mãos.

— Então, o que acham?

É uma ideia terrível. Aquele cabeça de vento metido e irritante é uma das últimas pessoas que eu escolheria para ser meu companheiro de treino, e até parece que ele vai ouvir alguma coisa que eu digo. Está na cara que se acha superior.

Porém, contrariando o meu bom senso, eu me sinto tentada a aceitar.

Não apenas porque o técnico tem razão — eu já estaria passando meu tempo livre no campo mesmo, então ter um companheiro de treino na verdade seria útil —, mas também por causa do que Jade disse sobre o ciúme de Hayley. Quer eu goste ou não, Arlo é um bom partido. Apesar da personalidade detestável, do jeito desleixado em campo e de jamais pensar no restante do time, vi várias jogadoras o secando mais cedo. Bastaram duas conversas com ele no treino do dia para Hayley começar a fazer perguntas. Como será que ela reagiria ao saber que estou dando aulas particulares duas vezes por semana para o americano gato recém-chegado?

Antes que eu consiga organizar os pensamentos, Arlo responde primeiro.

— Tudo bem — diz ele com um profundo suspiro, fixando os olhos escuros nos meus. — Se você aceitar ceder o seu tempo, eu topo. Talvez seja útil receber alguma... orientação.

Eu me flagro assentindo.

— Combinado então.

— Maravilha — diz o técnico, olhando para o céu. — Resolvido. Estou orgulhoso de vocês dois.

Arlo se anima.

— Sério?

— Não — retruca o técnico, fechando a cara enquanto a técnica Neville dá uma risadinha. — Ver os dois batendo boca de um jeito tão ridículo me fez questionar todas as decisões que me trouxeram até este momento. Agora vão se trocar antes que eu mude de ideia e os obrigue a dar mais duas voltas por me matarem de tédio.

Ele não precisa dizer duas vezes; saímos correndo do campo e nos dirigimos ao prédio.

— Sadie, espere — diz Arlo, me parando quando chego à porta do vestiário feminino. — Tem certeza de que topa fazer isso? Acho que, para dar certo, nós dois precisamos nos comprometer de verdade. Senão nem vai adiantar, não é mesmo?

— Pois é — concordo. — Isso não vai ser um problema.

Ele assente.

— Beleza. Obrigado por fazer isso por mim.

— Nem se preocupe — garanto, antes de lhe dar as costas e empurrar a porta. — Não vou fazer isso por você.

Capítulo cinco

Ele está atrasado. Faz dez minutos que estou treinando cobrança de pênaltis quando Arlo enfim chega ao campo e caminha até mim sem a mínima urgência. Quando voltei para casa depois do treino da véspera, passei o restante da noite elaborando um plano para as aulas.

E o babaca nem se deu o trabalho de chegar na hora.

— Oi — cumprimenta ele, aproximando-se enquanto posiciono a bola alguns centímetros à esquerda da marca do pênalti.

— Achei que você tivesse dito que queria se comprometer de verdade — comento friamente, encarando o gol enquanto me afasto da bola.

— E quero — diz ele, indignado.

— Chegar atrasado não passa essa impressão.

— Fala sério, Sadie. — Ele suspira. — Só me atrasei alguns minutinhos.

Não me apresso e miro, cuidadosamente.

— Se estivesse comprometido de verdade, você teria chegado antes da hora.

— Estava no telefone com minha mãe — explica ele, cansado. — A gente nem sempre consegue se falar devido ao fuso, então é difícil fazer com que ela desligue. Não é nada de mais, é?

— Isso demonstra falta de respeito — argumento, olhando para a bola e depois para o gol.

— Você sempre leva tudo assim para o lado pessoal? — pergunta ele, secamente.

— Se uma pessoa me faz perder tempo quando estou tentando ajudá-la, eu levo para o lado pessoal.

— Foram apenas *alguns minutos* — responde ele, agora irritado. — E, *por favor*, pode chutar essa bola de uma vez, antes que a gente morra de velhice? Estou ficando louco aqui.

Expirando, confiro a mira uma última vez antes de avançar.

— Canto superior direito — sussurra Arlo assim que meu pé encosta na bola.

A bola bate no ângulo superior direito. Eu me viro para ele, franzindo a testa, as mãos nos quadris.

Um sorriso se insinua nos seus lábios.

— Eu te disse — diz ele, dando de ombros. — Você é um livro aberto para mim. E para um bom goleiro também. Talvez fosse bom você tentar ser um pouco menos previsível.

— Eu não sou previsível! — respondo, na defensiva.

Ele solta uma risada.

— Você pensa demais e não se arrisca. Consigo te ver analisando todos os possíveis resultados enquanto tenta decidir. Só precisa chutar a bola, McGrath.

— Não estou aqui para ouvir seus conselhos — digo rispidamente, furiosa por ele ter adivinhado a direção do meu chute. Ele deu sorte. — Vá se aquecer. Não quero que se lesione durante o treino.

— Ui! Mal posso esperar — diz ele, dando uma piscadela antes de começar a correr ao redor do campo. Reviro os olhos.

Argh. Ele é TÃO babaca.

Enquanto ele completa a volta, posiciono quatro cones em um quadrado e depois passo o tempo com embaixadinhas. Enfim ele se aproxima e começa a se alongar. Sem querer, dou uma olhada nos braços musculosos e definidos enquanto ele alonga o ombro, e meu pé erra a bola, que sai rolando pelo gramado. Ele dá uma risadinha quando começo a correr para pegá-la de volta.

— Viu algo interessante, McGrath?

— Vai sonhando, Hudson — respondo secamente.

— Vou mesmo! — Ele sorri.

Arremesso a bola com uma certa força, e ele ergue as mãos bem a tempo de pegá-la, antes de ser atingido no rosto.

— Vamos começar com um teste do quadrado — informo, apontando para os cones que coloquei no campo. — É um bom aquecimento, e treinar condução em torno dos cones vai melhorar seu domínio de bola e os movimentos dos pés.

Ele não parece nada impressionado.

— Está falando sério? Eu sei driblar, Sadie.

— Pelo que vi, seus dribles são bem precários.

— Aquela foi a primeira vez que joguei pra valer em um bom tempo.

— Você quer melhorar ou não? — pergunto, impaciente. — A técnica Neville disse para trabalharmos concentração e precisão, então é o que vamos fazer. Se te incomoda, é só dizer a ela. E aí eu paro de fazer esses treinos *com todo o prazer*.

— Olha, não é que eu não dê valor ao que você está tentando fazer... — argumenta ele com tranquilidade, jogando a bola para o alto e a pegando.

— Só achei que a gente ia treinar pênaltis, escanteios, cobranças de falta, essas coisas. Não essas manobras básicas para criancinhas. A técnica quer que eu seja o atacante principal, né? Então acho que seria melhor se você fosse para o gol e eu treinasse meus chutes.

Suspiro profundamente.

— Arlo, quantas vezes você teve oportunidade de fazer um gol ontem?

Ele põe a bola debaixo do braço.

— Sei lá. Uma vez?

— Isso. Uma vez.

— Está tentando jogar na minha cara que fiz merda?

— Estou tentando explicar que você não pode ficar esperando o time te dar oportunidades. Precisa criar jogadas por conta própria. Para que você possa ter a oportunidade de fazer um gol, primeiro a gente precisa colocar a bola do seu lado do campo.

— E os exercícios de drible vão me ajudar com isso — diz ele, nada convencido.

— Isso, Einstein. Deixar a bola por perto, controlá-la completamente e mudar de direção com facilidade são coisas que ajudam o jogador a manter a posse. Se você continua com a bola, você pode chutar a gol. Entendeu?

Ele inclina a cabeça.

— Sabe de uma coisa? Acho que faz sentido.

— Valeu pelo elogio — murmuro. — Então, como eu disse, vamos aquecer treinando dribles e passes. Vamos ver como você se sai, depois a gente segue adiante.

— Passes — repete ele, enrugando o nariz. — Parece uma chatice.

— Você está precisando mesmo treiná-los. Precisa melhorar, e muito, a capacidade de comunicação e o trabalho em equipe.

— Achei que você tinha dito que queria trabalhar meus dribles para eu poder manter a posse de bola antes de fazer um gol — comenta ele. — Ênfase no *eu*. De que adianta passar a bola para os outros?

— Um time tem mais do que um jogador, Arlo — lembro a ele, impacientemente. — Acha mesmo que não precisa de mais ninguém?

— Acho que, se eu tiver a oportunidade de fazer um gol, vou aproveitá-la.

— E se outro jogador do seu time tiver uma oportunidade ainda melhor?

Ele dá de ombros.

— Quero criar oportunidades para mim.

Encaro-o e cruzo os braços.

— Caramba. Talvez seja melhor passar a maior parte da aula falando da importância de jogar em equipe. É o tipo de coisa que ensinamos a criancinhas, mas pelo jeito você está um pouco atrasado nesse quesito.

— Você vai mesmo ficar aí, fingindo que não se acha a jogadora mais importante do seu time? — Ele abre um sorriso de cumplicidade antes de se aproximar e dizer num tom conspirador: — Pode admitir. Não conto pra ninguém.

— Meu Deus, não acredito que vou precisar soletrar — murmuro, jogando a cabeça para trás em desespero. — Arlo. Lição número um: em um time de futebol, cada jogador é tão importante quanto o outro.

— Diga o que quiser — fala ele, girando a bola na ponta do dedo e sorrindo. — Mas nós dois sabemos que somos nós que merecemos toda a glória. É por isso que jogamos, não é? É por isso que você dedica todo o seu tempo livre a esse esporte. Para poder ser a melhor. Eu te entendo, Sadie McGrath.

Vou até ele e dou um tapa na bola.

— Você não me entende nem um pouco — rosno, fitando-o.

Ele me olha nos olhos. Não diz nada. Seu peito sobe e desce com a respiração ofegante. Engulo em seco diante daquele olhar intenso. Quando ele passa a encarar meus lábios, percebo o quanto estamos perto um do outro e recuo depressa, pigarreando. Vou pegar a bola.

— Já perdemos tempo demais conversando — resmungo, irritada comigo mesma. — Vai querer fazer o exercício ou não? Não estou te obrigando a ficar aqui.

Ele estende as mãos para que eu lhe entregue a bola.

— Vamos fazer do seu jeito — decide ele.

Jogo a bola a seus pés. Ele abaixa as mãos e para a bola com a chuteira.

— Ótimo — respondo, apontando a cabeça para os cones. — Ao trabalho, Hudson.

— Você é *tão* sortuda. — Amy suspira profundamente, encostando-se na cadeira e tomando um gole da vodca com suco de cranberry. — Por que o técnico Hendricks não me pediu para dar aulas particulares ao novato?

— Ele é um dos garotos mais sexy que já vi — concorda Jade, conferindo o colo realçado pela camiseta rosa decotada. — E aquele sotaque americano... *maravilhoso*. De que parte dos Estados Unidos ele é, Sadie? Vocês devem ter conversado um pouquinho.

— Na verdade, não — admito. — Não sei nada sobre ele. Só sei que é péssimo em receber ordens.

— Ele é de São Francisco — informa Amy animadamente. — Hayley me contou. Acho que ele e Dylan são amigos. A mãe é do Zimbábue, e o pai é americano.

— Você pediu para ele treinar sem camisa? — pergunta Quinn, ficando decepcionada quando balanço a cabeça. — Da próxima vez, faça isso e convide todas nós para julgar o desempenho dele.

Reviro os olhos.

Na véspera, eu e as meninas jogamos a primeira partida do campeonato, contra o time de Stirling. Comemoramos nossa vitória com uma festa divertida, que terminou virando uma ressaca terrível pela manhã. Quando as garotas quiseram continuar comemorando agora de noite, hesitei, mas Jade me convenceu, especialmente porque nos encontramos num bar da faculdade. Não precisei andar muito. As garotas estão insistindo para que eu fale mais de Arlo desde que Jade lhes contou, na noite passada, sobre nossas aulas particulares. Porém, só as decepiono com minha falta de entusiasmo.

Nosso primeiro treino começou mal e depois só foi ladeira abaixo.

É evidente que Arlo ainda está resistindo à ideia de ter aulas, pois mal prestou atenção ao que eu lhe disse e, mesmo quando o fez, não seguiu minhas instruções. Foi como se tudo não passasse de uma piada para ele.

É incrivelmente frustrante, pois, sendo sincera, houve momentos em que entendi o que o técnico Hendricks quis dizer. Arlo sabe... digamos... brilhar no futebol. Quando quer, obviamente. Ele tem um talento natural e, em alguns momentos, quando estava conduzindo a bola e correndo na direção do gol, enxerguei uma coisa que eu não soube definir o que era. Talvez ambição. Dedicção. *Paixão* pelo futebol.

Mas depois parecia que algo mudava. Num segundo, eu estava observando um jogador profissional. No outro, ele perdia a motivação. Ele desacelerava, pisava errado, brincava com a bola e ria. Como se aquilo não importasse.

Não consigo entendê-lo.

— Ele é solteiro, Sadie? — pergunta Amy, animada.

— Não sei — respondo, mexendo meu drinque com o canudo.

Ela me encara, surpresa.

— Você não perguntou?

— Não. — Dou uma risada, balançando a cabeça. — A gente estava jogando futebol, não conversando sobre nossas vidas amorosas. Acho que, quanto menos eu conversar com Arlo, melhor.

— Não é possível que ele seja tão terrível assim — argumenta Jade, me incitando com o cotovelo. — Ele me pareceu gente boa quando nos falamos. Mas nem sei o que ele disse. Me perdi um pouco naqueles olhos escuros e sensuais. — Ela faz uma pausa. — Sabe, acho que Quinn tem razão. Fazê-lo treinar sem camisa vai alavancar muito o ânimo do time.

— O ânimo do nosso time já está ótimo sem a ajuda de Arlo Hudson — insisto.

— Está? — Quinn muda de posição e olha para Amy. — Como vão as coisas entre você e Hayley?

Meu rosto esquenta e fica vermelho.

— Está tudo bem. Somos amigas.

— Sim, mas agora que ela está ficando com Dylan... — Quinn hesita, procurando as palavras certas. — Sei lá... você não deve estar gostando muito de ver aquilo.

— Eles estão ostentando mesmo a relação, não é? — comenta Jade, amarga.

— Não ligo para o que eles fazem — insisto. — Os dois podem fazer o que quiserem! Já falei: eu e Hayley somos amigas. O time não precisa se

preocupar. Vocês viram como nós duas interagimos bem ontem. A gente jamais deixaria isso abalar o time. Estou feliz por ela e Dylan.

— E agora ela pode ficar feliz por você e Arlo — diz Jade, sorrindo para o seu drinque.

— Nós estamos *treinando* juntos — lembro a todas enquanto as outras garotas riem do comentário de Jade. — E nada mais. Acreditem em mim: só existe hostilidade entre nós.

Jade dá de ombros e diz:

— Por enquanto, pode até ser. Mas vamos ver o que acontece. Eu bem notei a maneira como ele te olhou quando vocês estavam correndo juntos.

Viro para ela, surpresa.

— Sêrio?

— Juro por Deus! Ele ficou te secando — diz ela com um sorriso travesso, balançando o dedo para mim. — Eu *sabia* que você estava interessada. Olha só a maneira como seu rosto se animou com a ideia de ele estar a fim de você.

— Eu não me animei! — protesto, tomando o resto do drinque.

— Ela está ficando vermelha! — provoca Quinn. — Vocês dois formariam um belo casal.

— Concordo — diz Amy, antes de suspirar melancolicamente. — Mas eu ficaria um pouco triste se aquele gostoso não fosse mais solteiro. Porém, eu superaria e ficaria feliz por você.

— Cacete, calma aí! — respondo, colocando o copo vazio na mesa e me levantando. — Vou pegar a próxima rodada antes que vocês pirem de vez e comecem a planejar nosso casamento.

Amy arregala os olhos, entusiasmada.

— Ai, será que você se casaria nos Estados Unidos?

— Amy! — sibilo enquanto as outras caem na gargalhada.

— Quem é que vai casar? — pergunta uma voz familiar por cima do meu ombro.

Eu me viro e vejo Arlo Hudson atrás de mim, com um semblante intrigado.

— Ninguém — balbucio, as bochechas coradas enquanto ignoro as risadinhas das minhas amigas. — O que você está fazendo aqui? Seu dormitório não fica aqui perto.

Ele aponta a cabeça para Dylan e Hayley, que estão no bar com alguns jogadores do time masculino. Não vi quando os dois chegaram.

— Dylan mandou mensagem perguntando se eu queria sair pra beber. Ainda estamos afogando as mágoas depois da derrota de ontem — explica ele, inclinando o pescoço para ver quem está comigo. Ele sorri e acena para as garotas. — Oi, vocês também são do time, né? Lembro de vocês do treino.

Dou um passo para o lado a fim de que todos possam se apresentar devidamente. Evito olhar para Jade, *rezando para* que Arlo não tenha ouvido nada da conversa que interrompeu.

— Posso pagar a próxima rodada? — oferece ele ao grupo.

Suas fãs balançam a cabeça, gratas, e ele pergunta o que cada uma quer tomar antes de se virar para mim.

— E o que você deseja, Sadie? Ou é errado um aprendiz comprar um drinque para sua mestra? — Ele se vira para as outras três. — Quando eu voltar com as bebidas, vocês vão ter que me contar o que ela falou de mim depois do nosso treino, combinado?

— Por que é que eu falaria de você? — pergunto, com arrogância.

— Ah, qual é — diz ele, surpreso. — Vai mesmo fingir que não passou esse tempo todo falando de mim?

O rubor toma minhas bochechas.

— Tenho coisas melhores para discutir do que você, Arlo.

— Você me parte o coração, Sadie. — Ele sorri e se vira para Jade. — Ela falou *alguma coisa* de mim, não falou?

— Providencie aqueles drinques que eu te conto tudo o que você quiser saber — promete Jade em tom de flerte.

— Então vou trazer dose dupla — diz Arlo, e ela aprova.

Com um sorriso para mim, ele se afasta e se junta a Hayley e Dylan no balcão.

Eu me viro para fuzilar Jade com o olhar. Ela está brindando com Amy e Quinn.

— O que *diabos* você fez? — sibilo para ela. — Agora ele vai voltar pra cá e passar o resto da noite com a gente!

— Vai mesmo — diz ela, orgulhosa. — Aviso logo que vou querer ser madrinha, viu, McGrath?

Capítulo seis

Estou tão absorta nos meus pensamentos enquanto amarro o cadarço da chuteira que não escuto Hayley anunciar que Dylan a pediu em namoro. É somente quando o restante do time começa a reagir à notícia que eu presto atenção.

— Nossa! Quando foi que ele te pediu? — pergunta Amy, me observando.

— Na outra noite, quando estávamos no bar — responde Hayley. — Foi quando ele pediu pela primeira vez, mas desde então vem me pressionando por uma resposta.

— É meio precipitado, não acha? — diz Quinn, surpresa. — James e eu já estávamos juntos havia um tempo quando ele me perguntou se eu estava ficando com mais alguém.

— Zara e eu começamos a namorar sério já depois de umas duas semanas — salienta Maya, dando de ombros, e depois suspira fundo. — Mas é óbvio que ela desconhecia o conceito de exclusividade...

— Você deu sorte, Maya — lembra Amy, carinhosamente. — Você merece alguém muito melhor.

— Pois é — admite Maya, assentindo. — Ainda bem que não demorou para que eu descobrisse que ela também estava namorando outra garota do curso dela.

— Ela foi terrível, Maya — concorda Hayley, amarrando o cabelo. — Mas acho que Dylan está levando a gente a sério. Conte pra vocês que ele apareceu lá em casa ontem, com um buquê de flores? Sem nem avisar. Foi muito fofo.

— Sim, você contou — fala Jade, e acrescenta baixinho: — Umas cem vezes.

— Então vocês estão namorando mesmo? — insiste Quinn, vestindo o calção de futebol e pegando as chuteiras no armário.

— Eu falei que ia pensar e que depois respondia — informa Hayley tranquilamente, retocando o *gloss* labial no espelho; algo que ela só passou a fazer antes do treino desde que começou a ficar com Dylan. Ele tira todo aquele *gloss* antes mesmo do começo do treino, então nem sei por que ela se dá o trabalho, mas cada um faz o que quer.

— O que vocês acham? Devo aceitar? — pergunta Hayley, virando-se para nós.

Termino de amarrar as chuteiras e me levanto. Enquanto endireito a postura, nossos olhares se encontram. Parece que agora preciso responder à pergunta, senão vou dar a impressão de que estou evitando a conversa de propósito. Odeio o fato de ela estar falando do relacionamento na minha frente, como se eu não significasse absolutamente nada, como se o que nós duas tivemos não importasse.

Mas não quero que ela perceba.

— Se você gosta dele, por que não? — digo, me obrigando a sorrir. — Não acho que o tempo faça diferença. Se é a pessoa certa, é a pessoa certa.

Olhando fixamente para mim, ela assente.

— Pois é — diz ela. — É o que eu acho.

Ainda sorrindo, pego minha garrafa de água, fecho a porta do armário e saio com Jade. Ao ar livre, eu respiro fundo.

— Você está bem? — pergunta ela, os olhos repletos de preocupação. — Ela está sendo a maior vaca, Sadie. Não sei como ela acha aceitável falar essas merdas na sua frente.

— Tudo bem — respondo com um aceno de mão e me encaminho para o campo. — É bom ela achar que pode. Quanto mais nós duas agirmos como amigas, mais rápido voltaremos a ser amigas. E aí o constrangimento passa.

— Dá pra perceber que você está chateada — diz Jade, baixinho. — Você tem o direito de estar magoada, sabia?

Nego com a cabeça.

— Não é isso. Bem, acho que fiquei um pouco magoada, sim. Mas não é por isso que estou chateada hoje. É por causa do meu pai.

— Ele está bem? — pergunta ela, preocupada.

— Não. Falei com ele por chamada de vídeo mais cedo e... ele não me reconheceu — admito baixinho, as palavras presas na garganta.

— Ai, Sadie. Lamento muito.

— Está tudo bem. — Tomo um gole de água, contendo as lágrimas que enchem meus olhos. — Isso nunca aconteceu antes. Quer dizer, não nesse nível. A memória dele está piorando e tal, mas eu não... ele sempre me reconheceu.

Jade segura meu braço e me faz parar.

— Quer desabafar? Ou ficar um pouco sozinha? — pergunta ela baixinho, antes de apontar a cabeça para o técnico Hendricks. — Posso dizer a ele que você não está se sentindo muito bem.

— Não, quero jogar — digo, com firmeza.

— Tudo bem, mas se quiser conversar...

— Eu estou bem — digo, interrompendo-a. — Mas obrigada.

Ela assente, compreensiva, e eu saio correndo para dar a primeira volta no campo.

Não quero falar sobre o assunto. Não quero *pensar* no assunto. Já li muito sobre a doença, e sei que em muitos casos a memória se deteriora bem depressa. Mas eu não estava preparada para que tudo degingolasse em tão pouco tempo. Naquela manhã, quando eu estava no FaceTime com meus pais, eu e ele estávamos conversando sobre futebol — desde que comecei a jogar a sério, essa tem sido a melhor maneira de me aproximar dele. Ele se alegra quando fala disso, e é como se voltasse a ser quem era antes, pois fica falando com entusiasmo de jogadores, partidas e táticas, lembrando-se de fatos e placares bem antigos que a maioria das pessoas já teria esquecido. Eu estava contando que o técnico me pediu para dar aulas ao novato, e ele estava assentindo com a cabeça, curioso com os treinos que montei.

— Ótimo, parece ótimo. Você devia conversar com a nossa Sadie. Ela também entende muito de futebol — disse ele, antes de se virar para minha mãe. — Quando é que ela volta? Talvez precise que eu vá buscá-la na estação.

Foi como se alguém tivesse me dado um soco no estômago e me deixado totalmente sem ar. Meus olhos se encheram de lágrimas, e a garganta se fechou. Abri um pequeno sorriso enquanto minha mãe explicava calmamente que era comigo que ele estava falando naquele momento, e vi a confusão surgir no seu rosto quando me viu na tela de

novo. Foi uma tortura. Inventei logo uma desculpa para desligar. Não aguentei vê-lo daquele jeito.

Tudo o que eu quero é jogar futebol e esquecer todo o resto.

— Oi, Sadie — diz Arlo, aproximando-se enquanto me alongo. — Aquela noite foi legal. Você se divertiu?

— Quando? — pergunto, vendo Hayley cumprimentar Dylan com um beijo longo e intenso, causando repulsa nos dois técnicos ali perto.

— No bar de Collingwood — responde Arlo, franzindo a testa. — Quando todos nós bebemos juntos, lembra?

— Ah, é mesmo. Sim, foi legal.

— Mas parecia que você estava me evitando — comenta ele.

Eu me viro, com uma carranca.

— Hã? Eu não estava te evitando.

— Foi a impressão que passou — diz ele, dando de ombros. — Quando eu apareci com os drinques, você se sentou do outro lado da mesa e mal falou comigo o restante da noite. Não sei se você me evitou de propósito porque não gosta de mim ou porque *gosta* de mim. Talvez seja a segunda opção. Você fica tímida perto de mim, Sadie?

Reviro os olhos.

— Não fica se achando. Se não nos falamos a noite inteira, nem percebi. Eu estava me divertindo com minhas amigas.

Somos interrompidos pelo gritinho de alegria de Hayley quando Dylan a ergue do chão e rodopia, antes de beijá-la outra vez.

— Pelo jeito, ela aceitou o pedido de namoro — comenta Arlo, rindo.

— Pois é — murmuro, antes de gritar para o técnico Hendricks. — A gente pode jogar logo futebol, por favor? O que é que estamos fazendo aqui?

— Boa, McGrath. — O técnico bate palmas. — Hoje teremos mais um amistoso entre o time masculino e o feminino. Depois da primeira rodada do campeonato, ficou evidente que precisamos... CARSON! ASHTON! — Ele lança um olhar fulminante para Dylan e Hayley, ainda emaranhados um no outro. Os dois se separam após o grito. — Se querem se comportar como dois adolescentes cheios de hormônios, vão fazer isso em outro lugar. Aqui é um campo de futebol, não um baile do colégio. Tenham um pouco de respeito, cacete.

— Desculpe, técnico — diz Hayley, mordendo o lábio.

— Desculpe — repete Dylan, esperando que o sr. Hendricks desvie o olhar para estender o braço e beliscar a bunda dela. Hayley dá uma risadinha e lhe sopra um beijo.

A raiva ferve dentro de mim, pois essas demonstrações de carinho dos dois pioraram ainda mais o meu dia. Quando recebemos a instrução de nos posicionar em campo, estou desesperada para chutar a bola o mais forte possível.

— Aproximem-se, capitães — ordena o técnico Hendricks, acenando para mim e Dylan. Ele procura uma moeda no bolso, enquanto a técnica Neville põe a bola no centro do campo.

— Você está bem, Sadie? — pergunta Dylan, sorrindo para mim enquanto calça as luvas de goleiro. — Parece estar um pouco irritada com alguma coisa.

Ele é *péssimo*. O que Hayley está fazendo com esse cara, hein?! Encaro-o com raiva e não vejo a hora de apagar aquele sorriso perfeito, depois que nós os derrotarmos.

— Não é o ciúme que está afetando seu humor, é? — prossegue ele, saboreando cada palavra.

— Cale essa boca, Carson! — exclama o técnico Hendricks, assustando Dylan.

Lançando um olhar fulminante para Dylan, o técnico joga a moeda para o alto.

— Cara! — grita Dylan.

O técnico mostra a moeda com o lado da coroa virado para cima.

— Primeiro as perdedoras, pelo jeito — comenta Dylan, dando de ombros.

— Você realmente acha que *eu* vou perder hoje? — respondo secamente, perplexa com sua grosseria.

— Talvez não em campo, mas acho que é fácil dizer quem está ganhando fora das quatro linhas — argumenta ele, antes de olhar diretamente para Hayley e acenar.

Ela sorri em resposta.

— *Vá se foder, Dylan* — sibilo, perdendo o autocontrole.

Ele sorri triunfantemente. Eu me viro e marcho até a bola.

— Você está bem, Sadie? — pergunta Jade.

— Já disse que estou bem! — retruco.

Vejo-a trocar um olhar com Amy, mas ignoro. No momento, não ligo para nada nem para ninguém. Só quero saber de colocar a bola dentro do gol. Vamos vencer essa partida custe o que custar. Eu me recuso a perder mais uma vez hoje.

O técnico apita, e a partida começa; se é que se pode dizer que é uma partida. O time masculino não tem nenhuma chance. Fazemos um gol nos primeiros minutos, depois que Alisha chuta a bola para Amy, que, driblando com facilidade o oponente, faz um lindo passe para mim depois que me livro do zagueiro. A bola voa por cima das mãos estendidas de Dylan e entra no gol.

Enquanto Amy e eu comemoramos, Dylan pega a bola e a arremessa para longe furiosamente, gritando para que seus colegas de time “façam alguma coisa, porra”. Infelizmente, suas palavras inspiradoras não parecem surtir muito efeito — nossas zagueiras passam o primeiro tempo bem entediadas, avançando um pouco no campo só para tocar na bola. Percebo Arlo cada vez mais frustrado, se esforçando para ajudar seus zagueiros, em vão.

Admito que ele é, de longe, o melhor jogador do time. Num dado momento, quando finalmente pega a bola, ele a conduz com confiança pelo campo, mas termina a perdendo para Quinn, que o marcou na pressão o tempo todo e terminou roubando a bola. Ele devia ter passado a bola antes. Com o passe, talvez tivesse feito um gol.

Quando o técnico apita para indicar o fim do primeiro tempo, o placar está três a zero para nós. Os garotos estão furiosos, e ouvimos Dylan dizer que eles são “uma vergonha” enquanto o time forma uma roda. Depois de tomar a água da minha garrafa e jogá-la para o lado, começo a voltar para o campo. Dylan esbarra no meu ombro quando vai pegar a própria garrafa.

— Qual é o problema, Dylan? — pergunto, com doçura. — Achei que você estivesse preparado para perder no campo. Ou não consegue me ver te derrotar em nada?

— A partida ainda não acabou, Sadie — lembra Arlo, falando da área onde ele está parado, com o restante do time.

— Acho que vocês vão descobrir que já acabou sim — anuncio bem alto para que todos ouçam, já que todo mundo está se envolvendo na história. — Não estamos tendo quase nenhuma dificuldade. Vai ser um

milagre vocês chegarem perto de *fazer um gol* no próximo tempo. Quanto mais vencer.

Arlo me olha de um jeito estranho.

— Quanta elegância — murmura ele.

— O que foi? Quem fala o que quer ouve o que não quer — digo, com arrogância.

— Quando foi que você me ouviu “criticar” alguém? — replica Arlo. — E nunca é sensato começar a comemorar antes do fim da partida. Podemos até estar um pouco enferrujados, mas...

— Um *pouco* enferrujados? Ha-ha! — Dou uma risada.

— Sadie — diz Jade, em tom de advertência.

— Mesmo se todas nós jogássemos em posições diferentes ainda derrotaríamos vocês. De olhos fechados — declaro, incentivada pela expressão transtornada de Dylan.

Arlo cruza os braços.

— É mesmo?

— Na verdade, por que não fazemos isso? — sugiro, dando de ombros.

— Nossas atacantes trocam de lugar com as zagueiras, e a gente vê o que acontece.

— McGrath, não... — começa o técnico, mas Arlo o corta e se aproxima de mim.

— Tudo bem, certo — diz ele, me olhando dos pés à cabeça. — Se está tão desesperada para provar seu argumento, por que não? Assim vou ter a oportunidade de ver sua cara bem de pertinho quando eu passar por você com a bola e fizer um gol.

— E assim eu vou ter a oportunidade de te ver com a cara na lama, depois que eu roubar a bola dos seus pés — respondo, aproximando-me dele.

— Beleza — rosna ele, semicerrando os olhos para mim.

— *Beleza* — digo, recusando-me a ceder.

Depois de inspirar fundo pelo nariz, ele finalmente desvia os olhos e se vira para falar com o time. Fulmino suas costas com o olhar e faço a mesma coisa.

— Não quero jogar como zagueira — reclama Amy. — Sadie, a gente precisa mesmo fazer isso? Era para estarmos treinando todos juntos para o próximo jogo, não provando que somos melhores que ele. Já sabemos que

somos melhores. O Leeds Beckett é um time forte, não podemos entrar em campo despreparadas.

— A gente vai fazer isso — respondo com firmeza, antes de me dirigir às outras, que me observam com cautela. — Vai ser uma boa maneira de nos colocar no lugar das nossas colegas de time. Às vezes é bom enxergar as coisas por um novo ângulo. Podemos até terminar tendo ideias para estratégias criativas e diferentes.

Elas não parecem muito convencidas, mas sou a capitã e aceitam minha liderança. O técnico Hendricks consulta seu relógio e me diz que posso fazer o que quiser, contanto que ache que vai ser realmente útil. Eu lhe garanto que acredito nisso. Derrotar o time dos garotos com facilidade, sem sequer jogar nas nossas posições, vai aumentar, e muito, nossa confiança. Tenho certeza.

O segundo tempo começa meio mal enquanto nos acostumamos às novas posições. Arlo chega a ter uma boa chance de fazer um gol quando, para meu horror, Michael cruza para dentro da área, e ele cabeceia no canto superior esquerdo do gol. A bola bate na trave e vai para fora, por cima da rede. Ele enterra a cabeça nas mãos, e eu respiro aliviada.

Depois do susto, paro de agir com tanta complacência e grito pedindo que meu time mantenha o foco. A posse de bola volta para nós, e alguns minutos depois Quinn passa para Alisha, que chuta direto para o gol, fazendo Dylan berrar um monte de palavrões. Continuo em cima de Arlo e o pressiono o máximo possível quando passam a bola para ele outra vez. Não vou deixar que tenha outra chance. Quando ele tenta me driblar, eu o desarmo com mais força do que o necessário, fazendo-o perder o equilíbrio. Ele cai no chão, e eu passo a bola adiante dando uma gargalhada. Apoiando-se nos cotovelos, ele me lança um olhar de puro ódio.

O técnico apita para indicar o final do segundo tempo, e eu estendo o braço para ajudar Arlo a se levantar, mas ele não aceita e afasta minha mão. Ele fica de pé, e um de seus colegas se aproxima para lhe dar um tapinha consolador nas costas. Ele sai zangado para o vestiário, e o restante do time o acompanha. Fico surpresa quando vejo que ninguém do meu time está comemorando. Até Jade parece constrangida.

— Foi um lance interessante, McGrath — comenta o técnico Hendricks, franzindo a testa.

— Não fiz falta nele — digo na defensiva, erguendo as mãos exasperada. — Não é culpa minha se ele não aguenta a pressão.

— Eu te pedi para dar aulas a ele para que o time masculino ganhasse confiança e começasse a acreditar que pode vencer — lembra rispidamente o técnico Hendricks. — Não para você humilhá-lo e acabar com o restante da equipe.

Com essa tirada, ele me dá as costas. Fico no campo sozinha, observando enquanto ele e as outras garotas do time se afastam.

Capítulo sete

Depois que Arlo não comparece à nossa aula particular no dia seguinte, decido ir atrás dele. No começo, achei que o técnico tinha sido injusto — nós vencemos a partida honestamente, e Arlo concordou com a troca de posições do nosso time. Assim, não me senti totalmente culpada por seu constrangimento. Porém, ninguém se gabou no vestiário depois da partida, e não deixei de perceber os olhares feios que Hayley lançou na minha direção quando foi consolar Dylan depois. Até mesmo Jade comentou que, apesar de me apoiar e de ter adorado ver Dylan quebrando a cara, achava que eu tinha exagerado um pouco na brutalidade.

— Você teve um dia difícil — justificou ela, sorrindo para mim. — Vamos sair para beber alguma coisa.

Eu não quis sair e voltei ao meu quarto para estudar esquemas táticos no YouTube, mas comecei a me sentir culpada e decidi que pediria desculpa a Arlo naquele dia, quando estivéssemos a sós.

Acho que eu não deveria estar surpresa com o fato de ele não ter aparecido. Não fui uma mentora muito inspiradora na véspera. Esperei quinze minutos caso ele estivesse atrasado, depois desisti. Pensei em bater pênaltis sozinha, mas sei que preciso corrigir a situação.

O técnico estava certo na tarde anterior. Estou envergonhada por ter deixado meu ego e minhas vinganças pessoais falarem mais alto do que minhas responsabilidades como uma boa capitã e como parte de um time. Parece que traí o esporte, e se meu pai soubesse como agi, não ficaria nada orgulhoso de mim. Ele sempre me ensinou a ser competitiva e agressiva em campo, mas também a ter respeito. Ontem, não tive espírito esportivo e decepcionei meu pai. E isso é insuportável.

Volto ao vestiário, tiro o uniforme e visto uma calça jeans e um moletom. Começo a caminhada até a residência estudantil de Arlo e demoro um pouco para encontrá-lo. Depois de perguntar a algumas pessoas, descubro onde fica seu quarto. A princípio, acho que tem mais

alguém com ele lá dentro, pois ouço vozes abafadas, mas depois percebo que é um filme. É possível, óbvio, que ele não esteja assistindo sozinho, mas já estou ali mesmo. Preciso tentar.

Respirando fundo, bato à porta. O filme é pausado, e eu dou um passo para trás, preparando-me. Ele abre a porta e se sobressalta, seus olhos se arregalando de surpresa.

— Oi — começo, abrindo um pequeno sorriso.

Ele fecha a cara. Usando o pé para deixar a porta aberta, ele cruza os braços.

— O que está fazendo aqui? — pergunta friamente.

— Nós tínhamos uma aula marcada hoje.

Ele pigarreia.

— Hum, acho que essa história de aula particular não está dando muito certo para mim. Então vou cair fora. Mas obrigado, e tudo de bom pra você.

Ele tenta fechar a porta, mas estendo a mão para impedi-lo.

— Pera aí, Arlo, quero pedir desculpas — digo apressadamente. — Desculpe por ontem. Eu me comportei mal. Estava com raiva de outras coisas e descontei em você, então sinto muito. Eu... hum... fiz merda.

Ele dá uma risadinha.

— Merda é pouco.

— Desculpa, de verdade — enfatizo. — Estou me sentindo péssima. Entendo que não queira ter mais aulas comigo, mas posso te convidar para beber alguma coisa como uma forma de me desculpar? Por favor?

Olhando-me com cautela, ele finalmente suspira fortemente e concorda.

— Tudo bem. Vou só pegar meu casaco.

Mantenho a porta aberta enquanto ele pega um casaco em cima de uma pilha de roupas na cadeira. Quando dou uma olhada na tela do seu notebook sobre o edredom, percebo que ele estava assistindo a um filme preto e branco, o que me parece uma escolha esquisita.

Ele percebe minha expressão e franze a testa.

— O que foi? — diz ele, acompanhando meu olhar até seu notebook.

— Nada — respondo depressa. — Está pronto?

— Estou. Vamos nessa.

Decido levá-lo a um bar especializado em gim, mais chique e íntimo, que não vai estar cheio de estudantes ou de pessoas que conhecemos. Tento puxar papo no caminho, mas nossa conversa parece forçada, então desisto, e seguimos em silêncio. Enquanto ele pega uma mesa, vou até o balcão pedir nossos drinques. Escolho dois gins-tônicas e, quando o vejo sentado, rolando a tela do celular, acrescento duas doses de tequila ao pedido. Arlo Hudson já me irrita o bastante quando não está se sentindo superior só porque estou implorando para ele me desculpar... vou precisar de tequila para enfrentar essa situação.

Quando volto à mesa, ele parece achar graça quando viro a dose de tequila e complemento com dois longos goles no meu gim-tônica. O sorriso que se insinua no seu rosto me deixa com a minúscula esperança de que talvez ele não me odeie completamente.

— Está nervosa? — pergunta, ignorando a tequila e tomando um gole do gim-tônica.

— Não — respondo automaticamente, depois hesito. — Um pouquinho.

— Então me sinto honrado. Não achei que você fosse o tipo de pessoa que fica nervosa.

— Por que?

— Porque já te vi jogando futebol.

— Sou diferente no campo — explico. — E, enfim, todo mundo fica nervoso uma vez ou outra.

— Mas não quando joga?

Dou de ombros.

— Não muito. Não, isso é mentira. Fico nervosa logo antes de o jogo começar ou quando preciso bater pênalti em alguma partida importante. Tirando esses momentos, acho que fico absorta demais no esporte para perceber meu nervosismo.

Ele sorri para si mesmo.

— Britânicos e pênaltis. Essa nunca foi uma combinação muito boa.

— Acho que você está se referindo aos *ingleses* — lembro a ele. — Os escoceses não têm nenhum problema com pênaltis.

— Bola fora.

Ele toma mais um gole de sua bebida. Faço a mesma coisa. Eu deveria dizer o que pretendo dizer, mas não consigo abordar aquele assunto

constrangedor. Ainda não. Dou mais um gole demorado.

— O que você estava assistindo? — pergunto tranquilamente, pondo o copo na mesa.

— *À Beira do Abismo* — diz ele, recostando-se na cadeira. — Já viu?

Faço que não com a cabeça.

— É um clássico — diz ele. — Humphrey Bogart e Lauren Bacall. Os dois têm muita química.

— É romance?

— É um filme *noir* — explica ele, antes de ficar pensativo por um instante. — Com um pouco de romance no meio.

— Não imaginei que você fosse fã de filmes em preto e branco — admito.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Por quê? Não pareço ser artístico e pretensioso o bastante para gostar de filmes antigos?

Não consigo conter uma risada.

— Bem... sim. Mas parece um preconceito bobo meu quando você fala desse jeito.

— E é bobo mesmo. — Os cantos dos seus lábios formam um sorriso. — Minha mãe gosta desses filmes, então a gente cresceu assistindo. Me reconfortam quando estou com saudade de casa.

— Você tem saudade de casa? — pergunto, sem conseguir disfarçar minha surpresa por ele estar sendo tão vulnerável na frente de sua arqui-inimiga.

— Com certeza — responde ele, inabalado. — Eu estou bem longe.

Assinto, dando outro gole no drinque.

— *À Beira do Abismo*. Vou anotar para ver depois.

— Posso te dar outras boas indicações — diz ele. — Na verdade, eu mesmo preciso assistir a alguns clássicos que nunca vi. Estou fazendo uma matéria sobre cinema, e boa parte dela é sobre a Era de Ouro de Hollywood.

— Você vai se formar em quê?

— Literatura inglesa.

— Você gosta de ler?

Um sorriso eloquente se espalha pelo rosto dele.

— Sadie, está ficando difícil não me sentir insultado toda vez que você se surpreende ao descobrir alguma novidade sobre mim. É como se não aceitasse que tenho outros interesses além do futebol.

— Desculpe — digo, corando. — É que... Acho que eu...

— Tinha uma certa impressão a meu respeito? — conclui ele.

— Tenho certeza de que eu também passo alguma impressão — respondo. — E não deve ser muito boa. Mas, depois de ontem, é isso que eu mereço mesmo.

Ele não diz nada. Dou outro gole e respiro fundo. É hora de falar do assunto incômodo.

— Mais uma vez, me desculpa, Arlo — deixo escapar. — Juro que não... que não sou daquele jeito normalmente. Eu não estava sendo eu mesma. Por favor, desculpa por ter sido uma babaca metida.

Ele finalmente vira sua dose de tequila e faz uma careta quando morde o gomo de limão depois.

— Tudo bem — diz ele, colocando o limão e o copo vazio na mesa. — Por que não estava sendo você mesma?

— Por vários motivos — respondo vagamente.

— Tem a ver com Hayley e Dylan? — pergunta ele, tomando o gim-tônica. — Ouvi falar que você ficava com ela.

— Não foi nada de mais — descarto, com um aceno de mão.

Ele me olha. Eu suspiro.

— Tá bem, não vou dizer que não foi *nada de mais* — admito. — Foi um rolo curto, mas intenso. Eu estava gostando dela. Que seja. Ela partiu pra outra.

— De um jeito nada discreto — comenta ele. — Não deve ser fácil para você e o time.

— É como eu gosto de dizer para o time: nós ficamos durante algumas semanas. Não foi tão sério quanto o pessoal fala. Nós duas somos perfeitamente capazes de manter o profissionalismo. — Hesito. — Mas não entendo o que ela vê em Dylan Carson.

— Dylan é gente boa.

— Ah, é, esqueci que vocês são amigos.

Ele dá de ombros.

— Não somos tão próximos assim. É divertido sair com ele. Mas não sei se ele tem potencial pra ser um bom capitão.

— Depois de ontem, nem sei mais se meu time acha que sou uma boa capitã — comento, desanimada. — Não foi o meu melhor momento.

— Ei, isso acontece. Todos nós temos dias ruins — diz Arlo. — Você é uma excelente capitã.

Fico surpresa, sem reação. Ele vê minha cara e cai na gargalhada.

— O que foi? Está chocada porque percebeu que eu sou capaz de ser gentil? — Ele ri. — Se tivesse se dado o trabalho de conversar comigo antes de hoje, já teria percebido.

— Eu conversei com você — digo, na defensiva.

— Quase nada. Mas você é rancorosa, isso é bem evidente — comenta ele. — Desde que nos conhecemos lá no Osbournes, você não foi nada simpática comigo. Tudo porque passei na sua frente na hora de pedir bebida.

— Ah! — Endireito a postura. — Então você admite que passou na minha frente.

Ele sorri para mim.

— Estou começando a te entender um pouco melhor, Sadie McGrath. Você não é apenas rancorosa, como também precisa vencer... no campo ou fora dele.

— Normalmente minha competitividade fica dentro do perímetro do campo de futebol — corrijo-o. — E você não colaborou muito para que eu deixasse meu rancor de lado. Não pareceu ficar muito contente quando o técnico me pediu para te dar aulas, e depois deixou bem claro que não queria estar lá.

— E você estava sendo tão simpática — comenta ele, com sarcasmo.

Eu me remexo na cadeira.

— Não é nada pessoal. Só ainda não me convenci de que aquela é a melhor maneira de usar o meu tempo. Preciso me concentrar em mim e em ser a melhor versão de mim mesma.

— Posso te perguntar uma coisa? Não quero que me leve a mal — começa ele, inclinando-se sobre a mesa e me olhando curiosamente. — Por que está se dedicando tanto a esse campeonato? Sei que você ama futebol... mas é apenas um campeonato entre as universidades, né? Não é nada sério.

— Para mim, é sério — respondo, assentindo. — Não tem nada mais sério do que isso.

Ele inclina a cabeça.

— Por quê?

Com um forte suspiro, eu me levanto.

— Antes de começarmos a falar disso, vou pegar outro drinque —
informo a ele. — Quer a mesma coisa?

— Pode ser — diz ele, parecendo surpreso, mas sorrindo para mim. —
E peça mais algumas doses de tequila também. Acho que vamos precisar.

Capítulo oito

Batemos os copos de shot na mesa. Faço uma careta por conta da ardência na minha garganta que faz meus olhos lacrimejarem, e Arlo se ajeita na cadeira.

— Vamos lá — começa ele, unindo as mãos. — Por que não tem nada mais importante pra você do que o campeonato universitário? Por que é tão importante assim?

— Porque ganhamos nos últimos dois anos, e se ganharmos três vezes seguidas, seremos o primeiro time na história a conseguir isso. Sou capitã este ano, e se eu conseguir uma vitória assim estando na liderança do time, vai ser bem importante.

— Sim. — Ele hesita. — Mas não deve ser só por causa disso. Deve ter mais algum motivo.

— Você tem razão — admito, pegando minha bebida. — Às vezes tem olheiros na final.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Olheiros de futebol procurando futuros jogadores profissionais.

— Exatamente. — Mordo o lábio. — Sei que é tarde para que me descubram, mas o técnico Hendricks conversou comigo sobre o assunto e disse que talvez seja possível. Já aconteceu com outras jogadoras universitárias, então, se eu jogar bem, pode rolar.

— Caramba, agora entendi — diz ele, parecendo impressionado.

— Eu *preciso* ser descoberta este ano. — Suspiro, girando as pedras de gelo no copo. — Depois talvez seja tarde demais.

— Sei que a maioria dos jogadores profissionais são contratados quando jovens, mas pode acontecer depois também — argumenta ele, baixando o olhar para as mãos. — Você ainda tem tempo.

— Na verdade, não foi isso que eu quis dizer — revelo, com a tequila me dando coragem para ser completamente sincera com ele. Arlo ergue o

olhar com interesse. — Eu quis dizer que depois talvez seja tarde demais para o meu pai.

Ele franze a testa, confuso.

— Seu pai?

Assinto devagar e tomo alguns goles do meu drinque, antes de dizer tudo em voz alta para um cara que mal conheço e que normalmente acho insuportável. Mas ele está me olhando de um jeito... como se aqueles intensos olhos castanhos estivessem me pedindo para confiar nele.

— Ele está doente — digo baixinho. — Ele tem demência precoce. A doença progride bem depressa, e quero que ele entenda que fui contratada para jogar profissionalmente antes que perca a capacidade de se comunicar ou não consiga mais me reconhecer. Tirando a família, futebol é tudo para ele. Meu pai jogou pela seleção escocesa, e quero que ele se orgulhe de mim. Preciso que ele saiba que vou conseguir.

Franzindo a testa, Arlo concorda.

— Sinto muito, Sadie — diz simplesmente. — Deve ser muito... Quando foi que vocês receberam o diagnóstico?

— Há uns dois anos. Foi quando comecei a jogar futebol pra valer — explico.

Ele me encara, chocado.

— Você só começou a jogar há dois anos? É sério?

— Tecnicamente, joguei a vida inteira, mas não direito. Quando eu era pequena, não gostava de jogar. Meu pai fez o que pôde para que eu me interessasse. Ele afirmava que eu tinha talento para jogar profissionalmente, mas não quis fazer escolinha de futebol. Se eu tivesse lhe dado ouvidos, talvez a esta altura eu já tivesse sido contratada por algum time. — Suspiro. — É tão bom analisar as coisas em retrospecto.

— Pera aí, quero entender uma coisa — diz Arlo, depois de tomar alguns goles de sua bebida. — Está me dizendo que teve uma época em que você, a Sadie McGrath obcecada por futebol, *nem gostava de futebol*?

— Acho que era mais uma questão de eu ter medo de jogar mal — argumento, rindo da reação dele. — Meu pai era tão famoso no nosso bairro e na escola... todo mundo sabia quem ele era, uma lenda local do futebol. Sempre que eu jogava, sabia que todo mundo estava de olho em mim, analisando tudo para ver se era boa. E eu sabia que não era, então parecia que estava decepcionando minha família ou algo assim.

— Certo. E aí, há dois anos, você decidiu jogar a sério.

— Foi como se o diagnóstico do meu pai tivesse sido o gatilho — confesso. — Percebi que eu estava evitando uma coisa por ter medo de perder. Mas, se nem me desse o trabalho de tentar, eu jamais descobriria se ganharia ou perderia.

— Uma clássica lição ancestral — diz ele, sorrindo.

— Exatamente. No começo eu treinava pelo meu pai, mas logo estava treinando por mim também. O campo de futebol é o lugar onde me sinto mais à vontade. Nos últimos dois anos, joguei o máximo possível para tentar compensar o tempo perdido. Minha mãe queria que eu me dedicasse a outra coisa na faculdade, mas sei que nenhuma outra carreira vai me deixar feliz. Quero ser jogadora profissional e quero que meu pai me veja conquistando esse sonho.

— Faz sentido.

— Ontem, nós dois nos falamos por videochamada e ele nem percebeu que estava conversando comigo — continuo, e minha voz trêmula revela meu sofrimento. Tomo o resto do meu drinque rapidamente. Logo percebo que meu bom senso já era e que quero me perder na névoa do álcool. — Hayley e Dylan também não ajudaram, mas não era por causa deles que eu estava chateada. Eu estava zangada com o mundo, triste com a doença do meu pai, preocupada com o que vai acontecer e sentindo a maior culpa por não estar em casa com ele e minha mãe para ajudar. — Respiro fundo. — Se não ganharmos o campeonato e eu não for contratada, vou ter passado todo esse tempo longe dele por nada.

Arlo parece pensativo por um instante, franzindo a testa. Depois ele se levanta abruptamente, e eu me pergunto se não o assustei contando a história da minha vida. Fico vermelha e estou prestes a me desculpar, mas ele se afasta e vai direto até o balcão. Fico surpresa quando o vejo pedir mais uma rodada de bebidas, e ele volta para nossa mesa com mais shots de tequila.

— Aqui está — diz ele, entregando uma dose para mim e pegando outra.

— Se eu tomar isso, daqui a pouco vou estar no chão — admito, sentindo a cabeça zozna.

— Confia: você precisa dessa dose para ouvir o que tenho a dizer — insiste ele, virando sua dose. Ele fica esperando que eu faça o mesmo. —

Obrigado por ter me contado sobre o seu pai. Não deve ter sido fácil.

— Desculpe se revelei demais.

— Não peça desculpas, por favor — diz ele com firmeza, erguendo a mão. — Se tem alguém que precisa pedir desculpa, sou eu por ter brincado com você sobre a importância do futebol na sua vida. Eu tenho sido um babaca. A partir de agora, vou levar a sério nossas aulas particulares. Prometo. Não vou desperdiçar um minuto sequer do seu tempo.

Sorrio para ele.

— Obrigada.

— E como você foi sincera comigo, eu vou ser sincero com você. — Ele se encosta na cadeira e olha para o teto. — Não gosto de falar dessas coisas, então vou ser rápido, está bem?

— Está bem.

Ele pigarreia.

— Há alguns anos, um olheiro me descobriu, e comecei a jogar para um time. Era o meu maior sonho. Meu pai nos deixou quando eu era pequeno, e eu e minha irmã gêmea fomos criados só pela minha mãe. Eu sabia que, se jogasse futebol profissionalmente, iria poder sustentá-la e retribuir tudo o que ela fez por mim e por Tamy, minha irmã. Elas ficaram muito orgulhosas de mim. As duas eram minhas maiores fãs. Então, certa noite, depois de uma partida...

Ele faz uma pausa, engolindo em seco. Então pega seu gim-tônica, toma o resto e devolve o copo para o descanso na mesa.

— Certa noite, depois de uma partida, na volta pra casa, minha mãe estava dirigindo e nós sofremos um acidente — prossegue ele, com a voz baixa e trêmula. — Um motorista bêbado estava dirigindo bem rápido, desviou do que terminou sendo um saco preto e bateu na lateral do nosso carro. Eu estava no banco de trás; Tamy na frente, no banco do passageiro. — Ele olha para as mãos unidas no colo. — Ela morreu na hora.

Inspiro bruscamente, os olhos cheios de lágrimas.

— Depois do acidente, passei um tempo sem poder jogar — diz ele, baixinho. — Machuquei a perna na batida. Demorei muito para voltar ao campo e ficar em forma. Então o time terminou perdendo o interesse em mim. Eu não estava mais jogando como antes e não tinha como garantir que isso aconteceria, pois eu tinha machucado feio a perna e era muito

jovem. Mais importante, meu coração não estava mais no jogo. Eu sempre... eu sempre a enxergava perto da linha lateral do campo.

— Arlo — sussurro e estendo o braço na sua direção. Ele ergue a vista rapidamente, então pego sua mão. — Sinto muito.

— Obrigado — agradece ele, olhando nos meus olhos.

Engolindo o nó na garganta, solto sua mão.

— Já se passaram alguns anos, e não ficou mais fácil, mas acho que a gente aprende a lidar melhor com a perda. Tamy sempre quis conhecer a Inglaterra — revela ele, sorrindo. — Nosso primo mora aqui, ele se mudou há anos, e ela sempre quis visitá-lo. Então fazer universidade por essas bandas me pareceu uma boa ideia. Imaginei que mudar de cenário me faria bem, sabe? Quando fui aceito em Durham, tentei evitar o futebol, mas... é difícil ignorá-lo aqui. As pessoas são loucas por futebol.

Faço que sim.

— É um ótimo esporte.

— Terminei me interessando de novo. Minha mãe me incentivou a tentar entrar no time da universidade. Acha que ainda posso ter alguma carreira relacionada ao futebol, não sei qual, mas ela gosta de dizer que é a *única* coisa que eu sei fazer bem.

Dou uma risadinha.

— Sua mãe parece legal.

— Ela é — diz ele, carinhosamente. — Mas eu digo a ela que só estou jogando para me divertir. Não quero que crie expectativas.

— Você quis se divertir e terminou me conhecendo. A vaca da capitã que te tratou muito mal. — Faço uma careta e enterro o rosto nas mãos. — Desculpe, de verdade.

Sinto seus dedos mornos envolverem meu punho e abaixarem minhas mãos, então sou obrigada a encará-lo.

— Na verdade, você despertou algo em mim que eu achava que tinha desaparecido para sempre — admite ele, com um tom de voz novo. É suave, sincero e sério. — Só um treino com você já me fez lembrar como eu me sentia. Você me deixou com vontade de voltar a ser bom no futebol. Me deixou com vontade de *vencer*.

Engulo em seco, e minha respiração fica trêmula enquanto seus olhos se fixam nos meus. Ele não tirou a mão do meu punho, e seu toque faz um calafrio percorrer meu corpo.

— Arlo — digo enfim, sentindo um frio na barriga.

— Sim?

— Você... quer mais um drinque?

— Quero — diz ele, abrindo um sorriso. — Quero, sim.

Capítulo nove

É curioso como uma noite pode mudar a opinião que você tem de alguém.

Antes dessa noite, eu estava convencida de que Arlo Hudson era um cara extremamente irritante, egocêntrico, metido e grosseiro que não levava nada a sério. Porém, agora entendo que me enganei. Ele é divertido, e tão fácil de conversar que o tempo passa sem que eu perceba. De repente, noto que estamos conversando neste bar há horas, e que estou bem bêbada.

— É melhor a gente ir — digo, consultando a hora no meu celular.

— Pois é. Ei, antes vamos trocar nossos números — sugere ele casualmente, estendendo a mão para que eu possa entregar meu celular. — Assim, da próxima vez que eu faltar uma aula, você não precisa dar uma de *stalker*. É só mandar mensagem.

— Eu não dei uma de *stalker* — protesto enquanto ele sorri e digita seu número. — E acho melhor que não tenha uma próxima vez. Você prometeu que agora ia levar as aulas a sério.

— Prometi.

Após salvar o número, ligo para o celular de Arlo para que ele salve o meu. Ele se levanta, põe o casaco e estende a mão.

— Eu deixo você no seu dormitório — afirma, como se não houvesse alternativa.

Seguro sua mão calorosa, e nossos dedos se entrelaçam enquanto ele segue na frente e atravessa o bar. A contragosto, sinto uma certa empolgação quando penso que quem está nos vendo deve achar que somos um casal, que alguém como ele ficaria com alguém como eu. Sem nem pensar, aperto sua mão, e ele reage fazendo o mesmo com a minha. Seu toque e o álcool estão me deixando tonta.

Após agradecer aos funcionários ao passar por eles, Arlo abre a porta do bar e para abruptamente ao perceber que está chovendo.

— Você trouxe guarda-chuva? — pergunta ele, virando-se para mim.

Balanço a cabeça.

— Não tem problema. Não me incomodo com a chuva.

— É óbvio que não — diz ele, suspirando. — Você é escocesa.

Ele solta minha mão, puxa o casaco para cima da cabeça, sai do bar e gesticula para que eu o acompanhe.

— Venha aqui pra baixo — instrui ele.

Faço o que ele pediu. Saio do bar e me encosto nele, pondo uma das mãos ao redor de seu braço definido e musculoso, e uso a outra para ajudar a erguer o meu lado da capa de chuva improvisada. Começamos a rir e seguimos depressa pelas ruas de paralelepípedos até Collingwood. Ele precisa se abaixar até a minha altura para que o casaco fique da mesma altura em nossas cabeças, então caminhar juntos vira um grande desafio. Num dado momento, eu tropeço e ele me segura, o braço forte sustentando meu peso e impedindo que eu caia. A chuva aperta, e desistimos de tentar cobrir nossas cabeças com o casaco. Ele o coloca em cima do ombro e começa a correr comigo pelo último trecho da rua que leva ao meu prédio, os dois gargalhando, completamente encharcados.

Quando chegamos à porta, eu me viro para ele. Arlo para perto de mim, o peito subindo e descendo enquanto recupera o fôlego. Ele passa a mão no cabelo, e gotas de chuva lhe escorrem pelas bochechas e pingam do maxilar anguloso. Não consigo tirar os olhos dele.

— Obrigada por ter vindo me deixar aqui — consigo dizer, com a voz rouca e meu corpo balançando na sua direção, revelando uma vontade repentina de ficar perto dele.

— Obrigado por ter me convidado para um encontro.

— Eu não te convidei pra encontro algum!

— Você foi até o meu quarto e me chamou para tomar um drinque com você — argumenta ele, com um sorriso brincalhão se insinuando nos lábios. — Pra mim, isso é um encontro.

— Não foi um encontro — explico. — Eu só queria pedir desculpas pelo meu comportamento ontem.

— Não sei por que está com vergonha, Sadie. Achei meigo você ir até o meu quarto e implorar para eu sair com você.

— Você é tão irritante — murmuro, revirando os olhos. — Não implorei coisa nenhuma, e *não* foi um encontro.

— Se você está dizendo... De todo jeito, foi divertido. A gente devia sair outra vez.

— Você ia adorar.

— Sim — responde ele, a voz baixa e grave.

Sinto um nó na garganta. Ergo o olhar e vejo que ele está me encarando intensamente. Com os olhos presos aos meus, ele estende a mão e encosta o polegar na minha bochecha, afastando as mechas de cabelo que grudaram na pele por causa da chuva. Abro levemente a boca. A respiração dele desacelera enquanto meu coração dispara, batendo tão forte que eu me pergunto se ele não é capaz de ouvi-lo por cima barulho da chuva.

Erguendo meu queixo com os dedos, ele abaixa a cabeça e pressiona os lábios nos meus. Eu o beijo com urgência, enlaço seu pescoço, os dedos emaranhados nos seus cabelos. As mãos de Arlo descem até minha cintura e me puxam para perto, e nosso beijo se intensifica.

Vários gritinhos à distância nos interrompem quando um grupo de amigas vira a esquina e se aproxima, rindo e correndo para escapar da chuva. Ainda com as mãos nos meus quadris, ele pressiona a testa na minha, e eu sorrio para ele.

Mordo o lábio.

— Arlo?

— Sim? — sussurra ele.

— Quer me acompanhar até o quarto?

— *Sim.*

Deslizo minha mão pelo seu braço e entrelaço meus dedos nos seus, depois me viro para abrir a porta do prédio e subir a escada com ele. Não encontramos ninguém; ou as garotas estão em seus quartos, ou saíram. Ainda bem que Jade saiu com os colegas de turma, então nós dois não seremos incomodados, e não vou precisar explicar como Arlo Hudson foi parar no meu quarto.

Nem eu consigo acreditar, mas aqui estamos nós.

Quando chegamos à minha porta, ele espera que eu a abra, parado bem atrás de mim. Suas mãos sobem e descem impacientemente pela minha cintura, e sinto seu hálito morno no cabelo. Empurro a porta, e ele não espera nem um momento a mais. Ele me vira e deixa a porta bater atrás de si enquanto me pressiona contra a parede, os lábios grudando nos meus antes mesmo que eu tenha tempo de acender a luz.

Com a cabeça girando devido ao álcool e ao cheiro almiscarado da sua colônia, tiro o casaco e o deixo cair numa pilha no chão. Ele inclina delicadamente minha cabeça para trás, beija meu maxilar e vai descendo pelo pescoço, as mãos fortes deslizando da minha cintura até os quadris e minha lombar. Eu me curvo contra seu corpo e ele solta um gemido, encontra meus lábios de novo e me beija com mais intensidade.

Na escuridão, eu o levo até minha cama, meus dedos procurando o interruptor do abajur, os dois nos recusando a interromper o beijo. O quarto se enche de uma luz laranja, e dou uma risadinha quando nossas pernas batem na lateral da cama. Arlo se desequilibra, senta na cama e segura minha cintura para me puxar para cima dele. Seguro seu rosto entre as mãos e abaixo a cabeça para beijá-lo novamente, agora de um jeito mais lento e calmo. Passo os dedos no seu cabelo enquanto ele me prende firmemente em seu colo. Quando interrompo o beijo, nós dois paramos por um momento. Minha respiração está ofegante, e ele me encara, engolindo em seco.

Sinto uma onda de tontura, fecho os olhos e me equilibro colocando as mãos nos seus ombros.

— Você está bem? — pergunta ele, cheio de preocupação na voz, me segurando com mais firmeza.

— Estou... eu só... preciso de um minuto.

— Você precisa de água. Vou pegar — sugere ele, me erguendo delicadamente como se eu não pesasse quase nada, e me senta na beira da cama.

— Tem algumas garrafas de água debaixo da minha escrivaninha — aviso a ele, pressionando a mão na cabeça, querendo que ela pare de girar.

Ele encontra o pacote de seis garrafas que comprei mais cedo, e o ouço abrir a tampa de uma delas. Com um leve toque, ele a oferece a mim. Aceito, agradecida, e começo a beber.

— É óbvio que você tem um engradado de garrafas de água no seu quarto — diz ele rindo, enquanto se senta do meu lado e ergue a mão para afastar o cabelo do meu rosto, colocando-o atrás da orelha. — Isso é coisa de gente responsável, de capitã.

— Não estou me sentindo muito responsável agora. — Faço uma careta e tomo outro gole de água.

— Quer que eu pegue alguma coisa?

— Não, estou bem, só um pouco envergonhada mesmo — admito baixinho.

— Não fique! Também estou bem bêbado. — Ele faz uma pausa, franzindo a testa. — Talvez seja melhor... desacelerar um pouco.

Expiro, passando a água para ele. Ele toma alguns goles.

— Acho que preciso me deitar — digo, me encolhendo quando, sem querer, olho diretamente para a lâmpada do abajur.

— Aqui — diz ele, se afastando para que eu possa me deitar no meu travesseiro. Ele ergue minhas pernas e as coloca em cima da cama.

— Arlo — começo, pegando sua mão e a segurando com força —, pode me fazer um favor?

— Do que você precisa?

Semicerro os olhos.

— Pode ficar aqui comigo?

— Posso — diz ele baixinho. — Posso, sim.

Eu recuo para abrir espaço, e ele se deita do meu lado, esticando o braço para que eu possa apoiar a cabeça no seu ombro e me aconchegar no seu pescoço. Enquanto me abraça, ele desliga o abajur e beija minha testa.

— Boa noite, Arlo — sussurro.

— Boa noite, Sadie — sussurra ele em resposta, e sinto seu hálito quente na pele.

Lembro que ele beijou minha cabeça mais uma vez antes de eu pegar no sono.

Quando acordo de manhã, com a boca seca e a cabeça latejando, ele já foi embora.

Capítulo dez

— **Ei! Sadie?** — Jade me dá uma cotovelada brusca. — Preciso da sua ajuda. O que acha que devo fazer?

— Desculpa, qual foi a pergunta mesmo? — respondo.

— Sabia que você não estava ouvindo. — Ela suspira, diminuindo o ritmo enquanto caminhamos pela rua de paralelepípedos, na direção de North Bailey, onde será minha próxima aula. Ela concordou em me acompanhar até a cafeteria predileta dela, pois quer tomar o terceiro café do dia. — O que você tem hoje? Está tão distraída.

— Desculpe, é só essa dor de cabeça mesmo — murmuro.

— Quer um remédio? Tenho aqui na bolsa — oferece, tirando uma cartela da bolsa de grife e a entregando para mim. — Hoje de manhã eu estava sofrendo horrores, mas isso me ajudou. Você devia ter saído com a gente ontem, perdeu uma noite divertida. Você podia ter nos encontrado depois do seu treino com Arlo.

Não contei nada a Jade sobre a noite passada. Estou tão envergonhada que mal consigo admitir para mim mesma o que aconteceu. Pelo menos tenho a certeza de que Jade não viu Arlo saindo do meu quarto, pois ela voltou pela manhã, desgrenhada, de ressaca, ainda com o vestido da véspera e carregando os sapatos. Tive que disfarçar minha própria ressaca, o que não foi nada fácil, e resistir à vontade de reclamar em voz alta sobre o fato de que Arlo ainda não mandou nenhuma notícia.

Nenhum bilhete, nenhuma mensagem, nada.

Se não fossem a minha cabeça latejando e o cheiro de sua colônia no meu travesseiro de manhã, eu me perguntaria se a noite passada realmente aconteceu. Ainda bem que não transei com ele, pois assim eu estaria mais envergonhada ainda com o sumiço do cara.

— Você estava com seus colegas de turma. Não quis me intrometer — respondo, tomando dois analgésicos e um grande gole de água.

— Você sempre será muito bem-vinda. E como foi lá?

— Lá o quê?

— O treino com Arlo.

— Ah. Hum. Foi normal. — Franzo a testa, sentindo um calor nas bochechas e querendo mudar logo de assunto. — O que foi que você perguntou quando eu não estava prestando atenção?

— O cara com quem eu fiquei ontem... Devo mandar mensagem pra ele ou não?

— Se você gostou dele, mande — respondo, dando de ombros.

— Mas ele não estuda aqui. Mora em Londres e estava visitando um amigo. Então de que adianta puxar papo? Não vai dar em nada mesmo. — Ela empurra os óculos escuros para cima do nariz, apesar do dia frio e ventoso, com ameaça de chuva. — Mas ele era gato e muito engraçado. Além disso, o sexo foi incrível. Sério, Sadie, se ele não tivesse ido para a boate de chinelo, eu até diria que é o homem dos meus sonhos.

Dou uma risada.

— Bom, ele precisa ter algum defeito. Gostar de chinelo não me parece nada muito grave.

— Não quero parecer carente demais.

— Quer mesmo minha opinião? Se você passou a noite com alguém, é legal mandar uma mensagem no dia seguinte, mesmo que não vá dar em nada — digo, sentindo um aperto no peito devido à minha triste situação.

— Tem razão — responde ela, assentindo enquanto paramos na frente da cafeteria. — Se fosse o contrário, se ele tivesse meu número e eu não tivesse o dele, eu gostaria de receber uma mensagem.

— Já tem sua resposta, então.

Ela pega o celular e me encara, em pânico.

— O que eu digo?

— Diga algo assim — começo, revirando os olhos e fingindo um desmaio enquanto abro a porta do café. — “A noite foi tão incrível que não consigo parar de pensar em você e no seu...” *Merda!* Foi mal!

Estava tão concentrada na minha própria atuação que dei o maior esbarrão na pessoa que está saindo da cafeteria, fazendo-a derramar o café recém-comprado na camisa. Quando ergo os olhos para ver quem é a vítima, congelo.

— Meu Deus, Arlo! — exclamo, sentindo o rosto corar.

Com uma careta, ele sacode a mão para limpar o café.

— Oi, Sadie — sussurra, examinando a mancha na camisa.

— A gente estava falando da Jade — digo apressada.

Ele me olha com uma expressão confusa.

— Hã?

— Eu estava dizendo que *ela* devia mandar uma mensagem para uma pessoa. Eu não estava falando de... hum... Para resumir, ela passou a noite com um cara, e eu estava ditando uma mensagem. Uma falsa. Obviamente.

Ele fica sem reação.

— Ok? Legal. Não ouvi o que vocês estavam dizendo. Estava um pouco ocupado com o banho de café quente.

— Droga. Foi mal. Eu compro outro café pra você — gaguejo, passando a mão no cabelo.

— Não, pode deixar — diz ele com um sorriso tímido, passando por mim para ir embora.

— Por favor, estou me sentindo mal. Tem certeza de que está tudo bem?

— Sim, tudo certo — garante ele, acenando. — Foi só minha camisa que sofreu. Vejo vocês duas por aí.

— Tchau, Arlo. Nos vemos no treino — diz Jade suavemente, antes de se virar para mim. — Sadie! Por que saiu falando tão abertamente da minha vida sexual para outra pessoa?

— Hã? — digo no automático, observando Arlo se afastar.

— Você acabou de contar pro cara que eu passei a noite com alguém! Não que eu tenha vergonha, mas ele nem perguntou nada.

— Desculpe, eu... achei que ele tinha ouvido o que eu estava dizendo e pensado que eu estava falando sobre... — Não concluo a frase.

Ela ergue as sobrancelhas para mim.

— Você ficou com medo de que ele tivesse ouvido você falar sobre uma noite incrível e pensasse que estava se referindo ao treino com ele? Sei que me disse que ele é arrogante, mas não acho que ele seja tão convencido assim, Sadie.

— Você tem razão. Pois é, foi besteira minha — digo, olhando meus sapatos. — Desculpa, Jade.

— Tudo bem. Não me importo. — Ela hesita. — Talvez assim ele fique com ciúme e me convide pra sair — diz ela, casualmente.

Ergo a cabeça na mesma hora.

— O quê? Você quer sair com Arlo?

— A-há! — Com um sorriso travesso no rosto, ela tira os óculos escuros e os aponta para mim de um jeito acusatório. — Eu sabia! Você está a fim dele.

— Não estou, não!

— Está, sim. Pode protestar o quanto quiser, mas consigo perceber a tensão sexual entre vocês dois a um quilômetro de distância. Sem falar no ciúme instantâneo que acabei de testemunhar quando tudo o que fiz foi *mentar* a ideia de Arlo Hudson ficando com outra pessoa. Você está *doidinha* por ele.

— Ah, fala sério — bufo, entrando na cafeteria, e ela me segue rindo.

— Eu *não* estou a fim de Arlo Hudson.

— Eu até acreditaria em você, Sadie McGrath, se não fosse pelo fato de as suas bochechas estarem tão vermelhas quanto esse seu cabelo maravilhosamente sedoso — brinca ela, juntando-se a mim no fim da fila.

— Mas eu não me preocuparia, no seu lugar. Dá pra perceber que ele gosta de você também.

— Pois é, ele foi *tão* simpático comigo agora — retruco, me encolhendo por dentro depois da rejeição de Arlo. Ele mal interagiu comigo, agiu como se nem ligasse para nossa noite juntos.

— Que besteira! Graças às aulas particulares, está na cara que Arlo já está na sua. Ele sabe que precisa ser paciente e pensar no longo prazo para conseguir te conquistar. Você não vai se jogar aos pés dele como as fãs que vem conquistando cada vez mais.

— Ele tem fãs?

Ela sorri para mim.

— Você se incomodaria se ele tivesse?

— Eu não estou nem aí — insisto, franzindo a testa enquanto finjo ler o cardápio na lousa atrás do balcão.

— Caso você não tenha percebido, ele não é nada feio e tem também o charme de jogador e tal. É como se ele fosse o atleta sexy de um filme americano de ensino médio, só que não é babaca.

Dou uma risada.

— Tem certeza?

— Acho que você precisa dar uma chance a ele — diz ela, com arrogância. — Quem sabe ele não te surpreende?

— Ou quem sabe ele não prova que é exatamente o tipo de pessoa que eu imagino que seja. — Chego ao caixa e sorrio para o barista. — Dois *flat whites*, por favor.

— Já pensou que ele pode estar se sentindo intimidado por você? — comenta Jade enquanto pago, então vamos para a ponta do balcão esperar os cafés. — Às vezes você é um pouco assustadora quando está jogando. Não me leve a mal, pois gosto disso como sua colega de time. Mas talvez você o deixe nervoso e tenso, e ele deve dizer besteiras só para tentar te impressionar. Dê um desconto pra ele quando conversarem.

Suspiro profundamente.

— Jade. Eu não deixo Arlo nervoso. Vá por mim. E, para a sua informação, ontem fui extremamente simpática com ele, e nós... ficamos um pouquinho mais próximos. Mas aí eu encontro o cara hoje e ele mal me olha! Você viu que ele não disse quase nada e fugiu de mim o mais rápido possível.

— Cacete, Sadie, você derramou café no sujeito e gritou bem na cara dele sobre as aventuras sexuais da sua melhor amiga — diz ela, rindo e me olhando surpresa. — O que você esperava que ele fizesse?

— Nada! Nada — respondo, enrubescendo. — Esquece.

Ela me encara com curiosidade.

— Como foi que vocês ficaram mais próximos?

— Hã?

— Você disse que ficaram mais próximos no treino de ontem — explica ela. — Sobre o que vocês conversaram?

— Nada de mais — sussurro. — Achei que tínhamos quebrado o gelo, só isso. Mas agora há pouco parecemos dois desconhecidos.

— Você tem o número dele? Mande uma mensagem — sugere ela. — Peça desculpas de novo pelo acidente com o café. Por que não? Você mesma disse: se gosta dele, mande uma mensagem.

— Eu já disse que não gos...

— Sadie — interrompe ela, erguendo a mão —, por favor, não vamos repetir a mesma conversa. Eu mal tenho paciência para esse tipo de papo quando estou me sentindo cem por cento, e tenho menos ainda quando estou acabada devido às cinco mil doses de Sambuca que tomei ontem.

Suspiro e pego meu celular, secretamente feliz por ter uma desculpa para entrar em contato com ele.

— Tá bem. Vou mandar uma mensagem pedindo desculpas pelo café.

— Ótimo — diz ela satisfeita, enquanto agradece e pega os dois *flat whites* que aparecem em cima do balcão para nós. — Aposto que ele vai responder todo sedutor.

Dessa vez, Jade se enganou.

À noite, sinto-me arrasada ao perceber que eu tinha razão sobre Arlo Hudson. Ele não respondeu todo sedutor.

Ele nem mesmo respondeu.

Capítulo onze

Num mundo ideal, eu conseguiria evitar Arlo completamente, mas sei que seremos obrigados a nos ver quase todos os dias da semana porque nossos treinos em equipe são no mesmo horário. Sem contar nossas aulas particulares. Felizmente, durante o primeiro treino em equipe depois da noite da tequila, ficou bem evidente que nenhum dos dois contou nada a ninguém sobre nossa noite espontânea juntos. Apesar de o time masculino não estar treinando conosco agora, eles estão no mesmo campo, e ninguém fez nenhum comentário ou agiu diferente comigo. Conheço os jogadores bem o suficiente para ter certeza de que, se tivessem alguma ideia do que aconteceu, eles fariam alguma coisa. Dylan Carson *já* perderia a oportunidade de me constranger.

Felizmente, Arlo tem educação e não é de ficar se gabando.

Ele só não teve educação o bastante para me mandar uma mensagem depois.

Evito espiar o treino masculino o máximo possível. Num dado momento, durante um exercício, meu olhar encontra o de Arlo, que endireita a postura, o rosto se iluminando quando ele sorri afetuosamente para mim. Fecho a cara e desvio o olhar. Quando bato um pênalti no fim do treino, ouço-o me aplaudir e gritar “mandou bem”, mas não interajo com ele. Já estou me sentindo humilhada o bastante sem que ele piore ainda mais a situação me elogiando por pena.

Depois que o treinador apita e pede para todos recolherem os cones e irem embora, fico surpresa ao ouvir Dylan chamar meu nome.

— Sadie! — diz ele, correndo até mim enquanto me abaixo para pegar a bola que foi parar no fundo do gol depois da minha cobrança de pênalti. — Oi.

— Oi, Dylan — respondo confusa, enquanto o restante dos dois times sai de campo e entra nos vestiários. — Tudo bem?

— Tudo. Tudo ótimo — diz ele de um jeito nada convincente, tirando as luvas de goleiro e se virando para conferir se todos foram embora. — Eu... hum... queria conversar com você sobre uma coisa, na verdade.

— Certo. O que foi?

Ele suspira, virando a cabeça.

— Eu queria um conselho a respeito de Hayley.

Fico sem reação.

— Você... hã?

— Eu não sei o que fazer! — exclama ele exasperado, jogando as mãos para o alto. — É tão difícil entendê-la! Por que ela é assim?

— Você... Isso é uma piada? — pergunto, olhando nervosamente ao meu redor caso algum de seus amigos babacas esteja atrás de uma das traves, nos filmando escondido. Mas não tem ninguém perto da gente. O campo está vazio, e só sobraram Arlo, o técnico Hendricks e a técnica Neville, que estão conversando a metros de distância.

— Estou falando sério. Você precisa me ajudar — insiste Dylan, me olhando de um jeito pidão. — Parece que vou enlouquecer. Num instante, ela só quer saber de mim. No outro, não responde às minhas mensagens. Ela aceitou meu pedido de namoro, mas ontem à noite mal falou comigo e ficou jogando charme para um cara lá no bar.

— Hum, Dylan. Não acho que eu seja a pessoa ideal para...

— Você a conhece melhor do que ninguém — persiste ele, franzindo a testa. — Sei que é estranho eu te perguntar isso, mas você já a esqueceu, não foi? Agora vocês duas são, tipo, amigas.

Pigarreio.

— Sim, somos.

— Então isso é normal? Ela era assim com você? Devo me preocupar? Não quero que ela me dê um pé na bunda de repente, como fez com você.

Meu Deus, quero morrer.

— Nossa relação foi diferente da de vocês — consigo dizer, desejando que o campo se abra sob meus pés e me engula inteira. — Nem chegamos a falar de namoro.

— Sim, mas vocês ficaram por um tempo — salienta ele, impaciente. — Ela me disse que o que vocês tiveram foi bem sério.

— Ela disse isso? — respondo surpresa.

Ele dá de ombros.

— Escuta, Dylan, pelo que vi, ela gosta muito de você — digo depois de um tempo, percebendo que ele só vai me deixar em paz se eu responder alguma coisa. — Tenho certeza de que não precisa se preocupar.

— É mesmo? Legal — diz ele, assentindo aliviado. — É estranho. Nunca passei por isso antes. Normalmente sou eu que dou o pé na bunda, então não sei reconhecer os sinais de que isso está prestes a acontecer, sabe? Foi por isso que pensei em te perguntar sobre esse lance.

— Que... meigo — falo, forçando um sorriso. — Bom, se quiser mais algum conselho relacionado a levar um pé na bunda, é só me procurar.

— Valeu, Sadie — agradece ele animado, sem perceber meu sarcasmo. — Tchau.

Enquanto ele se vira e sai correndo, balanço a cabeça, incrédula. Ainda estou chocada com a conversa quando saio do vestiário, depois de tomar banho e me vestir. Jade precisou sair depressa depois do treino, então não vejo a hora de descobrir o que ela tem a dizer sobre essa conversa. Tenho certeza de que vai ser divertido.

Saio do centro esportivo com um sorriso, imaginando a reação de Jade, e avisto um grupo do lado de fora. Arlo está cercado por três garotas e um rapaz — não conheço nenhum deles. Os quatro estão rindo de alguma coisa que ele disse, e uma das garotas põe a mão no seu braço. Abaixando a cabeça, passo pelo grupo o mais rápido possível.

Depois que viro a esquina, Arlo vem correndo atrás de mim e me alcança.

— Ei, espera aí — diz ele, apreensivo. — Como foi seu treino? Você estava ótima hoje. Quer dizer, seu jogo. Não sua aparência. Não. Não que você não estivesse bonita. É óbvio que você também estava bonita. Estou me expressando mal. — Ele ri de nervoso. — Enfim, eu estava esperando aqui fora para conversar com você sobre aquele dia.

— O que tem ele? — digo, olhando para a frente, sem diminuir o ritmo.

— Quero pedir desculpas por não ter respondido à mensagem sobre o café — explica ele, acelerando para me acompanhar. — Foi legal da sua parte, e me sinto mal por ter me esquecido de responder.

Ele não faz ideia do quanto suas palavras me ferem. Fiquei conferindo o celular a cada cinco minutos, observando os tracinhos azuis ao lado da

mensagem que indicam que ela foi lida, agoniada com o fato de que quase transamos, imaginando o que ele estava pensando...

E ele simplesmente esqueceu de responder.

Logo percebo que tenho duas opções: ficar com raiva e provar tanto para Arlo quanto para Jade que realmente estou sentindo algo por ele, o que, julgando por essa conversa, definitivamente não é recíproco; ou posso deixar pra lá, esquecer o que aconteceu e nos poupar do constrangimento.

A segunda opção é a escolha óbvia.

— Sem problema — digo. — Para ser sincera, nem percebi que você não tinha respondido. Eu só queria pedir desculpas por ter estragado sua camisa.

— Na verdade, a mancha saiu na lavagem, então a camisa foi salva.

— Ainda bem! Que alívio — respondo com uma empolgação que soa meio forçada.

— Pois é! Ainda bem — diz ele, imitando meu tom.

Ficamos calados e andamos lado a lado. Pigarreio.

— Como foi o treino hoje? — pergunto animadamente. — Percebi que você não está seguindo nenhum conselho das nossas aulas. Você perdeu aquela segunda chance de gol porque se atrapalhou com a bola. Estava ocupado demais se exibindo.

Percebo seus ombros relaxarem visivelmente e as linhas de sua testa sumirem enquanto ele caminha ao meu lado e põe as mãos no bolso.

— Eu achei que joguei muito bem hoje — argumenta ele, abrindo um sorriso de alívio.

— Foi razoável. Temos muito trabalho a fazer na aula amanhã.

— Vou prestar atenção, prometo.

— Não se atrase.

— Jamais.

Quando viro na direção de Collingwood e nos separamos, ignoro a vontade de olhá-lo por cima do ombro. Toda essa situação é *humilhante*. Suspiro, pensando que queria voltar no tempo.

Queria não ter ido ao quarto dele e o convidado para tomar um drinque. Queria que a gente não tivesse tomado tanta tequila. Queria ter me despedido dele quando chegamos ao meu prédio.

Queria não pensar na maneira como ele me beijou toda vez que fecho os olhos.

Capítulo doze

Faço o que posso para me manter emocionalmente distante de Arlo, mas isso é bem mais difícil do que eu imaginava. Nas aulas particulares, faço tudo que está ao meu alcance para preservar o profissionalismo e conversar apenas sobre futebol, mas ele é tão legal e charmoso que caio na armadilha e termino conversando sobre coisas pessoais também. Nada pesado como os assuntos que discutimos no bar, mas falamos sobre nossos dias, as saídas que estamos planejando, o desempenho de nossos respectivos times nos campeonatos e como nos sentimos durante as partidas.

Eu me pego ansiosa para vê-lo.

Ele não menciona o que aconteceu entre a gente, então também não digo nada. Agimos como se nada tivesse ocorrido. Porém, graças àquela noite, posso afirmar que agora nós dois nos entendemos um pouco melhor — estou sendo mais compreensiva, e ele certamente está se esforçando mais no treino. Parecemos curtir mais as aulas do que antes.

No entanto, por mais que eu tente esquecer, há momentos em que percebo minha mente voltando para aquela noite, lembrando o momento eletrizante quando ele me beijou pela primeira vez na frente do meu prédio, como ele me encostou na parede do meu quarto e pressionou seu corpo no meu...

— Você está nervosa? — pergunta ele uma tarde durante a aula, me despertando dos meus devaneios.

— Hã? — pergunto, passando a bola para ele, agitada. — Por que eu estaria nervosa?

— Por causa da sua partida amanhã contra o Northumbria — responde ele, me encarando de um jeito estranho enquanto prende a bola com a chuteira. — A gente estava falando disso agorinha. Você comentou que é um time bom. Seu time não perdeu para elas recentemente?

— Ah, sim. Elas nos derrotaram num amistoso, mas amanhã a gente ganha.

Ele parece impressionado.

— Gosto da sua confiança.

— Estamos jogando bem no momento, apesar do nosso tropeço com o time de Edimburgo.

— Foi apenas uma derrota. Vocês estão com um aproveitamento impecável no campeonato.

— Uma derrota já é muito.

Ele dá uma risada e ajusta o gorro para proteger as orelhas do frio.

— É difícil te deixar satisfeita, McGrath. Enquanto seu time coleciona vitórias, o meu coleciona derrotas. Só espero que amanhã eu jogue melhor do que na semana passada. Foi um vexame.

— Não é verdade. Vocês estão jogando bem melhor como equipe — garanto. — Você e Michael pareciam estar se comunicando muito bem. Seu time teve azar no final.

— A gente perdeu, Sadie. Eles fizeram um gol nos últimos cinco minutos.

— Como eu disse, vocês tiveram azar. E você foi de longe o melhor jogador do time. Não quero parecer condescendente, mas acho que essas aulas particulares estão ajudando nós dois. Você vai continuar jogando muito bem se mantiver a concentração. Amanhã vocês vão vencer. Tenho certeza.

Ele não parece convencido, chuta a bola para o alto e a controla com o joelho. Quando ela cai no chão, ele põe as mãos nos quadris e abaixa a cabeça.

— Tá tudo bem? — pergunto, franzindo a testa. Ele parece ter desanimado de repente.

— Sim, tudo — garante ele, então acrescenta baixinho: — Só queria que a partida não fosse amanhã.

— É normal se sentir nervoso antes de uma partida importante, mas você vai se sair bem.

— Não é iss... — Ele se interrompe.

Observo-o, curiosa, percebendo uma certa tristeza surgir no seu rosto enquanto ele encara a grama.

— Arlo, o que foi? É alguma outra coisa? O que o dia de amanhã vai ter de ruim?

— Não é nada — diz ele com um sorrisinho. — Você tem razão. É só o nervosismo pré-partida mesmo.

— Tem certeza? Se quiser conversar sobre alguma coisa, é só...

— Eu estou bem — diz ele secamente.

— Tudo bem então. Bem, o técnico Hendricks sugeriu que a gente treinasse ataque sob marcação — informo —, mas se preferir treinar outra coisa, é só dizer.

— Não, pode ser — diz ele, recompondo-se.

— Você começa na lateral e vem para o centro, controlando a bola. Vou agir como zagueira e correr diagonalmente dentro da área para me posicionar do seu lado e tentar te desarmar. Você me dribla para abrir o ângulo e chuta para o gol. Entendeu?

Ele dá de ombros.

— Parece moleza.

— Ah, é? — digo, erguendo as sobrancelhas. — Então vou dificultar um pouquinho e acrescentar um limite de tempo. Você tem trinta segundos para me driblar e chutar a gol.

— Vou fazer isso em dez — replica ele, com um sorriso travesso.

— É desse tipo de confiança que você precisa amanhã — lembro, correndo até a bola e a conduzindo até a posição. — Manda ver.

Ele se afasta enquanto me posiciono na linha da pequena área. Após conferir que ele está pronto, consulto o relógio e assinto para ele. Quando ele começa a correr com a bola, saio em disparada em sua direção. Ao ver que estou me aproximando, um sorriso se espalha no seu rosto. Ele dá uma risada e faz uma finta para me confundir.

Mas eu estou preparada para esse tipo de jogada. Bloqueio seu caminho com facilidade e chuto a bola, lançando-a para a linha de meio-campo. Eu me viro, triunfante, e o vejo parado com as mãos atrás da cabeça, fazendo uma careta.

— Estou apenas me aquecendo — alega ele, abaixando as mãos.

— Eu também — retruco, sem conseguir conter um sorriso. — Vamos tentar outra vez.

Ele passa correndo por mim para pegar a bola, e eu volto para minha posição inicial. Após conferir o relógio para lembrá-lo do limite de tempo, eu faço que sim, e nós recomeçamos a jogada, mas consigo desarmá-lo de novo. Ele solta um palavrão baixinho quando lanço a bola para fora da área.

— Você não está levando a sério — acuso. — Você ri quando eu corro na sua direção. Não acha que sou uma boa zagueira?

— É óbvio que você é boa! É só que... — Ele dá de ombros frustrado, pressionando os lábios.

— Você está só enrolando. Isso não é brincadeira, Arlo, então jogue pra valer. Não pense que eu sou eu. Se ajuda em alguma coisa, eu não estou pensando que você é você. Estou pensando que você é um perdedor de quem eu vou roubar a bola de olhos fechados.

Ele assobia por entre os dentes.

— Caramba. Que legal.

— Eu não sou nada legal quando estou jogando futebol, e você também não deve ser — argumento, séria. — Vá de novo, e desta vez me drible e chute para dentro do gol. Ou prefere que eu passe o resto da tarde te envergonhando?

Ele cerra o maxilar e inspira fundo.

— Tá bom — responde depois de um tempo. — Vamos de novo.

Dessa vez, quando vou correndo na sua direção, ele não ri. Com determinação no rosto, parece concentrado enquanto conduz a bola, dominando-a com a lateral do pé. Depois ele passa por mim e chuta para o gol. Eu me viro e vejo a bola bater na trave. Ele joga a cabeça para trás e solta um gemido.

— Foi excelente! — digo, aplaudindo.

Ele franze o rosto para o gol.

— Eu errei — resmunga.

— Arlo, você conseguiu me driblar antes que eu percebesse o que estava acontecendo — lembro. — Você manteve o controle sob pressão e achou espaço. Foi habilidoso e decidido. Da próxima vez, você acerta. Vamos outra vez.

Suspirando profundamente, ele obedece. Fazemos a sequência mais três vezes. Na primeira vez, ele acerta o gol. Na segunda, consigo marcá-lo, salientando a falta de concentração que costuma acompanhar sua complacência. Na terceira, ele me dribla, chuta e acerta o gol. É uma jogada linda. Bato na sua palma quando ele vem correndo até mim depois, todo contente.

— Mais uma vez? — sugere ele, girando a bola nas mãos.

— Vamos treinar cobrança de escanteio.

— Ah, então está com medinho de mim — provoca ele. — Provei que consigo te derrotar.

Ergo o queixo em um gesto de desafio.

— Vamos de novo, então. Não vou mais ser boazinha.

Ele arqueia a sobrancelha.

— Até parece que você estava sendo boazinha antes.

Recuando, observo-o encarando o gol e tento interpretar sua expressão enquanto ele decide o que vai fazer. Quando os cantos de sua boca formam um sorrisinho enigmático antes de ele me olhar e assentir, imagino que vai tentar me enganar, provavelmente com alguma pedalada. Ele encosta na bola, e eu parto para o ataque, correndo para marcá-lo antes que ele possa ter a chance de escapar. Consigo roubar a bola e o ouço soltar um grito de frustração enquanto me afasto com ela.

— Toma essa, Hudson! — grito, sorrindo presunçosamente.

De repente, sinto seus braços ao redor da minha cintura. Ele me ergue, afastando-me da bola, e me põe no chão de novo. Com uma gargalhada, ele continua a jogada, correndo com a bola na direção do gol.

— Ei! Juiz! — exclamo antes de sair em disparada atrás dele.

Quando o alcanço, tento lhe tirar a bola, mas termino me desequilibrando e o levando para o chão comigo. Caímos de costas no gramado, os dois rindo, as pernas emaranhadas.

— Você não sabe perder, Arlo Hudson — digo a ele, encarando o céu.

— E você é tão talentosa que irrita — argumenta ele suspirando, apoiando-se nos cotovelos e se virando para mim, com pingos de lama no rosto por causa da queda.

Ficamos calados, os dois ofegando intensamente. Sinto um frio na barriga quando seus olhos se fixam nos meus lábios. Ele estende a mão para limpar uma mancha de lama na minha bochecha. Começa a abaixar a cabeça e...

— Vamos bater escanteio — disparo, depois me afasto e me levanto.

Ele parece se surpreender no começo, mas depois assente e se levanta também.

— Sim, pode ser — diz, passando a mão no uniforme. — Vou pegar a bola.

Quando ele se vira para correr, eu respiro fundo, tentando fazer o coração desacelerar. Foi por um triz. Posso estar enganada, mas juro que

pareceu que ele estava pensando em me beijar. Não vou me permitir cair
nessa armadilha de novo.

Capítulo treze

Mais tarde, na mesma noite, não consigo parar de pensar em Arlo. Minha pele arde quando lembro que quase nos beijamos, e continuo com a impressão de que ele estava escondendo algo de mim no treino de hoje. Lembro que ele reagiu de um jeito todo reservado e esquisito quando perguntei por que ele estava nervoso com a partida do dia seguinte. Não faço ideia do motivo. Talvez ele tenha alguma recordação negativa relacionada a Liverpool, onde ele vai jogar, mas então lembro que ele disse que “queria que a partida não fosse amanhã”. O local não é o problema. E sim a data.

Começo a investigar seu Instagram atrás de pistas, mas, apesar de ter uma conta, ele quase nunca posta. Sentada de pernas cruzadas na minha cama, abro meu notebook e digito seu nome no Google. Aparecem vários links aleatórios, então faço uma busca mais precisa, adicionando “São Francisco” e “futebol” para ver se ajuda. Aperto o *enter*, e o primeiro resultado que aparece é sobre o acidente de carro. Engolindo o nó na garganta, mexo o mouse para clicar no link e espero a página carregar.

Leio a matéria que fala da trágica morte da irmã gêmea de uma “estrela de futebol local” em um acidente de carro e dos ferimentos graves de Arlo. O motorista era um poderoso empresário aspirante a político. Ele foi inocentado de todas as acusações. Depois de olhar a manchete mais uma vez, percebo a data da matéria, e de repente a ficha cai. Amanhã é o aniversário de morte da irmã. Mas é óbvio. Que outra coisa o abalaria tanto assim?

Desligo o notebook e me jogo nos travesseiros, fechando os olhos. É compreensível que ele esteja receoso com a partida do dia seguinte. Ele deve estar sentindo várias coisas e pensando no acidente, em como sua vida mudou para sempre, na triste perda da irmã. Talvez ele não devesse jogar. Talvez fosse melhor ele ter um dia de descanso.

Ou talvez ele queira jogar. Para assim se distrair com alguma coisa. Penso em mandar uma mensagem para ele e começo a digitar, mas logo desisto e guardo o telefone. Se ele quisesse que eu soubesse, teria me contado quando teve a oportunidade. Está na cara que ele não quer conversar sobre o assunto, e não quero incomodá-lo.

Na manhã seguinte, tento me concentrar no preparo para a partida da tarde, mas só consigo pensar em Arlo e me perguntar como ele deve estar. Não o vejo em nenhum momento — nós vamos jogar em casa, mas a equipe masculina, não.

— Você está bem, capitã? — pergunta Jade no vestiário antes jogo, colocando o calção. — Parece desanimada hoje. Está tudo bem com seu pai?

— Sim, ele... está na mesma. Desculpa, eu estou bem, sim. Estou só pensando na nossa estratégia — minto.

Após ver sua expressão preocupada, abro um sorriso e lembro que a partida do dia é importante. Nós perdemos para o Edimburgo recentemente naquele amistoso e nos lembramos muito bem — a confiança do time está abalada, e é meu dever como capitã deixar as jogadoras mais seguras de si. Precisamos ganhar esses pontos. Então, tiro Arlo da cabeça e me levanto batendo palmas para chamar todo mundo antes de entrarmos em campo.

— Pessoal, venham aqui — chamo, vendo as expressões de apreensão enquanto formamos um círculo em torno do banco, no meio do vestiário. — Talvez a partida de hoje seja complicada, mas estamos numa situação melhor do que elas.

— Estamos? — Hayley não parece convencida e cruza os braços. — O time delas é bem forte e nos derrotou, lembra?

— É por isso que estamos numa situação melhor — insisto, e ela franze a testa, confusa. — Elas vão entrar em campo achando que já sabem exatamente como nos derrotar, mas nós aprendemos com nossos erros e agora vamos para cima delas com muito mais força. Elas vão ficar desorientadas.

— Isso! — diz Jade, dando um tapinha nas minhas costas. — Adorei! A gente vai mostrar a elas, não é, garotas?

Depois que o time responde que sim em uníssono, parecendo bem mais animado e empolgado do que antes da nossa conversa, eu me viro para Jade e bato na sua palma. Hayley espera as jogadoras começarem a sair do vestiário e se aproxima de mim.

— Desculpa ter sido tão negativa, Sadie. Sei que você sempre consegue me animar quando começo a duvidar de mim mesma — diz ela, com um sorriso carinhoso. — Você é exatamente o que uma capitã deve ser.

Jogando o rabo de cavalo por cima do ombro, ela vai atrás do time e sai depressa do vestiário. Quando Jade me lança um olhar de advertência, garanto que estou bem e que a única coisa na minha cabeça é a partida. Mas quando saio para o campo ao som dos gritos da torcida, eu me sinto um pouco transtornada porque, se tem alguma coisa me distraindo no momento, não é minha ex flertando comigo logo antes da partida.

É Arlo Hudson.

Comemoramos a vitória numa grande festa dos alunos da universidade. O time se encontra depois que todas passam nos respectivos alojamentos para trocar de roupa. A boate tem dois andares, e nas quartas à noite um deles fica reservado para as equipes esportivas da Universidade de Durham. Assim, podemos nos reunir depois das partidas sem nos preocupar em fechar uma área para os times. Quando entro na área isolada por uma corda, vejo algumas pessoas me olhando e fico vermelha, feliz de saber que o vestido azul-marinho decotado e os saltos bem altos que Jade me incentivou a usar estão surtindo efeito.

— Aqui está, capitã — diz Amy, passando uma taça de prosecco para mim. — Para brindarmos a mais uma vitória. — Ela está linda em um vestido justo.

— Um brinde! — exclama Quinn, fazendo o time inteiro encostar suas taças e gritar mais alto que a música. — Seremos CAMPEÃS!

— Não vamos cantar vitória antes da hora — suplico, mas Quinn está ocupada demais dançando para me ouvir.

— Mas você precisa admitir que é necessário um time muito bom pra derrotar a gente — diz Amy, me encarando alegremente. — Você arrasou hoje, Sadie. Aquele pênalti garantiu a vitória.

— Foi você quem fez dois gols hoje, Amy, não eu — lembro. — Passei o primeiro tempo aérea.

— Quero lembrar a vocês duas que estamos aqui para comemorar! — exclama Jade, segurando meu rosto entre as mãos e me dando o maior beijo na bochecha. — Amanhã vocês podem analisar o jogo o quanto quiserem, mas agora é hora de dançar!

— Tá bem — digo rindo, enquanto ela pega a garrafa no balde de gelo e enche sua taça. — E os garotos? Alguém sabe o resultado?

Amy faz uma careta.

— Hayley me contou que Dylan mandou mensagem. Eles perderam de um a zero. E você soube o que aconteceu com o seu americano?

— Ele não é o *meu* americano — corrijo, e meu rosto esquenta com essa insinuação. — E como assim? O que houve com ele?

— Ele fez falta em alguém e xingou o juiz, então levou cartão amarelo. O outro time cobrou a falta e fez o gol — explica ela. — Disseram que ele estava tão mal-humorado no ônibus na volta para casa que nem falou com ninguém.

— Acho que você tinha razão quanto ao ego frágil do cara, Sadie — diz Jade, revirando os olhos.

— Não, não foi iss...

Sou interrompida pela chegada do time masculino. Fica bem evidente que eles foram afogar as mágoas em outro lugar antes. Estão totalmente embriagados, e, quando Dylan vai dar um beijo todo babado em Hayley, ela o afasta e diz:

— Eca, Dylan! Você está *fedendo* a cerveja!

Como não vejo Arlo em lugar algum, pergunto a um dos jogadores se sabem onde ele está. Tento não me encolher de nojo quando ele me olha descaradamente dos pés à cabeça, lambendo o lábio inferior. Ele finalmente conta que Arlo chegou com todo mundo, mas está fumando lá fora. Consigo escapar do grupo quando todos se distraem com um dos jogadores erguendo o balde de gelo e o virando em cima da própria cabeça, ao som de um monte de gritos.

Saio para o ar congelante da noite e o vejo com duas garotas que estão lhe oferecendo um isqueiro para acender o cigarro que deram a ele. Após dar uma tragada, ele ergue o olhar e me vê, e seu rosto se anima.

— Olha só ela! Sadie, vem aqui! — chama ele, embolando as palavras.

Aproximo-me cautelosamente e, com o cigarro entre os lábios, ele abre bem os braços e me puxa para junto do corpo quente e suado.

— Parabéns por hoje — murmura ele, equilibrando-se enquanto me afasto. Ele dá outra tragada e expira fumaça, antes de se virar para as garotas e apontar para mim com o cigarro. — Ei, vocês conhecem Sadie? O time dela venceu hoje. O time dela sempre vence, ao contrário do nosso. Ela está no primeiro lugar do campeonato universitário. Não é incrível?

As garotas sorriem educadamente e me parabenizam, olhando para mim e para Arlo enquanto tentam entender rapidamente o que está rolando entre nós. Ambas são loiras e altas, estão perfeitamente maquiadas e usando muito perfume. Uma delas exibe um vestido curto prateado, e a outra está de calça de couro de cintura alta e cropped. Ambas são lindas, de um jeito intimidante.

— Obrigada — agradeço com humildade, antes de me virar para Arlo, preocupada. — Você está bem? Fiquei sabendo do que aconteceu no jogo.

— Eu estou bem! Estou ótimo. Está tudo perfeito — responde ele, dando outra tragada. Ele olha meu vestido e ergue as sobrancelhas. — Caramba, Sadie. Você está... Uau!

— A gente se vê lá dentro, Arlo — diz uma das garotas, encarando o comentário como sua deixa para ir embora.

Eu deveria explicar que nós dois não estamos juntos, mas fico em silêncio enquanto elas acenam sedutoramente para ele e voltam para a boate. Ele as observa e depois se vira para mim com um sorriso bobo no rosto.

— Elas são gente boa, não é? — Ele hesita, franzindo a testa. — Ei, você lembra os nomes das duas?

— Você não nos apresentou — respondo secamente, antes de segurar seu braço. — Arlo, quero saber se você está bem. Seu dia foi difícil.

— Ah, foi só uma partida de futebol. — Ele suspira e ergue a vista para o céu. — Não foi nada de mais.

— Foi, *sim*. Você não xinga os árbitros. — Faço uma pausa enquanto ele leva o cigarro à boca, inspira profundamente e vira a cabeça para expelir a fumaça. — Eu também nunca te vi fumar.

— Então talvez você não me conheça muito bem — contesta ele.

— Eu te conheço o bastante para saber que não está se comportando como de costume. Se quiser conversar...

— Ah, deixa disso, capitã McGrath — zomba ele com um aceno de mão, deixando um rastro de fumaça no ar. — A gente está aqui para se

divertir. Para dançar, beber... e esquecer nossas vidas terríveis durante algumas horas.

— Arlo, sei o que a data de hoje significa para você. Eu sei que... é o aniversário da morte de sua irmã.

Seu sorriso some. Ele me lança um olhar frio e intenso.

— Não quero falar disso — retruca ele. — Não tem nada a ver com o que aconteceu.

— Se isso tiver afetado seu desempenho hoje, tudo bem — digo depressa, as palavras saindo antes que eu consiga detê-las. — Não quero que sua confiança seja abalada só porque você teve um dia ruim quando pensava em...

— Eu só estava pensando na porra do jogo, tá, Sadie? — sibila ele, olhando-me furiosamente. — Por que está falando disso? Já avisei que não quero falar sobre esse assunto.

— Eu sei... só achei que talvez você quisesse con...

— Achou errado — afirma ele, com franqueza. — Não preciso de você, ok?

Engulo em seco.

— Não preciso que você venha ver se estou bem — prossegue ele, gesticulando descontroladamente. — Não preciso que fique de olho em mim, não preciso que acabe com a minha noite. Não preciso de *nada* de você. E, ao contrário de você, estou aqui pra me divertir. — Ele dá uma última tragada, joga o cigarro no chão e o esmaga com o sapato. — Vou entrar. Tenha uma boa noite.

Magoada, pisco os olhos para conter as lágrimas que ameaçam cair. Lembro que ele está sofrendo e descontando em mim, e que amanhã provavelmente vai me pedir desculpas. Não é nada pessoal.

Tomara.

Prometendo a mim mesma que não vou chorar por causa dele essa noite, volto para dentro da boate e entro na fila do banheiro para ver se minha maquiagem não está borrada. De cabeça erguida, passo no meio das pessoas e volto para a área dos times, decidindo que vou me divertir e ignorar Arlo Hudson enquanto ele estiver bêbado. Vou esquecer que ele existe até o final da noite.

Porém, é mais fácil falar do que fazer. Quando vou para a área reservada, ouço a maior gritaria vindo do time masculino. Arlo está no meio

de um grupo de jogadores, as mãos na cintura da loira de calça de couro com quem a gente conversou lá fora, a língua bem no fundo da garganta dela. Há mais gritos e assobios quando Arlo a ergue para que as pernas da garota se enrosquem na sua cintura, e nenhum dos dois dá a mínima para o fato de que estão se agarrando de um jeito tão chamativo num lugar público. Eu os observo horrorizada, sentindo como se tivesse perdido todo o fôlego.

É então que a ficha cai.

Finalmente aceito que estou mentindo para mim mesma há um certo tempo, e pelo jeito compassivo como Jade me olha depois que testemunha o espetáculo de Arlo, ela já sabe disso. Por mais que eu tente negar e me proteger, não adianta. Já mergulhei de cabeça.

Eu gosto dele.

Capítulo catorze

Quando chega o recesso de Natal, já estou desesperada para sair de Durham. Desde minha briga com Arlo na boate, as coisas entre a gente estão mais estranhas do que nunca. Assim como aconteceu depois da nossa noite juntos, nenhum de nós mencionou o ocorrido, então nossas aulas particulares têm sido meio constrangedoras. Por mais que eu diga a mim mesma que não foi nada pessoal, não consigo deixar de me sentir magoada depois que ele foi tão grosseiro naquela noite, depois que ele insinuou que eu estava atrapalhando sua diversão e disse bem na minha cara que não precisava de mim. Então me lembro de Arlo com aquela garota, as pernas da loira enroscadas na sua cintura, as mãos dele agarrando as coxas dela, lhe sustentando o peso, seus lábios nos dela. Como posso me comportar normalmente perto de Arlo com essa imagem gravada na minha cabeça?

Ele parece estar tão abatido quanto eu, e no único momento em que o incidente foi rapidamente mencionado, o clima azedou. Tínhamos uma aula particular marcada para três dias depois daquela noite. Ele chegou pontualmente, e percebi que mal conseguia me olhar nos olhos.

— Ei — disse ele cauteloso, começando a se alongar. — Tudo bem com você?

— Tudo, obrigada. E com você?

— Meio de ressaca.

— Você saiu de novo ontem.

— E anteontem — explicou ele. — Três noites seguidas não é uma boa ideia. Foi a maior burrice. Não me diverti de verdade em nenhuma delas.

— Sério? Na quarta, você parecia estar se divertindo à beça — murmurei antes de jogar a bola para ele. — Quando você estiver pronto, a gente começa.

Fiquei um pouco satisfeita ao vê-lo constrangido e angustiado depois do meu comentário, mas foi só isso. Não tocamos no assunto de novo.

Jade fez questão de me contar que, quando estava conversando com Hayley, Dylan e Quinn, ela tentou sondar discretamente o que estava rolando entre Arlo e a loira da boate, e Dylan comentou que foi só lance de uma noite.

— Parece que Arlo morreu de vergonha no dia seguinte quando o time inteiro ficou soltando gracinhas pra dele — informou ela animadamente no meu quarto, enquanto eu tentava me concentrar nos estudos. — Ele perguntou se todo mundo tinha visto os dois juntos, e Dylan ficou, tipo, “óbvio, vocês estavam praticamente transando na pista de dança”. — Ela hesitou e me encarou com um brilho nos olhos. — Quer saber o que eu acho?

— Fala — respondi, olhando minha tela após ler quatro vezes a mesma frase de um artigo acadêmico sobre a agitação social e a desordem política na Europa medieval.

— Acho que ele estava querendo saber se *você* tinha visto os dois juntos. Por que ele se incomodaria se alguém o visse com ela? — pergunta Jade.

— Porque talvez ele tenha percebido que não é adequado quase transar com alguém no meio de uma boate — sugeri, encarando-a. — Jade, esquece isso. Ele deixou bem claro o que sente por mim. Ele não está interessado e não quer que eu ache que tem algo rolando entre a gente. Se ele quiser ficar com uma garota aleatória numa boate, é direito dele. Nós dois somos... amigos. Sendo sincera, mal somos amigos.

— Você já admitiu que rolou um clima nas aulas — argumentou ela. — Disse que ele se abriu e que conversaram bastante. Ele não é de conversar, você sabe disso. Sempre que falamos, ele mantém o papo mais leve e faz piadinhas... não gosta de discutir coisas sérias. Mas, com você, ele se sente à vontade para fazer isso. O que significa alguma coisa. E ele está sempre te olhando.

— Isso é só porque ele está tentando ser um jogador melhor. E ele conversa comigo sobre coisas sérias porque é obrigado. Nas nossas aulas, só tem nós dois no campo. Seria estranho se ele não falasse nada. — Eu suspirei e passei a mão no cabelo. — Não tem nada rolando entre a gente, Jade. Foi um crush bobo, e agora eu vou partir pra outra, ok?

Ela ergueu as mãos, admitindo a derrota.

No trem de Durham para Edimburgo, enquanto admirava a paisagem da janela, refleti sobre a necessidade daquelas aulas. Depois do recesso, talvez eu pergunte ao treinador Hendricks se podemos interrompê-las. É útil ter alguém para treinar, mas acho que não temos muito mais a aprender um com o outro.

A última coisa que quero fazer enquanto estou em casa é me preocupar com Arlo Hudson. Ele está longe, foi passar o fim do ano em São Francisco, e preciso me concentrar em ficar com meu pai e ajudar minha mãe. Não tenho tempo para mais nada. É difícil ignorar o quanto meu pai mudou, mesmo em poucas semanas. Ele está tendo mais dificuldade para se comunicar e, às vezes, não consegue expressar o que quer dizer.

Sou muito grata por termos o futebol — quando conversamos sobre o esporte, ele fala com facilidade e empolgação, voltando a ser quem era antes. Quando fica mais fechado, aborrecido com a doença, é só falar da Premier League, ou de alguma notícia recente sobre algum time ou técnico, que ele se anima, querendo saber minha opinião para dar a dele.

É bom estar em casa, mas também me sinto exausta devido às diferentes emoções que vêm à tona: a dor de ver meu pai inteligente e maravilhoso com dificuldade para falar, a esperança matinal de que ele tenha um dia bom e a culpa de ver minha mãe enfrentar tudo serenamente, sabendo que ela tem que lidar com a piora dele sozinha, quando não estou presente.

O humor do meu pai melhora no Natal, quando vamos visitar minha tia e meus primos que moram perto. É a noite em que me sinto mais positiva na semana inteira. Depois que me deito, dou uma olhada no celular. Meu coração palpita quando vejo uma mensagem de Arlo me esperando. Ele também está online agora.

Arlo

Feliz Natal!

Você tinha que ter visto o gol que fiz hoje

Abri espaço para receber o cruzamento e, quando a bola chegou, desviei do zagueiro e corri para o ataque

Pensei em abrir espaço com antecedência

Como vive dizendo para eu fazer

Você teria se orgulhado de mim!

Como está sendo o seu recesso?

Encaro a mensagem, um pouco surpresa com o tom amistoso. Talvez seja uma tentativa de fazer as pazes. Respiro fundo e começo a digitar.

Sadie

Feliz Natal

Parece ter sido uma jogada ótima

Onde você jogou?

Está em São Francisco?

Meu recesso está sendo bom, obrigada

E o seu?

Vejo que ele começa a digitar na mesma hora e prendo a respiração enquanto espero a resposta. Eu queria não sentir todo esse frio na barriga só porque vi o nome dele pipocando na tela do celular. É tudo culpa daqueles olhos.

Arlo

Está sendo bom, mas já quero voltar pra faculdade

Muita agitação aí em Edimburgo? Ou só relax?

Sadie

Está sendo tranquilo, vou sair com alguns amigos do colégio
amanhã à noite

Vamos para algum lugar lá no centro

Arlo

Já ouvi falar bem da vida noturna de Edimburgo

Um dia você me leva para algum lugar legal aí

Inspiro fundo, e meu coração dispara. O que ele quer dizer com *isso*? Não devo tirar conclusões precipitadas.

Não. Devo. Tirar. Conclusões. Precipitadas.

Tento decidir o que dizer, mas ele manda outra mensagem antes que eu responda.

Arlo

Você tem jogado muito no recesso?

Sadie

Não tanto quanto gostaria
Só brinquei um pouco com a bola no parque
Estou sentindo falta de treinar, vai ser bom voltar

Arlo

Você está se referindo a treinar comigo, não é?
Isso quer dizer que está com saudade de mim?
Pode admitir se quiser
Não vou te zoar

Sadie

Como você é gentil
Não, eu não quis dizer que estou com saudade de você
Na verdade, tem sido ótimo passar um tempo sem te ouvir
choramingando

Arlo

Ah, você é um amor
Sempre inflando meu ego

Sadie

Estou à disposição

Arlo

Seus amigos do colégio são tão encantadores e meigos quanto você?
Ou o centro de Edimburgo está tremendo na base por conta dos
arruaceiros de amanhã à noite?

Sadie

Eu sou a mais simpática do grupo

Arlo

Então vai rolar a maior confusão

Sadie

Normalmente com esse grupo do colégio rola
Costuma ser a maior loucura

Arlo

Loucura? Que tipo de loucura??
Está tentando me deixar com ciúme, McGrath?

MAS O QUE?! Sento na mesma hora, apertando o celular. Talvez ele tenha mandado a mensagem anterior sobre Edimburgo apenas para ser simpático, mas não é possível que a de agora seja em uma vibe de não flerte, certo? CERTO?

Cadê a Jade quando mais preciso?! Quando começo a digitar, a adrenalina que percorre minhas veias faz os dedos tremerem. Cacete, é só um crush me mandar uma mensagem flertando que não consigo mais digitar direito.

Eu sou ridícula.

Sadie

E por que eu faria isso, Hudson?

Arlo

Me diz você

MEU DEUS. Estou tentando não surtar.

Preciso ficar esperta. Preciso lembrar que ele disse na minha cara que não precisava de mim quando demonstrei preocupação e depois ficou se agarrando com outra garota bem na minha frente. Depois disso, nossas interações têm sido esquisitas e constrangedoras, então não devo ficar tão abalada só porque estamos meio que flertando por mensagem, provavelmente porque ele está se sentindo entediado. É melhor eu guardar o celular antes de cair na armadilha. Eu *definitivamente* deveria ignorá-lo.

Mas...

Talvez nossas interações mais recentes tenham sido esquisitas e constrangedoras porque gostamos um do outro. Jade disse que Dylan comentou que Arlo havia se arrependido daquela noite. Talvez ele tenha descontado em mim quando mencionei a morte de sua irmã, e depois beijado aquela garota porque estava completamente bêbado (e ela estava se jogando pra cima dele).

Mordo o lábio quando vejo que ele está digitando de novo e decido sondar a situação com as minhas respostas. Se ele está se sentindo confiante para flertar tanto, não faz mal eu entrar no jogo.

Arlo

Quando você volta para Durham?

Sadie

Por que você quer saber?

Arlo

Tenho meus motivos

Sadie

Na próxima semana

Jade e eu vamos passar na cidade de Maya

Depois vamos voltar todas juntas

Arlo

Também volto na próxima semana

Me avise quando você chegar

Sadie

Por quê? Está com saudade das nossas aulas?

Quem diria que você é tão sentimental, Hudson?

Estou comovida

Arlo

Na verdade, eu ia sugerir que a gente saísse pra beber algo

Mas aceito que teste minhas habilidades

Você só ficou na promessa

O QUE ESTÁ ACONTECENDO? Não acredito no que ele acaba de dizer! O que está rolando? Ele deve ter bebido um pouco, é impossível que se comporte assim sóbrio. Que horas são agora em São Francisco? É o meio da tarde. Ele deve ter bebido no almoço de Natal. Estou tão chocada que fico encarando a mensagem, os dedos pairando em cima da tela enquanto meu cérebro tenta desesperadamente decidir o que diabos devo escrever na resposta. Mais uma vez, sou salva quando ele manda outra mensagem antes que eu consiga retrucar.

Arlo

Como eu falei

Me avise quando você voltar bjs

Desligo a tela e coloco o celular na mesa de cabeceira. Após alguns segundos, pego o aparelho de novo e releio as últimas mensagens. Encaro

o *bjs* para garantir que não estava alucinando antes. Depois de guardar o celular de novo, fico encarando o teto do quarto e me perguntando como vou conseguir dormir. Meu coração está acelerado.

Eu estava desesperada para sair de Durham. Agora não vejo a hora de voltar.

Capítulo quinze

Maya tem insistido para a gente visitá-la em Newcastle desde que nos conhecemos, então Jade e eu prometemos que iríamos no recesso, chegando lá um dia antes de voltarmos para a faculdade. A viagem de carro até Durham no dia seguinte é curta, e Maya está tão animada que planejou uma maratona de bares por vários de seus lugares prediletos. A noite em Edimburgo com meus amigos do colégio foi divertida, mas muito mais tranquila do que eu imaginava, porque muitos estavam de ressaca do Natal. Então para uma noitada com minhas amigas, decidi usar uma blusa verde ombro a ombro justa, uma calça jeans preta de cintura alta, botas com salto e um batom vermelho.

— Uau! — exclama Jade, sorrindo quando saio do banheiro, onde eu estava passando mais uma camada de rímel. Ela me entrega um copo de vodca com Coca. — Vou logo avisando que se você não pegar ninguém hoje, só pode ser porque é ruim de papo. Você tá gata.

Começamos num bar chique no centro da cidade. Conversamos sobre o que fizemos no recesso e depois vamos para o próximo, que é um pouco menos refinado e muito mais hypado. Quando Maya volta do balcão carregando uma bandeja com copos de shot, franzo a testa, mas aceito de boa vontade. Ainda bem que comi bastante pizza antes de sairmos, e torço para que aquilo tenha forrado meu estômago. Maya e Jade conseguem beber muito mais que eu, então preciso ir devagar.

— Para quem está mandando mensagem, Maya? — pergunta Jade depois que saímos do bar de braços dados e caminhamos até o seguinte.

— Para ninguém — responde ela timidamente, guardando o celular na bolsa e sorrindo para seus pés.

Jade fica boquiaberta.

— Você conheceu alguém? É melhor contar logo, senão vou roubar seu celular quando você não estiver olhando e ler todas essas mensagens safadas que mandou enquanto está com suas amigas.

— Eu não estou mandando mensagem safada! — exclama Maya, gargalhando. — Mas *talvez* eu tenha ficado com alguém na outra noite, e *talvez* a gente esteja conversando.

— Quem é ela? — pergunto animada. — Você gosta dela?

— Ela parece ser legal. — Ela hesita. — Na verdade, ela também está na pista essa noite.

— ONDE? — pergunta Jade, fazendo a gente parar de repente. — Aqui perto?

— Talvez.

Troco um olhar de entusiasmo com Jade.

— Num dos bares da sua lista?

Maya suspira, franzindo a testa.

— Talvez. Mas eu *juro* que não planejei isso.

— Meu Deus. Vamos logo ao próximo lugar que a gente possa sentar, e aí você conta tudo — declara Jade, arrastando nós duas.

Quando partimos para a quarta parada, nós três já estamos um pouco bêbadas e bem animadas para ver a tal da garota, Heather. Mas, ao entrarmos no bar onde ela está, Maya pede para definitivamente não exageramos na empolgação. Elas acabaram de se conhecer e não é nada sério.

— Será que vocês vão se casar em Newcastle? — brinca Jade, e Maya dá um leve soco no seu braço enquanto eu rio, abrindo a porta para as duas.

— Vão se sentar — digo, gesticulando para uma mesa vazia no canto. — Eu pago a rodada.

Não demoro para chegar ao balcão e abro um largo sorriso para os bartenders, que estão ocupados preparando drinques, então espero minha vez. Estou de bom humor e nada vai me afetar. Quando esbarro sem querer no cotovelo do rapaz que parou do meu lado, eu me viro para pedir desculpas, apesar de tecnicamente ser culpa dele por ter se espremido entre os outros quando deveria ter esperado.

— Desculpe, eu não queria... *Arlo*? — gaguejo, sem acreditar.

Seus olhos se arregalam.

— Sadie! — sussurra ele, ficando todo tenso ao meu lado. — O que você.... O que está fazendo aqui?

— Eu te disse que vinha visitar Maya!

Ele assente, devagar.

— Ah, é. Ela é de Newcastle. Meu cérebro não se lembrou do detalhe.

— E o que *você* está fazendo aqui?

— Vim visitar meu primo. Ele mora aqui, e nós saímos com alguns amigos dele.

— Que estranho! Quer dizer, não é estranho que você esteja com seu primo — explico rapidamente. — É estranho eu te encontrar do nada, aqui em Newcastle, quando você estava nos Estados Unidos e eu na Escócia. É como se fosse...

— Destino? — sugere ele, os olhos brilhantes, sorrindo para mim. — É bom te ver, Sadie. A gente deveria...

Pondo a mão no meu braço, ele se aproxima e me dá um beijo na bochecha. Meu corpo começa a formigar após sentir seu toque.

— O que você quer beber? — continua ele, enquanto endireita a postura. — E não quero discutir quem vai pedir essa rodada. Nós dois sabemos que eu vou ser atendido primeiro, então pode me dizer o que você quer. Não quero que desperdice a noite aqui, tentando chamar a atenção dos bartenders.

Reviro os olhos.

— Isso me parece um desafio.

— Tudo parece um desafio para você.

— Está com medo de perder dessa vez?

Ele hesita ao ouvir minha sugestão.

— Meu único medo é que você queira se vingar dessa derrota em campo. Já estou sentindo a dor do chute na canela.

— Então vamos nessa. — Assinto. — O que o vencedor ganha?

— Glória, orgulho e uma arrogância merecida. E o perdedor tem que pagar uma rodada de bebidas para os dois grupos, o meu e o seu.

Ergo a sobrancelha.

— Quantas pessoas vieram com você?

— Somos quatro, contando comigo. E você?

— Três.

Ele estende a mão.

— Eu topo.

Eu a aperto.

— Combinado.

Não perdemos um minuto sequer. Nós dois nos inclinamos sobre o balcão, tentando desesperadamente chamar a atenção de algum bartender. Para meu orgulho e alegria do meu cartão de crédito, um deles termina de preparar um pedido, me vê, sorri e se aproxima para perguntar o que eu gostaria de beber. Arlo leva as mãos ao rosto e geme. Depois de pagar e pôr os drinques numa bandeja, ele a levanta, damos meia-volta e vamos até a mesa do canto.

— Preciso admitir — digo, enquanto me viro mostrando meu sorriso de vitória. — Estou mesmo sentindo muito orgulho, glória e uma arrogância mais do que merecida.

— Não foi justo com você vestida desse jeito — comenta ele. — Eu não tive a menor chance.

Meu coração palpita.

Jade e Maya soltam gritinhos empolgados ao verem Arlo e se levantam para abraçá-lo, ambas tão chocadas quanto a gente com a coincidência de estarmos no mesmo lugar, na mesma hora. Ele chama o primo Sam para nos conhecer. Alto, musculoso e de pele negra, Sam comprova que a beleza é de família. Jade arregala os olhos com alegria quando ele se aproxima.

— Arlo me falou de você — comenta Sam em tom de conspiração, enquanto o primo está distraído ouvindo Jade e Maya lhe contar sobre Heather. — Ele disse que foi por sua causa que voltou a jogar de verdade. É muito bom saber que ele voltou a fazer o que ama. Obrigado por tê-lo ajudado.

— Eu não fiz nada. O mérito é todo dele — insisto, mexendo meu drinque com o canudo, sentindo as bochechas corarem. — Ele também me ajudou.

Sam parece surpreso.

— Pelo que ouvi falar, você não precisa de nenhuma ajuda.

— Pior que eu também achava isso — admito, rindo. — Mas Arlo me inspirou a jogar de um jeito mais... espontâneo. Eu só pensava em estratégia. Agora acho que preciso me deixar levar um pouco mais e não entrar em pânico quando as coisas não saírem como o planejado. Preciso confiar mais nos meus instintos, apesar de ser difícil correr riscos.

— Cabeça contra coração — argumenta ele, olhando para Arlo.

— Exatamente. — Tomo um gole do meu drinque. — Quando Arlo chegou em Newcastle?

Ele me olha de um jeito estranho.

— Como assim?

— Ele veio de São Francisco hoje de manhã? Ou já faz alguns dias que está aqui?

— Ele não foi para os Estados Unidos — conta Sam. — Ele ficou em Durham durante a primeira semana do recesso, depois veio passar o Natal aqui. Precisei obrigá-lo a não ficar sozinho nas festas. Só consegui convencê-lo prometendo uma pelada com alguns amigos. Graças a ele, nosso time ganhou de goleada.

Fico o encarando sem reação.

— Ele... ele passou esse tempo todo em Durham? Sozinho?

Sam assente, sério.

— Ele não gosta do Natal. É muito perto da data em que Tamy faleceu. Acho que ele sente ainda mais a perda dela no Natal, sabe? A mãe dele decidiu ir para a Flórida com alguns amigos. Foi bom para ela se divertir e viajar um pouco. Ela até o convidou, mas Arlo decidiu que preferia ficar no Reino Unido mesmo.

Nesse momento, no meio da conversa com Maya, Arlo nos olha por acaso e seu sorriso vacila quando ele vê minha expressão. Ele logo pede licença e se aproxima, enquanto Jade aproveita a oportunidade para puxar papo com Sam.

— Por que você não me contou? — pergunto baixinho a Arlo, depois de revelar o que Sam me disse.

Pressionando os lábios, ele gesticula para que eu vá até lá fora com ele, onde poderemos conversar melhor. Ele se encosta na parede, põe as mãos nos bolsos e me olha esperançoso.

— Por acaso você teria um cigarro aí? — pergunta.

Eu o olho enviesado.

— Já me viu fumando alguma vez?

— Eu sabia que provavelmente não. Só fumo quando estou estressado. Não fumava antes do acidente, mas depois... comecei meio que por rebeldia. Parei por um tempo, mas às vezes me ajuda a acalmar um pouco meu cérebro.

Dou de ombros.

— Não precisa se justificar, Arlo. Quer que eu peça um cigarro para alguém?

Ele nega, olhando seus pés.

— Não, não precisa. É melhor eu não fumar mesmo. — Ele respira fundo. — Desculpe por não ter contado que estava aqui no Reino Unido durante o recesso. Depois que você supôs que eu estava em São Francisco, achei que seria mais fácil não dizer nada do que te contar a verdade. Eu... não queria que você ficasse com pena de mim. Eu só queria ficar sozinho.

— Mas por quê? Se é uma época difícil, você não deveria ficar sozinho.

— Eu sei — diz ele, suspirando. — Mas não quero deixar todo mundo triste e estragar as festas. Ninguém quer a companhia de alguém assim. Sei lá. É mais fácil ficar triste por causa da minha irmã quando estou sozinho. E aí, quando estou com os outros, posso ser mais relaxado e divertido.

— Não te julgo. Mas não tem problema você ser triste e sincero. Senão você nunca vai se aproximar de ninguém, e isso não é bom. — Eu hesito. — As pessoas querem te ajudar — digo baixinho.

Ele ergue o olhar para me encarar.

— Pessoas como você?

— Bem... sim.

Cruzo os braços, constrangida. Ele percebe minha pele arrepiada e endireita a postura.

— Você deve estar congelando. É melhor a gente entrar.

— Eu estou bem.

— Meu casaco está lá dentro. Pode ficar com ele — diz, franzindo a testa, preocupado. — Eu vou lá pegar pra você.

— Arlo — começo, rindo e erguendo a mão —, eu estou *bem*. A gente pode voltar agora, mas, antes disso, quero que saiba que estou aqui se quiser conversar sobre sua irmã em algum momento. A gente nem precisa conversar, se você não quiser. Podemos apenas ficar juntos e ver aqueles filmes antigos de que você gosta.

Ele ergue a sobrancelha.

— Ah, é? Você topa um clássico do Humphrey Bogart?

— Topo. Só não quero que você fique escondido, sofrendo sozinho. Está bem?

Ele assente, e seus lábios se curvam em um sorriso.

— Está bem. Obrigado. Eu... Isso significa muito para mim. — Ele estende a mão, apontando a cabeça para a porta do bar. — Vamos?

— Vamos — respondo, segurando sua mão e o deixando nos levar até lá dentro.

Capítulo dezesseis

Ao entrar no ônibus para Nottingham uma semana depois, para as partidas fora de casa, percebo o nervosismo de ambos os times. Tanto o time masculino quanto o feminino de Nottingham são bons. O masculino está em primeiro lugar no campeonato, e o treino da nossa equipe feminina depois do Natal não aumentou em nada a confiança das meninas. O time estava mais lento e desleixado, algo que o técnico Hendricks atribuiu ao recesso. Só espero que aquele treino desastroso tenha sido o choque de realidade de que precisávamos para jogar melhor hoje.

Escolho um assento na janela e vejo Arlo subir no ônibus. Endireito a postura, torcendo para que ele perceba o lugar vazio ao meu lado e se sente ali.

Nós nos divertimos muito em Newcastle, mas não aconteceu nada. Jade e Sam se deram muito bem, e Maya encontrou Heather, então Arlo e eu pudemos passar a maior parte da noite juntos, conversando e rindo, bem à vontade. No dia seguinte, ele perguntou se podia voltar conosco para Durham, e enquanto Maya dirigia e Jade cochilava no banco da frente, Arlo e eu fomos atrás. Tentei lutar contra a ressaca e ficar acordada durante a breve viagem, mas terminei pegando no sono. Quando acordei, percebi que tinha dormido encostada no ombro dele, sua bochecha apoiada na minha cabeça e nossos dedos entrelaçados.

Enquanto anda pelo corredor do ônibus, ele me avista e sorri, mas prefere se sentar com um de seus colegas de time. Tento disfarçar a decepção, ponho depressa os fones de ouvido e escolho uma playlist motivacional, abafando o bate-boca de Hayley e Dylan lá no fundo.

Quando Jade se senta ao meu lado, ela tira um dos meus fones e pergunta:

— Quanto tempo de viagem mesmo? Não me diga que vou precisar passar mais de uma hora ouvindo aqueles dois ali.

— Três horas — respondo, fazendo-a gemer alto. — É por isso que vamos dormir em Nottingham.

— Tomara que o técnico tenha escolhido um hotel decente — murmura ela com irritação. — Vamos precisar de um pouco de luxo depois da partida, imagino. Aquele lugar onde a gente se hospedou no último jogo fora de casa era terrível.

— Não pense que a gente vai se hospedar no Savoy, Jade.

Ela suspira, abaixando-se no banco e fechando os olhos enquanto os últimos jogadores se acomodam e nós nos preparamos para partir.

O percurso é tranquilo, e chegamos a Nottingham com tempo de sobra. Vamos até os vestiários e nos arrumamos para o aquecimento. Quando saímos para o campo, o técnico Hendricks está nos esperando e acena para mim com uma expressão séria no rosto.

— Uma palavrinha, McGrath — diz ele em voz baixa, afastando-me do grupo. Ele cruza os braços. — Queria que você soubesse que tem um olheiro aqui hoje.

Inspiro profundamente.

— Sêrio?

Ele aponta a cabeça para um homem barbudo de jaqueta preta sentado sozinho na arquibancada.

— Concentre-se no jogo. Não tenha medo de se arriscar — aconselha o técnico, observando-me com atenção. — Você andou um pouco distraída nos treinos da semana. Está tudo bem?

Meu olhar procura Arlo, que está se aquecendo com outro jogador.

— Está, sim — garanto. — Foi apenas o recesso.

— O recesso já acabou, McGrath — diz ele, como se eu já não soubesse. — Isso é coisa séria. Impressiona aquele cara como eu sei que você é capaz de fazer, porque isso pode virar um contrato com algum time.

Engulo em seco, assentindo.

— Acho melhor não contar nada aos outros. Não quero que eles fiquem nervosos — pede ele. — É melhor que se concentrem apenas na partida. Enfim, você pode ir ajudar os rapazes no aquecimento? As partidas do campeonato masculino vêm primeiro... depois é a nossa vez.

Corro até o restante do time enquanto todos se alongam e se aquecem. Tento ignorar a onda de náusea provocada pela informação de que essa partida pode mudar minha vida. Não me sinto pronta.

Esqueço temporariamente minhas preocupações ao ver a comoção quando a técnica Neville diz a Arlo que ele vai ficar no banco, lembrando-o de que se comportou mal na última partida fora de casa e levou cartão amarelo.

— Eu estava num dia ruim! — argumenta ele furioso, erguendo as mãos. — Eu não preciso dessa punição, técnica. É para eu estar no campo, dando ao time uma chance de vencer. Você está tomando uma decisão ruim!

— Você foi avisado que essa seria a consequência, Hudson — responde ela, inabalável. — Se questionar minhas decisões de novo, você passa o resto do trimestre sem entrar em campo. Entendeu?

Com o maxilar contraído, ele recua, balançando a cabeça. Dou um tempo para ele se acalmar e, depois que a partida começa, vou até o canto do campo. Era para ele estar treinando passes com outro reserva, mas está apenas chutando a bola forte demais, sem nenhum controle.

— Você está bem? — pergunto com cautela, assumindo o lugar de seu colega, que foi pegar água. — Você sabe que ela *não* quer te deixar no banco, não é?

— Então por que ela não me coloca no jogo? — resmunga ele, olhando para o campo, onde o placar continua zero a zero. — Parece até que ela não quer que a gente ganhe. Eles precisam de mim!

— Pois é, e ela está provando a você que você precisa deles.

Ele para a bola e põe as mãos nos quadris.

— Acha que ela está querendo me ensinar alguma lição?

— Como você acha que o restante do seu time se sente quando você diz que eles precisam da sua presença para vencer? — questiono. — Acha que assim eles vão jogar melhor? Ou vão se sentir mal e desmotivados? E imagino que você também não esteja se sentindo muito bem. Deve estar frustrado e zangado consigo mesmo.

Ele expira, olhando para o chão.

— Não estou dizendo que você não é o atacante principal, mas não é o único jogador do time — prossigo calmamente. — A punição por ter perdido a cabeça na última partida vai servir para a técnica te mostrar que o time pode muito bem jogar sem você e, ao mesmo tempo, vai te fazer lembrar de que você gosta de jogar com eles. Dois coelhos, uma cajadada.

Ele olha para a técnica Neville, gritando da linha lateral para que o time preste atenção, e depois se vira para mim.

— Então você acha que eu ainda tenho alguma chance de jogar hoje?

— Com certeza — afirmo. — Mas ela precisa de alguém que jogue em equipe, não de um astro solitário. Comporte-se, apoie seus colegas de time e, quando entrar em campo, confie neles. — Abro um sorriso irônico. — Em outras palavras, não monopolize a bola, Hudson.

Fico satisfeita quando o vejo sorrir.

Seu colega volta, e eu os deixo a sós. Eu me junto a Jade e Maya na beira do campo para torcer por nossos rapazes. Quando a técnica Neville põe Arlo no time para o segundo tempo, quando ainda está zero a zero, ele entra no gramado parecendo bem mais animado e motivado que antes.

O árbitro apita, e a partida começa. O técnico Hendricks para do meu lado e observa o time.

— Hudson está jogando bem melhor nas últimas semanas — comenta o técnico, vendo Arlo correr pelo campo e escapar do zagueiro. — A técnica Neville e eu concordamos que isso é, em grande parte, por sua causa. Mesmo que as coisas não deem certo com o olheiro, quero que sintam orgulho de si mesma no fim da temporada, McGrath.

O Nottingham faz um gol nos últimos dez minutos e fico triste pelos garotos, mas Arlo não parece se abalar muito. Enquanto Dylan arremessa a bola xingando os zagueiros, Arlo grita palavras de incentivo. Nos minutos seguintes,, observo orgulhosa quando ele passa a bola para Michael, que avança e faz um gol. O time e os fãs na arquibancada enlouquecem. O jogo acaba com o apito final, e nosso time comemora o empate, um resultado fantástico contra os atuais campeões. Fico batendo palmas até arderem e sorrio para Arlo, que está comemorando com Michael.

— Está pronta? — pergunta baixinho o técnico, aproximando-se de mim. — Agora é sua vez.

Respirando fundo, balanço as mãos e sinto os dedos formigarem de nervosismo.

Chegou a hora.

Capítulo dezessete

Ouçõ uma batida na porta do vestiário. Quando ninguém responde, Arlo a abre com cautela e chama meu nome. Sua voz ecoa pelo espaço vazio.

— Sadie? Está aí? — Ele me vê sentada sozinha no banco. — Tem mais alguém com você? Ou posso entrar?

— Estou sozinha.

Ele entra com cuidado, deixando a porta se fechar atrás de si. Então se senta ao meu lado.

— Eu estava esperando você sair — diz ele afetuosamente, encostando-se na fileira de armários atrás da gente. — Jade disse que você era a única aqui e que logo ia sair. Isso tem... — Ele confere o relógio. — Uns dez minutos. Eu estava preocupado, achando que tinha acontecido alguma coisa. Que talvez você tivesse ficado presa dentro de um armário ou algo assim.

Abro um pequeno sorriso.

Ele franze a testa, confuso.

— Normalmente, quando uma pessoa vence uma partida, ela comemora depois.

— Não estou muito a fim de comemorar — admito baixinho.

— Mas você jogou tão bem hoje!

— Não tanto. Eu poderia ter feito outro gol se não tivesse hesitado quando Alisha roubou a bola e a lançou para mim. Fui pega de surpresa e estraguei a jogada porque não tinha nenhum plano. Perdi minha chance.

— O quê? — Ele me encara com olhos arregalados. — Do que você está falando?! Sadie, você *venceu*.

Dou de ombros.

— Estão dizendo que hoje a noite vai ser boa — fala ele, encostando o cotovelo em mim. — Acho que Dylan está no comando, então provavelmente vamos parar em algum lugar péssimo. Espero que ele dê ouvidos a Hayley e escolha um local em que o álcool não tenha gosto de

gasolina. — Ele faz uma pausa e me observa com curiosidade. — Posso perguntar por que você não está a fim de comemorar? Mas não quero ser invasivo.

— Não tem problema. — Hesito. — Você vai achar ridículo.

— Quer apostar?

Eu me encosto ao seu lado e suspiro.

— Tinha um olheiro observando a gente hoje.

Ele se sobressalta.

— Sério? Quem?

— Ele estava na arquibancada. O técnico Hendricks me mostrou quem era antes da partida. Eu achei que... — Não termino a frase e balanço a cabeça. — Enfim, ele foi embora.

— O olheiro?

— Isso.

— Ele falou com você antes de ir embora?

— Não.

— Ah. — Arlo assente, por fim entendendo. — Sinto muito, Sadie.

— Foi burrice me iludir. Mas, quando fiz o segundo gol, eu me virei para ele e vi que estava aplaudindo... Sei lá, por um instante eu me permiti acreditar que, depois do jogo, eu teria uma conversa que mudaria minha vida. Eu me imaginei contando para o meu pai. Vi o rosto dele, a empolgação, o orgulho. — Faço uma pausa, abaixando a cabeça e me segurando para não chorar. — Foi burrice minha.

— Ei, não foi burrice — diz Arlo gentilmente, virando-se para mim. Ele pega minha mão e a aperta. — Você tinha todo o direito de se sentir confiante. Você fez uma partida brilhante.

— Eu não corri nenhum risco. Não me destaquei. — Engulo o nó na garganta. — Não fui boa o bastante. Talvez eu jamais consiga.

— Sadie, olhe aqui para mim — insiste ele, e espera até eu me obrigar a encará-lo. — Você é uma das jogadoras mais talentosas que já vi. Você nasceu para isso. Está me ouvindo? *Você vai conseguir.*

— Mas o olheiro...

— É óbvio que aquele cara é um olheiro de merda — interrompe Arlo. — Ele perdeu a oportunidade de identificar uma das futuras estrelas do futebol feminino. Isso é problema dele, e é ele que vai ter que conviver

com esse remorso. Esqueça o sujeito. Você vai ter outros olheiros e outras oportunidades. Não foi agora, mas isso não significa que não vai acontecer.

Dou uma fungada, sem conseguir impedir que uma lágrima escorra pela bochecha.

— Acha mesmo?

— Acho — responde ele sorrindo, soltando minha mão para enxugar a lágrima com o polegar. — Você é única, Sadie McGrath. Um dia, quando você tiver esquecido quem eu sou, vou me gabar do fato de que foi minha mentora. Vou ficar dizendo lá no bar: “Ah, eu deveria ter dado ouvidos a ela...”

— Então você está admitindo que não dá ouvidos ao que digo — saliento, rindo.

— Na verdade, você ajudou muito hoje. Sem você, nosso time não teria feito o gol. — Ele se levanta com entusiasmo. — E é por isso que eu quero sair para jantar com você hoje, para agradecer pelas palavras de incentivo. Você conseguiu me dizer para eu deixar de ser um babaca, mas se expressou de um jeito bem melhor. Foi impressionante.

— Disso eu me orgulho.

— Também vamos comemorar sua grande vitória. Nenhum olheiro pode tirá-la de você e fazer com que não se sinta uma vencedora. Me falaram de um ótimo restaurante de culinária *tex-mex*. Na minha opinião, você merece um brinde com tequila.

Estremeço.

— Argh! Por favor, nada de tequila. Beber tequila só dá merda.

— Não sei se concordo — sussurra ele, antes de sorrir para mim. — Tudo bem. Tacos, mas sem tequila. É o que estou oferecendo. É pegar ou largar. Mas prefiro que você pegue.

Ele estende a mão. Olho-a com cautela.

— A não ser... — prossegue ele, inclinando a cabeça —, que você prefira jantar no lugar que Dylan escolher. Acho que o mantra dele é “quem precisa de uma mesa se podemos ter fliperamas?”. Tenho certeza de que vai ser um lugar com muita classe.

— Tacos, mas sem tequila... — Dou uma risada, seguro sua mão e me levanto. — Perfeito.

Passamos primeiro no hotel para nos arrumar, e conto a Jade o que está acontecendo assim que entro no quarto. Ela suspira, sai correndo e bate à porta de Amy e Maya, obrigando-as a virem à nossa suíte para que possa repetir o que eu lhe disse. Quando as três começam a gritar de empolgação, imploro para que se acalmem, pois vamos apenas jantar e não vai ser nada de mais.

— Tacos são sensuais — afirma Maya, vasculhando minha mala para me ajudar a escolher o que vestir.

— São? — Amy franze a testa. — Acho impossível de comer sem fazer uma bagunça.

— Amy tem razão — concorda Jade, jogando algumas roupas da sua bolsa de viagem na cama para que eu escolha. Posso sempre contar com Jade para encher uma mala com opções para uma noite. — Você precisa comer sem se sujar, Sadie. Isso é um encontro.

— Não é um encontro — graso, sentindo um aperto na garganta. — É?

Maya assente, devagar.

— Ele ficou te esperando na frente do vestiário para te convidar para jantar *sozinha*, antes que você encontrasse suas amigas de novo. Acho que precisamos admitir que é mesmo um encontro.

— Merda. — Expiro, me deixando cair na cama e passando a mão no cabelo. — Eu tenho um encontro.

— Com o maior gato do futebol! — exclama Amy, batendo palmas.

— Corrigindo: com o maior gato da universidade — diz Jade.

— Não tá ajudando, pessoal — murmuro.

— E esse look aqui? — pergunta Maya, erguendo uma minissaia de Jade e um top com lantejoulas. — É exagerado demais?

— Para um restaurante de tacos, sim — afirma Jade, enquanto concordo com um aceno. — Mas pode separá-lo para mim. Quero sair bem sexy hoje.

— Você sai sexy toda noite — diz Maya, mandando um beijo para ela.

— Você, hein... — Jade sorri. — Sadie, o que está a fim de vestir? É para você se sentir confiante hoje.

Expiro, tentando pensar. Uma lembrança me ocorre, e eu me sento.

— Lembra quando a gente encontrou com ele em Newcastle? Ele elogiou o que eu estava vestindo — recordo animadamente. — Estávamos

vendo quem ia conseguir ser atendido primeiro no bar, e ele disse que não teve nenhuma chance porque eu estava vestida daquele jeito.

— Aquela blusa ombro a ombro — diz Jade, estalando os dedos. — Deixando seus ombros sensuais à mostra. Fica ótimo. Você a trouxe?

Amy a encontra na minha mala.

— Aqui está!

— Minha ideia é usar a blusa com isso aqui — diz Jade, jogando sua legging de couro sintético para mim. Ela sorri, presunçosa. — Ele vai ficar de queixo caído.

Após pegar uma caixa de som, e aparentemente animada demais para se importar com os outros hóspedes do hotel, Jade bota para tocar uma playlist com todas as suas músicas prediletas. A voz de Beyoncé se espalha pelo quarto, fazendo Maya e Jade começarem a dançar em cima da cama enquanto Amy aplica a maquiagem no espelho da penteadeira. Sorrindo, entro no banheiro para me maquiar o mais rápido possível e visto a roupa. Quando saio do banheiro para que vejam o look final, elas soltam gritinhos.

— Eu avisei! — grita Jade mais alto que a música. — Ele vai ficar *doidinho*.

— Se mesmo com você vestida *assim* ele não tiver o bom senso de te pegar antes que outra pessoa o faça, é porque Arlo não é o homem da sua vida — diz Maya, com firmeza. — E os sapatos, quais as opções?

— Uma bota de cano curto? Ou um scarpin? — pergunta Amy, erguendo os dois.

— Ou ela pode ir com alguma sapatilha para que fique mais casual — salienta Maya.

— Bota! — exclama Jade. — Não, pera aí. Scarpin. Não. Bota.

— Talvez uma sapatilha — diz Amy, inclinando a cabeça.

— Prefiro o scarpin — afirma Maya, depois franze a testa. — Na verdade, talvez as botas...

— Vocês todas estão me deixando confusa. — Suspiro e ponho a mão no quadril. — Preciso que alguém decida!

— Então a festa já começou! A gente pode se arrumar aqui também? — anuncia Quinn, entrando no quarto com Hayley. Ela ofega ao me ver. — Uau, Sadie. Que *linda*.

— Ela tem um encontro com Arlo — diz Jade, com uma risadinha.

— Não é um encontro *de jeito nenhum* — respondo, corando e evitando encarar Hayley, que está me olhando dos pés à cabeça, sem nenhum pudor. — Vamos jantar e depois vamos encontrar vocês. Ele quer me agradecer pelas aulas particulares.

— Isso tá com cara de encontro, sim! — Quinn sorri. — Você está linda. Vai com qual sapato?

— Era o que a gente estava tentando resolver — admito, enquanto Amy balança as opções. — Qual você acha que combina mais?

Quinn parece hesitar.

— Hum. Não sei. Hayley, você é melhor com essas coisas. O que acha?

Jade e Maya se entreolham. Ficamos esperando caladas enquanto Hayley me observa.

— Depende — diz ela depois de um tempo, erguendo o queixo. — Você *quer* que seja um encontro, Sadie?

— Quero — respondo com sinceridade. — Quero, sim.

— Então vá de scarpin. Ele não vai resistir — diz ela baixinho, abrindo um sorriso triste. — Vá por mim.

Capítulo dezoito

Talvez Arlo Hudson tenha a melhor risada do mundo. Com alguma coisa só um pouco engraçada, ele abre um enigmático sorriso sensual e ri baixinho. Porém, quando algo é realmente hilário, um sorriso bobo invade seu rosto lindo e ele solta uma gargalhada contagiante jogando a cabeça para trás. É o tipo de risada que alegra o dia dos outros. Que faz um calor se espalhar pelo meu corpo inteiro. Ela é tão maravilhosa que me dá vontade de fazê-lo rir assim para sempre.

Ele está rindo desse jeito neste exato momento, depois que lhe contei que, certa vez, um falcão me perseguiu pelo Castelo de Edimburgo.

— Não pode ser verdade — diz ele ofegante, me encarando de olhos arregalados na nossa mesinha do restaurante *tex-mex*.

O lugar é ótimo, íntimo e divertido, com garçons bem simpáticos, e a comida é uma delícia. O imenso peso da decepção por ter sido ignorada pelo olheiro mais cedo foi desaparecendo aos poucos, e a vibe relaxada do restaurante me ajudou a me sentir mais à vontade, apesar de eu ter admitido para minhas amigas que se trata realmente de um encontro. Ele também está bem-vestido, com calça cáqui e uma camisa azul-marinho, as mangas dobradas para mostrar seus antebraços definidos. Mais cedo, quando as portas do elevador se abriram na recepção do hotel, ele estava me esperando e se espantou quando tirou os olhos do celular e me viu indo até ele. Então arregalou os olhos, abriu um pouco os lábios e engoliu em seco.

Acho que nunca o vi tão nervoso daquele jeito.

Foi extremamente satisfatório.

— Está dizendo que um falcão realmente ficou te seguindo na parte externa do castelo? — confere ele, batendo a mão na mesa quando assinto. — Como isso é possível? Os falcões por acaso ficam perambulando pelos castelos nesse país, esperando para perseguir jovens donzelas por considerá-las uma ameaça?

— Tinha um homem fazendo uma apresentação com suas aves de rapina no dia do passeio da minha escola — explico, achando graça de sua expressão. — O falcão decidiu que ia me atacar e ficou me perseguindo naquela área externa que fica bem na frente da entrada do castelo. Quando o homem finalmente conseguiu controlá-lo, ele disse que ou o falcão gostou muito do meu cabelo ruivo, ou se sentiu ofendido com ele.

— Seu cabelo ofendeu um *falcão*? — pergunta ele, incrédulo.

— Prefiro pensar que ele estava admirando meu cabelo.

— Isso *sim* seria compreensível — concorda Arlo, ainda rindo. — Talvez ele tenha pensado que era alguma almofada vermelha de veludo em que uma ave da realeza ficaria empoleirada.

— Ah, que legal. É isso que toda garota quer ouvir: que seu cabelo parece uma almofada.

— Uma almofada *da realeza* — enfatiza ele.

— Uma distinção importante — digo sorrindo, pegando minha margarita. Nós dois tomamos refrigerantes enquanto comíamos, mas senti que precisava de um drinque antes de sair para encontrar o pessoal. Ele pediu uma cerveja.

— Deve ter sido legal crescer numa cidade com um castelo perto de casa — reflete ele. — Eu adoraria conhecer Edimburgo. Talvez no verão, durante o Festival Fringe.

— Você não vai passar o verão nos Estados Unidos?

Ele dá de ombros.

— Não sei. Acho que sim, mas posso voltar para cá um pouco antes da volta às aulas e visitar a Escócia. Posso ficar na sua casa?

Dou uma risada.

— Acho que não.

— Por que não? — pergunta ele, erguendo a sobrancelha. — Não quer que eu visite sua linda cidade natal? Você tem vergonha de mim, McGrath? É porque sou americano? Porque eu sei falar com outros sotaques. Posso fingir que sou de uma nacionalidade completamente diferente, é só escolher qual. Os escoceses gostam dos irlandeses? Sei imitar muito bem o sotaque de Dublin.

Reviro os olhos.

— É óbvio que você será muito bem-vindo na Escócia, independentemente do seu sotaque, mas está esquecendo que moro com

meus pais, então a não ser que você tope ficar com eles...

— Por que não? — diz ele, inclinando a cabeça. — Vou adorar conhecer seus pais.

Fico sem reação.

— Você... hã?

— Seria divertido! — insiste ele, com um brilho nos olhos. — Eu ouviria histórias sobre como você foi uma criança encantadora e uma adolescente terrível. Você teve uma fase rebelde, não foi? Imagino que sim. Espero que eles tenham fotos.

— Também posso entrar nessa brincadeira, Arlo. Nada me impede de pegar um avião para São Francisco e pedir para sua mãe me falar da sua infância.

— À vontade. Não tenho nada a esconder. Já vou avisando logo que meu cabelo roxo era muito legal — diz ele, com um sorriso travesso.

Eu o encaro, boquiaberta.

— Você tinha cabelo roxo?

— E usava uma bandana verde-limão na cabeça — revela ele. — Eu fazia parte de uma banda de punk rock. Infelizmente, precisei largá-la para me dedicar ao futebol.

— O que a música perdeu, o futebol ganhou.

— Mas eu era um músico nato — alega ele, dando um gole na cerveja.

Solto uma risada enquanto bebo.

— Sei.

— É sério. As pessoas vinham de longe para me ver no palco.

— É mesmo? Vamos combinar o seguinte: mais tarde, você prova isso na pista de dança — brinco. — Um músico nato é bom de ritmo. A gente vê se você está falando a verdade ou não.

— Por mim, tudo bem. — Ele dá de ombros. — E você? Vou ter o prazer de te ver se acabando de dançar hoje?

— Duvido. Só danço quando estou muito animada.

Ele abaixa a cerveja devagar.

— Isso me parece um desafio, McGrath.

— Tudo parece um desafio para você, Hudson — digo com um sorriso de cumplicidade, repetindo as exatas palavras que ele me disse em Newcastle. — Eu quis dizer animada por causa da bebida, mas só tomei uma margarita hoje, não vou dançar tão cedo.

— Aposto que consigo fazer você se divertir horrores na pista de dança sem beber mais nada — diz ele, apontando a cabeça para o copo na minha mão.

— Vou me divertir horrores, é? — pergunto, erguendo as sobrancelhas.
— Que confiança a sua.

— Eu confio no meu taco — afirma ele.

— Tá bom, então. Pode tentar. Mas se eu não me divertir nem um pouco, você fica me devendo outra margarita — digo, em tom de brincadeira. — Mas e se você vencer e eu “me divertir horrores”?

Ele se inclina sobre a mesa e abaixa a voz para que só eu escute.

— Se estiver dançando com você, e você estiver se divertindo horrores — diz ele, com um perigoso brilho nos olhos —, eu já vou ter vencido.

Capítulo dezenove

Não gosto quando Arlo vence, mas essa noite eu reconheço sua vitória.

Quando saímos do restaurante para caminhar até a boate onde todos estavam, ele começou a me contar sobre uma aula e segurou minha mão como se fosse algo completamente natural. Como se estivéssemos juntos. Foi eletrizante.

Os dois times gritaram de alegria quando chegamos e, apesar de eu imaginar que minhas bochechas devem ter ficado bem vermelhas, Arlo não pareceu ligar e cumprimentou nossos amigos animadamente, antes de se virar para mim e me levar direto para a pista de dança.

— Espera, você não quer um drinque? — gritou Jade por cima do som vibrante do baixo.

— Só depois que ela se divertir horrores — respondeu ele, deixando-a confusa.

Diante dos olhares curiosos de nossos amigos, ele me puxa para o meio da multidão na pista, abrindo caminho entre as pessoas até chegarmos ao outro lado da boate, onde ninguém vai conseguir nos enxergar das mesas, mesmo que estique o pescoço. No começo, ele recorre à comédia, girando e me fazendo rir com passos exagerados, mexendo os pés de um jeito impressionante. Apesar de ele estar brincando, dá para perceber que sabe dançar muito bem.

— Está se divertindo? — pergunta ele, aproximando-se para falar no meu ouvido. Ele sorri quando faço que sim. — Mas o desafio era fazer *você* dançar.

Ele se aproxima, e seus dedos descem pelos meus braços até os punhos, depois os erguem até seus ombros, apoiando minhas mãos na sua nuca. Suas mãos seguram meus quadris e me puxam para ele, pressionando meu corpo no seu. Meu coração martela o peito, e as pessoas e o barulho ao nosso redor viram um borrão quando ele abaixa a cabeça até a minha. Encaro-o sem fôlego, olhando bem nos seus olhos. Ele nos move

de um lado para o outro, balançando ao ritmo da música, e minhas mãos deslizam pelos seus ombros largos e musculosos e pressionam seu peito sob a camisa justa. Meu rosto fica vermelho de calor, e meu corpo inteiro começa a formigar com o prazer do momento.

Após abaixar a cabeça ainda mais para encostar o nariz no meu, Arlo espera que eu entenda o sinal e erga o queixo para que ele roce os lábios perigosamente nos meus, mas se recusa a me beijar ainda. Segurando meu rosto com a mão direita, seus olhos se voltam para o meu pescoço, e ele sorri satisfeito ao me ver engolir em seco de nervosismo. Depois de colocar meu cabelo atrás da orelha, ele se aproxima para falar comigo. O hálito morno no meu ouvido e seu cheiro almiscarado e amadeirado me provocam um calafrio pelo corpo.

— Estou vencendo, Sadie?

Minha cabeça está girando demais para que eu consiga falar. Tudo o que posso fazer é assentir.

Ele não está mais sorrindo. Está me encarando com um olhar tão intenso que me sinto completamente impotente, subjugada e assustada. Assustada porque eu o desejo tanto que sei que não consigo disfarçar. O olhar penetrante dele procura todas as nuances da minha expressão, me deixando indefesa e vulnerável.

Somos interrompidos por Dylan, que aparece do nada e joga os braços em volta dele, falando alguma bobagem sobre a partida enquanto os olhos de Arlo se mantêm fixos nos meus. Fico feliz por terem estourado nossa bolha e abro um sorriso alegre enquanto procuro Jade, que está vindo em nossa direção. Ela puxa Michael, que está com manchas do batom dela na boca. Ele a olha como se tivesse ganhado na loteria. Logo Hayley, Maya e Quinn se juntam a nós com mais jogadores do time masculino, e Arlo e eu nos afastamos naturalmente à medida que o grupo aumenta.

Eu me divirto um pouco, dançando e rindo com as garotas. Depois, vou me juntar a Amy e ao restante do nosso time na mesa. Fico surpresa ao ver que Arlo me seguiu. Ele põe o braço ao meu redor quando chegamos à mesa e pergunta o que eu quero beber. Ele vai até o balcão enquanto me sento ao lado de Amy.

Quando ele volta, um dos meio-campistas, Jacob, está sentado ao meu lado, bêbado, dizendo o quanto me acha talentosa. Ele se aproxima de mim para que eu consiga ouvi-lo e encosta a mão no meu braço. Tento não

parecer muito contente ao ver a expressão de Arlo, que contrai o maxilar e estreita os olhos para o amigo. Educadamente, eu me retiro da conversa, levanto-me e vou até Arlo. Agradeço e pego o drinque para que ele não tenha nenhuma dúvida sobre as minhas intenções. Seus ombros relaxam na mesma hora, e ele se inclina para me dar um beijo na bochecha.

— Jacob parecia estar se sentindo à vontade — comenta ele, olhando feio para o seu colega de time, que se encolhe e se aproxima de Amy para puxar papo.

— O que foi, Arlo? Está com ciúme? — pergunto, encarando-o de um jeito sedutor.

— Sim — admite ele, se virando para mim. — Estou morrendo de ciúme.

Fico sem fôlego ao ouvir a sinceridade na sua voz e tento pensar em algo para dizer, mas pelo jeito esqueci todas as palavras que conheço. Ele gesticula para que eu me sente com ele, e passo um bom tempo sem conseguir me concentrar em nada do que as pessoas estão tentando dizer por cima da música. Estou distraída demais pela maneira como ele se posicionou: um braço ao meu redor, me puxando para perto, e a outra mão apoiada na minha coxa. Num dado momento, Amy gesticula para falar comigo, então me aproximo enquanto Arlo conversa com Jacob, que pelo jeito foi perdoado, às minhas costas. Arlo não tira a mão da minha cintura quando me inclino.

— Ele está mostrando para todo mundo, não é? — diz Amy rindo, embolando as palavras.

— Como assim?

— Arlo! Ele está mostrando ao mundo inteiro que vocês estão juntos.

— Amy, nem aconteceu nada ainda.

— Ah, mas vai acontecer, amiga, com certeza — diz ela firmemente, com um tapinha no meu joelho. — Não vejo a hora de saber todos os detalhes na volta para casa amanhã!

Enquanto me encosto e rio, balanço a cabeça, mas meu coração palpita depois que Arlo percebe que estou chegando para trás e me puxa para mais perto. Encontro sua mão e entrelaço meus dedos nos seus no meu colo. As palavras de Amy refletiram a esperança que tenho, e quando Jade e Michael chegam à mesa cambaleantes e dizem que estão indo embora, essa esperança aumenta exponencialmente.

— Arlo, você faria a gentileza de deixar minha colega de quarto no hotel em segurança? — grita Jade, segurando o rosto dele entre as mãos. — Eu vou deixar o *seu* colega de quarto no hotel em segurança, e assim você me paga na mesma moeda e tal.

— Sério? — diz Arlo, erguendo as sobrancelhas, com seu braço forte e quente me apertando um pouco mais. — Bom, já que você insiste...

— Divirtam-se! — exclama ela antes de se virar para Michael. — Vamos.

— Ok — responde Michael, seguindo-a enfeitiçado.

Nenhum de nós diz nada. Ficamos sentados um ao lado do outro impacientemente, de mãos dadas, enquanto a música alta continua. Finalmente, ele pergunta se não quero ir embora, e eu faço que sim, sentindo um nó na garganta. Não nos damos o trabalho de nos despedir de ninguém. Ele pede um Uber enquanto estamos saindo, e o carro chega quase na mesma hora. Sentamos lado a lado no carro, sem dizer nada no breve trajeto até o hotel, uma tensão inquietante preenchendo o silêncio.

Quando chegamos, ele salta do carro e mantém a porta aberta para mim. Eu saio e seguro a mão dele enquanto agradece ao motorista, antes de fechar a porta. Vou na frente, e nós dois entramos no hotel e seguimos para o elevador. Aperto o botão com Arlo atrás de mim, colocando uma das mãos na minha cintura enquanto a outra afasta meu cabelo para o ombro, deixando meu pescoço à mostra. Atrás de mim, sinto sua respiração lenta.

O elevador se abre com um tinido, e vamos para o corredor. As portas se fecham, e ele me vira para si. Pondo os braços ao redor do meu pescoço, mordo o lábio, e ele encosta o rosto no meu cabelo, suspirando satisfeito, pressionando os lábios no meu ombro.

Ele espera até que eu o deixe entrar no meu quarto para finalmente me beijar depois de todo o flerte da noite. Uma de suas mãos desce até minha lombar, e a outra inclina delicadamente o meu queixo para cima até nossos lábios se tocarem. Esse beijo é diferente de antes. Quando nos beijamos na noite da tequila, foi algo forte, rápido, urgente. Já o beijo de agora é dolorosamente lento e suave, do tipo que deixa minha pele toda arrepiada e faz meu corpo inteiro tremer, ansiando pelo que está por vir.

Enquanto minhas mãos pressionam seu peito firme, fico extremamente impaciente e intensifico o beijo, curvando-me para perto dele. Ele reage na mesma hora, soltando um gemido involuntário e me beijando com mais

paixão. Suas mãos descem pela minha cintura e agarram meus quadris. Com o coração acelerado, procuro o primeiro botão de sua camisa, abrindo-o e descendo para o seguinte. Ofegante, ele interrompe o beijo para me olhar, e vejo meu próprio desejo refletido.

— Tem certeza? — pergunta ele, a voz rouca e áspera.

— Tenho — sussurro, segurando seu rosto entre as mãos e o olhando bem nos olhos para acabar com todas as suas dúvidas. — Tenho, sim.

Abrindo um sorriso, ele abaixa os braços para agarrar minhas coxas e me erguer, e rio enquanto minhas pernas se enroscam automaticamente nos seus quadris. Ele nos leva para a cama e me acomoda com cuidado. Enquanto se deita em cima de mim e me beija de novo, fecho os olhos e o abraço com firmeza, entregando-me à esperança de nunca precisar me separar dele.

Capítulo vinte

É de madrugada, e Arlo sussurrou alguma coisa para mim, mas estou tão cansada que não escuto direito, sorrio quando ele me beija e volto a dormir. Quando acordo de manhã, ele não está mais comigo, e vejo Jade na sua cama do outro lado do quarto, ainda com o vestido e a maquiagem da véspera, deitada de bruços sobre o edredom e roncando bem alto. Dou uma olhada no celular, mas não tem nenhuma mensagem. Talvez ele tenha saído para tomar um café... Não, ainda estava escuro quando ele falou comigo. Deve ter voltado para o quarto. Sinto um aperto no coração quando me pergunto por que ele não ficou ali. Digo a mim mesma para não ser tão dramática — estamos no mesmo hotel que todos os outros jogadores e técnicos. É compreensível que ele não quisesse que todos o vissem voltando para o quarto de manhã. Acho que é por isso que Jade também veio para cá.

Estendo a mão para pegar uma camiseta e uma calça de pijama na mala. Visto-as sob o edredom e vou até o banheiro na ponta dos pés para tomar banho e me arrumar. Não consigo parar de sorrir enquanto penso na noite passada. Sob a água quente do chuveiro, fico pensando na maneira como Arlo me abraçou no elevador, na maneira como ele me beijou quando chegamos ao quarto, em como ele é extremamente sexy. Foi tudo perfeito na noite passada, e é uma pena ele não ficar até de manhã. Quando voltarmos a Durham e não estivermos mais no mesmo hotel que o time, as coisas vão ser diferentes. Estremeço de empolgação quando penso em repetir aquela noite e mordo o lábio inferior. Agora que sei que Arlo também gosta de mim, só quero ficar com ele *o tempo todo*.

Depois que estou pronta, sento-me na beira da cama de Jade e a balanço delicadamente para acordá-la. Ela solta um gemido abafado no travesseiro e ergue a mão para afastar o cabelo do rosto e me encarar com olhos semicerrados.

— Que horas são? — diz ela com a voz rouca.

— Nove e meia. O ônibus vai sair da frente do hotel às dez horas. — Estendo uma garrafa de água para ela. — Beba. Enquanto você toma banho, eu pego café para nós duas, e a gente se encontra no ônibus.

— Você é um anjo que veio das Terras Altas da Escócia para me proteger.

Sorrio enquanto ela se senta e pega a água.

— A noite foi boa? — pergunto.

— Foi uma das melhores noites, mas agora vou pagar o preço — admite ela, dando um gole. — Eu nunca tinha percebido o quanto Michael é gato. Sempre o achei muito quieto e introvertido. Mas, caramba, ele sabe muito bem o que está fazendo.

Dou uma risadinha.

— Os quietos são os piores.

— Como foi sua noite com Arlo? Nos encontramos no corredor quando trocamos de quarto e nos cumprimentamos com um *toca aqui*.

— *Sério?*

— Não. — Ela ri. — Quando ele voltou para o quarto dele sei lá que horas, percebi que, apesar de bêbada, eu não estava a fim de acordar com dois atacantes no quarto e achei melhor voltar pra cá. Ainda bem que ele nos acordou batendo na porta.

— Ainda bem. Senão ele ia ver o que não devia.

— Nem me fale — diz ela, erguendo as sobrancelhas.

Ela me observa com curiosidade enquanto baixo o olhar, franzindo a testa.

— O que aconteceu? Não me diga que Arlo é ruim de cama, porque isso seria o maior...

— Não, não, ele foi... ótimo — garanto. — Foi... incrível. Eu só não sei por que ele foi embora. Estava achando que tinha sido porque você chegou, mas agora você disse que foi Arlo quem voltou para o quarto primeiro...

Ela dá de ombros.

— Eu não esquentaria com isso, Sadie. Ele provavelmente quis evitar o monte de perguntas que ouviria se alguém o visse saindo do quarto de outra pessoa. Dá para entender.

— Talvez.

Ela faz um carinho na minha mão.

— Você está se preocupando à toa, amiga. Ele gosta de você. Todo mundo percebeu isso ontem. Ele não conseguia parar de te olhar. Parecia até que estava enfeitiçado. E quem não estaria? Ele é esperto.

Sorrio.

— Toda vez que ele te via falando com outro cara, eu achava que a cabeça dele ia explodir — prossegue ela, erguendo a sobrancelha. — Ele está caidinho. Então é impossível que tenha ido embora porque não quis passar a noite com você. Deve ter sido porque estava constrangido com todo mundo aqui no hotel, ou algo assim. Confie em mim: lá na universidade, vai ser tudo diferente. Acho que nunca mais vamos nos livrar dele.

— Tomara. — Suspiro, melancólica.

— Eu não te disse bem no começo que estava rolando uma química entre vocês dois? — salienta ela. — Eu estava certa naquela época e estou certa agora também. Pode confiar.

— Tudo bem. Desculpa ser tão patética.

— Garota, você não é patética... está só apaixonada. Agora me dê licença — diz ela, pondo as pernas para fora da cama —, porque preciso vomitar e questionar minhas decisões.

Enquanto ela vai cambaleando para o banheiro, eu continuo sentada e paralisada. Não sei o que me preocupa mais: o fato de eu estar tão a fim de Arlo Hudson a ponto de Jade achar que já estou apaixonada por ele, ou a possibilidade de que ela esteja certa.

Tento não ficar irritada ou decepcionada quando Arlo não se senta do meu lado no ônibus, mas termino sentindo as duas emoções durante todo o caminho de volta. Digo a mim mesma que isso não importa e que nós dois somos adultos, não adolescentes. O lugar onde nos sentamos no ônibus não quer dizer nada. Além disso, todo mundo está de ressaca e exausto, então ninguém está nem aí para onde as pessoas se sentaram. Todos só querem colocar os fones de ouvido e dormir. Até Hayley se sentou do lado de Quinn, pôs a máscara de dormir cor-de-rosa e pegou no sono encostada no ombro da amiga. Vi Dylan a olhar de um jeito estranho e depois se sentar mais na frente, e Arlo ocupou o lugar do lado dele. Jade é a última a subir no ônibus e, quando lhe mostro o café, ela praticamente se joga no corredor para pegá-lo.

As coisas melhoram quando saio do ônibus e vejo Arlo me esperando, já tendo pegado minha mala no bagageiro.

— Oi — cumprimenta ele, mexendo na ponta do casaco. — Como foi a viagem?

— Consegui dormir um pouco. E você?

— Dylan gosta de dormir bem coladinho.

Dou uma risada.

— Sorte a sua. Talvez da próxima vez seja melhor escolher outra companhia.

— Com certeza. O que você vai fazer hoje? — pergunta ele, esperançoso.

— Jade quer passar o dia na cama vendo todos os três filmes de *High School Musical* — informo, vendo-a sentada na sua mala de rodinhas, de óculos escuros, rolando a tela do celular distraidamente, à espera de que eu termine minha conversa. — E você?

— Passar o dia vendo filmes na cama parece legal. — Ele hesita, franzindo a testa como se alguma coisa estivesse o incomodando.

— Ei, está tudo bem? — pergunto, morrendo de medo de que ele tenha se arrependido do que aconteceu.

— Está, sim — diz ele tranquilamente. — É só que... hum... ontem à noite...

Ele não termina a frase e mexe os pés. Sinto um calor subir do pescoço para o rosto enquanto o observo tentando encontrar as palavras certas para dizer o que quer que seja que ele vai dizer. Depois de ver sua expressão angustiada, eu me preparo para ouvir que foi tudo um grande erro.

— Foi bem legal — fala ele, finalmente.

Faço que sim.

— Também achei.

— É mesmo? — confere ele, e seus ombros relaxam depois do meu comentário. — Ótimo.

A ficha cai: ele está preocupado com a possibilidade de eu não ter gostado da noite passada ou que talvez tenha me arrependido.

— Foi *bem* legal — digo, só para que não reste nenhuma dúvida.

Dá certo. Seu corpo inteiro relaxa, ele me olha e abre um largo sorriso.

— Quanto tempo duram esses filmes do *High School Musical*, hein? — pergunta ele, erguendo a sobrancelha. — Acha que ainda vai estar

assistindo mais tarde? Ou você acha que tem tempo para... ver outra coisa com outra pessoa?

Sinto um calor na barriga. Depois de uma longa viagem me perguntando se a noite passada se repetiria, sinto o peso da preocupação ir embora quando sou tomada pelo alívio. Ele saiu do quarto e não se sentou do meu lado no ônibus, mas ficou me esperando para marcar de me ver mais tarde. Então não estou sozinha nessa história.

— Arlo — digo timidamente —, você está me convidado para ver um filme com você hoje à noite?

— Se você estiver disponível, sim, por que não? — responde ele, dando de ombros.

— Você não vai nos obrigar a ver algum filme antigo em preto e branco, vai?

— Pode escolher — promete ele.

— Não, escolhe você — insisto. — É você que adora cinema. Não se ofereceu uma vez para fazer uma lista de filmes que eu *preciso* ver? Então escolha algo que vá mudar minha vida.

— Caramba, quanta pressão — diz ele, pondo as mãos nos bolsos.

— Qual foi, Hudson? — Eu sorrio, pego minha mala e me afasto, depois falo por cima do ombro. — Achei que gostasse de desafios.

Capítulo vinte e um

Sempre fui impaciente. Sei que é um dos meus defeitos. Quando estou esperando uma coisa acontecer, só penso nela e não me concentro em mais nada por mais que tente. Desde que decidi que teria uma carreira no futebol, todo o resto perdeu a importância.

Até ele aparecer.

Quando não estou com Arlo, não consigo parar de pensar nele. Fico imaginando o que ele está fazendo e me perguntando quando o verei de novo. Não sei o que foi melhor: a noite em Nottingham ou a noite seguinte, quando ele apareceu na minha porta com pipoca e nós nos deitamos juntos debaixo do edredom e assistimos a um filme sobre uma herdeira e um leopardo chamado *Levada da Breca*, estrelado por Katharine Hepburn. Eu não sabia se iria gostar de um filme tão antigo, mas foi hilário. Eu adorei, e, quando comentei isso com Arlo durante os créditos, ele ficou tão contente. Foi muito fofo.

— Eu *sabia* que você ia gostar — disse ele, presunçoso. — Eu sabia.

— Por quê? Imaginou que eu gostava de comédias?

Ele se abaixou e eu me virei para ele.

— Porque você tem bom gosto — respondeu ele antes de me beijar.

Quando acordei na manhã seguinte com seus braços ao meu redor e nossos corpos emaranhados sob os lençóis, eu estava radiante de felicidade. Enquanto ele dormia profundamente, fiquei estudando seus cílios longos e escuros, a suave inclinação do nariz, os lábios carnudos, e me permiti sentir a esperança de que eu ainda teria muitas outras manhãs acordando junto dele. Com a cabeça em seu peito, ouvindo o coração dele bater, me senti segura pela primeira vez em muito tempo. A verdade é que, desde que meu pai recebeu o diagnóstico, tenho me sentido sozinha com minhas preocupações e seguido em frente com um só objetivo e muita expectativa. Porém, quando estou com Arlo, é como se eu pudesse simplesmente *ser eu*. Consigo respirar novamente.

Mas minha impaciência fala mais alto. É ingenuidade achar que podemos mergulhar de cabeça no que está acontecendo entre a gente só porque eu estou com tanta certeza. Apesar de reconhecer que ele também está baixando a guarda comigo, logo percebo que é mais cauteloso, agindo num ritmo mais lento do que eu gostaria. Ele não é de mandar muitas mensagens e, desde a noite do filme, não dormiu comigo nem me chamou para sair novamente. Tentei sugerir um encontro, mas ele teve uma semana movimentada, e eu não posso culpá-lo por ter uma vida social.

Lembrando que garotos são péssimos com o celular, Jade diz que devo relaxar e curtir. Mas se tem algo que não é nada relaxante, é ficar checando o celular para ver se chegou alguma mensagem, ou esperar a pessoa de quem você gosta te chamar para sair. Na nossa aula particular, ele se diverte e flerta como sempre, mas nos concentramos mais no futebol. Era para isso me deixar feliz, pois é assim que deveria ser mesmo. Para mim, o futebol sempre esteve em primeiro lugar. Porém, não quero que seja assim. Quero que ele me peça para cancelar a aula para a gente sair. Quero que ele me beije no campo sem dar a mínima para quem está vendo.

Eu quero *ele*. E quero que ele me queira.

Porém nem sempre conseguimos o que queremos, como descubro numa tarde da mesma semana, pouco antes do treino dos nossos times. Há um clima leve e otimista no vestiário, depois de mais uma vitória dois dias antes — e não apenas das garotas, mas do time masculino também. Arlo deu uma assistência para Michael no primeiro tempo, e marcou dois gols no segundo. O time deles melhorou consideravelmente, e a vaga no campeonato parece garantida.

— Você viu o Michael na quarta? — pergunta Quinn para Jade, sorrindo enquanto guarda a bolsa no armário. — Nunca o vi jogar daquele jeito antes. Parece até que está tentando impressionar alguém.

— Não me olhe assim, Quinn. Nós *não* estamos juntos — insiste Jade, revirando os olhos.

— Ele é gatinho — comenta Amy, encostando-se na parede enquanto nos espera ficar prontas. — Ele te mandou alguma mensagem?

Ela dá de ombros.

— Algumas.

— Se você e Michael começarem a namorar, teremos um lindo padrão sendo criado, com jogadores e jogadoras formando casais — comenta

Quinn, fazendo Jade rir. — Vai ser difícil acompanhar. Hayley e Dylan, Sadie e Arlo, Jade e Michael... quem será o próximo?

— Hum, nós *não* estamos namorando — explica Jade, jogando uma meia em cima de Quinn, que desvia enquanto ri do próprio comentário.

— Nem a gente — resmungo, tentando não soar muito amargurada.

— Arlo não te pediu em namoro? — pergunta Amy, parecendo surpresa.

Balanço a cabeça.

— É óbvio que não — diz Hayley, conferindo seu reflexo no espelho. — O que está rolando entre eles não é *sério*.

Levo um susto e paro de amarrar o cadarço da chuteira. Quinn e Amy se entreolham. Maya parece chocada, e Jade está obviamente furiosa.

— *Hayley* — explode Jade, pondo as mãos nos quadris. — Precisa disso?

Corando, Hayley se vira e me encara com olhos arregalados.

— Meu Deus, eu não falei isso como se fosse uma opinião minha. Se você pensou isso, desculpa — explica ela, inocentemente. — Só estou repetindo o que o Arlo disse!

Sinto um nó se formando na minha garganta.

— O Arlo disse isso? — grasno, tentando em vão falar de um jeito casual.

Ela assente.

— Sim. Ontem à noite, quando a gente estava no Osbournes. Tinha uma galera lá. O Dylan me convidou, então fui com a Quinn. Tinha outros jogadores e algumas garotas da turma de Arlo, acho.

Quando lhe mandei uma mensagem na véspera, perguntando o que ele ia fazer, Arlo disse que ia sair com os amigos. E não me convidou.

— Tem uma amiga de Arlo que parece estar muito a fim dele. Acho até que ela também joga futebol — continua Hayley. — Então Dylan perguntou a ele se tinha alguma coisa rolando entre os dois, e é óbvio que eu me intrometi e falei de você, Sadie, porque sou sua amiga. Quando Dylan brincou dizendo que você era a namorada dele, Arlo respondeu que o rolo de vocês não é sério. — Ela faz uma pausa e me encara. — Imaginei que vocês dois estavam na mesma. Se não ele não falaria isso na minha frente, né? Ele sabe que sou sua amiga e que eu te contaria o que sai por aí dizendo aos outros sobre não ter nada sério rolando entre vocês.

Assinto, devagar.

— Tá. É, faz sentido.

Um silêncio constrangedor se espalha pelo vestiário. Quinn fica encarando o chão, e Amy e Maya me olham com uma expressão preocupada. Eu me sinto estranhamente entorpecida. Parece que meu cérebro está demorando para assimilar àquelas palavras. Ao perceber o quanto fui burra e o quanto já me apaixonei, sinto muita vergonha, e lágrimas inundam meus olhos. E o fato de que foi Hayley quem me contou tudo é a cereja do bolo. E eu ali, na frente dela, fazendo papel de boba mais uma vez.

Mas que burra.

— Sadie... — diz Jade.

— O que foi? Eu estou bem! — insisto, terminando de amarrar o cadarço e me levantando para fechar o armário. — É só um rolo mesmo. Ele tem razão. Não é nada importante. Vamos logo para o campo antes que o técnico Hendricks surte.

Antes que alguém possa responder, saio depressa do vestiário. É bom sentir o ar frio batendo no meu rosto enquanto passo pela porta e corro para o campo.

Os garotos não vão treinar conosco, graças a Deus, e tento não me distrair quando vejo Arlo se exercitando a uma certa distância. Num dado momento, ele para na lateral, e nossos olhares se encontram enquanto me posiciono para fazer um cruzamento. Ele acena. Dou as costas franzindo o rosto, corro até a bola e a chuto com força demais.

— Concentre-se, McGrath! — grita o treinador Hendricks para mim. Ele se abaixa quando a bola passa voando sobre sua cabeça, no outro lado do campo.

Ele está coberto de razão. Esqueci o que é importante e meu objetivo ali. Desde o começo eu sabia que Arlo Hudson me traria problemas — e olha só o que aconteceu. Caí no seu papo como uma otária, e agora meu estômago está se retorcendo de angústia enquanto espero suas mensagens e sonho acordada com ele. Perdi o foco no futebol.

Bem, mas isso acaba agora. Aprendi a lição. Ele não vai me enganar de novo.

No fim do treino, o técnico Hendricks pede para eu ficar enquanto o restante do time volta ao vestiário. Jade parece hesitar e fica na linha lateral, mas lhe digo que nos vemos depois, abrindo um sorriso confiante para indicar que estou bem.

— Grosvenor, você é babá de Sadie por acaso? — grita o técnico Hendricks.

Ela vai embora relutante e promete que vai me esperar para que possamos voltar juntas a Collingwood.

— Você está bem? — pergunta o técnico, vendo-a ir embora e se virando para mim de cara fechada. — Hoje você parece... chateada.

— Não, eu estou bem — digo. — Na verdade, nunca me senti tão determinada. Algum comentário sobre meu desempenho hoje?

— Meu principal comentário seria: mantenha a bola neste campo aqui, em vez de tentar chutá-la para a Austrália — diz ele, secamente.

Faço uma careta.

— Saquei. Desculpa.

— Olha só, você sabe o quanto as próximas semanas são importantes para o time. Se ganharem o campeonato, vocês entram para a história, e isso é uma grande conquista. Estamos em primeiro lugar, mas por apenas um ponto de diferença. Não podemos relaxar.

— Eu sei, técnico.

Ele passa a mão no queixo e olha para o campo.

— Um olheiro vai ver essas duas últimas partidas. Já falei de você, e ele se interessou. Ele tem muitos contatos, McGrath. Mostre a ele o que você é capaz de fazer.

Assinto, com a boca seca e a respiração trêmula.

— Não se preocupe, vamos garantir que ele veja o seu melhor — assegura o técnico com firmeza. — Você tem jogado bem, mas quero que siga um pouco mais os seus instintos. Confie em si mesma tanto quanto você confia na estratégia e nas táticas. Não dependa tanto disso aqui. — Ele bate no lado da cabeça e depois leva a mão até o peito, por cima do coração. — E jogue com um pouco mais disso.

— Entendi — respondo. — Não vou decepcioná-lo.

— Isso não tem nada a ver comigo, McGrath — diz ele, franzindo a testa. — Não jogue para os outros. Jogue para si mesma.

Baixo o olhar para as chuteiras.

— Técnico, como as duas próximas partidas são tão importantes para o time e para a minha carreira, acho melhor eu concentrar todo o meu tempo e minha energia no meu próprio treino. Por mais que eu goste de ajudar Arlo Hudson, acho melhor encerrar nossas aulas.

Ele ergue a sobrancelha.

— Ah, é? Achei que vocês dois estavam... mais próximos.

Minhas bochechas ficam vermelhas. Cacete, até os *técnicos* sabiam. Fui tão óbvia assim?!

— Vocês dois melhoraram desde que essas aulas particulares começaram — continua ele sem nenhum constrangimento. — E como você sabe, acredito piamente que é melhor treinar com um colega do que sozinho. Mas ele já melhorou bem, e se você acha que é melhor encerrar as aulas...

— É melhor — afirmo. — Acho que não temos muito mais o que aprender um com o outro. Ele está jogando bem, e é melhor eu ficar sozinha.

Parecendo um pouco surpreso com meu tom severo, ele assente.

— Tudo bem, McGrath. Está dispensada das aulas. — Ele hesita. — Obrigado por ter treinado com ele no seu tempo livre. Sei que a técnica Neville gostou muito, e certamente Hudson também.

— Obrigada, técnico — agradeço, antes de ir para o vestiário.

Quando Arlo me manda uma mensagem no dia seguinte, meu coração para ao ver o nome dele na tela. Balanço a cabeça, decepcionada comigo mesma. Respiro fundo e começo a digitar minha resposta.

Arlo

Ei, quer sair pra tomar alguma coisa depois da nossa aula?

Acho que a galera do time vai sair também

A gente pode encontrar com eles depois bjs

Sadie

Na verdade, já era para eu ter te mandado uma mensagem

O técnico disse que não precisamos mais das aulas até o fim do campeonato.

Pode falar com ele se tiver alguma dúvida.

E obrigada, mas hoje estou ocupada

Clico em “enviar”. Os tracinhos azuis aparecem na mesma hora, então sei que ele leu.

Meu celular começa a tocar. É ele.

Ignoro a ligação.

Capítulo vinte e dois

— **Você é a Sadie, não é?**

Tiro os olhos do notebook e vejo uma garota apoiando a mão na cadeira desocupada em frente à minha, encarando-me esperançosa com os grandes olhos cor de mel. Ela é pequenina e bonitinha, com sardas no nariz e cabelos castanhos longos e ondulados. Ela me parece familiar, mas não sei de onde a conheço.

— Meu nome é Ellie — diz depressa. — Acho que já nos conhecemos em alguma festa. Você é amiga da Hayley, não é? Eu também jogo futebol.

— Ah, oi — digo, com um sorriso simpático. — Tudo bem?

— Tudo, e com você?

— Também, obrigada.

Ficamos em silêncio enquanto eu a observo com expectativa. Ela morde o lábio e tamborila as unhas na cadeira, com impaciência.

— Você quer a cadeira? Pode levar se quiser — ofereço, embora isso pareça um pouco estranho, pois tem outras mesas disponíveis no café. — Não estou esperando ninguém e já vou sair para uma aula.

— Ah! Não, eu... hum... não quero a cadeira. Na verdade, eu queria te perguntar uma coisa...

— Está bem — digo, encostando-me. — Pode perguntar. Tem a ver com futebol?

Ela abaixa a cabeça, corando.

— Não exatamente. Tem a ver com... Arlo Hudson.

Meu sorriso congela.

— O que tem ele?

— Meu Deus, que constrangedor. Foi mal — diz ela, passando a mão no cabelo. — Basicamente, eu queria saber se vocês dois estão, tipo, juntos. Porque eu estava pensando em convidá-lo para sair, mas se ele já estiver comprometido, é óbvio que não vou fazer isso porque... sororidade e

tal. — Ela faz uma careta. — Argh! Que vergonha. Desculpa. Vocês devem estar juntos, e eu aqui, pagando mico.

Expiro, com o coração martelando o peito.

— Não precisa pedir desculpas — digo, baixando o olhar para minhas mãos no colo. — Você não pagou mico nenhum. Na verdade, é muita gentileza sua perguntar.

Ela sorri, agradecida, e suas bochechas ficam rosadas.

— Nós não estamos juntos — confirmo para ela. — Então pode convidá-lo para sair.

Ela solta um arquejo, animada.

— Ótimo! Legal. Desculpa, eu não sabia se vocês ainda... Enfim, bom que perguntei. Muito obrigada.

— Imagina. Boa sorte.

— Valeu — diz ela alegremente. — E boa sorte com as duas últimas partidas. Vocês estão em primeiro lugar, não é mesmo? Não é nenhuma surpresa. Tenho certeza de que vai continuar assim. Tchau!

— Tchau — despeço-me enquanto ela se vira e sai toda feliz.

Fecho o notebook, guardo minhas coisas desanimada e saio do café para me arrastar até a aula. Vou chegar antes da hora, mas até parece que vou conseguir estudar agora, então nem adianta continuar ali. Estou a alguns metros da porta quando alguém para na minha frente e sou obrigada a erguer os olhos.

Merda.

— Oi, Sadie — diz Arlo, franzindo a testa. — Jade disse que talvez você estivesse aqui.

Ajeito a alça da bolsa mais para cima no ombro e desvio dele.

— Desculpe, eu preciso ir... estou atrasada para a aula — murmuro.

— Você está me evitando — acusa ele, começando a me acompanhar.

— O que está acontecendo?

— Nada. Eu não estou te evitando.

— Tentei ligar, e você não respondeu a nenhuma das minhas mensagens.

— Tenho estado ocupada.

Ele segura meu braço e me faz parar.

— Sadie, fala sério — suplica ele enquanto eu olho ao meu redor, louca para evitar o contato visual. — Conversa comigo. Por favor?

Com um longo suspiro, eu me obrigo a encará-lo. Ele sorri para mim.

— Oi — diz ele gentilmente, percebendo que o olhei nos olhos pela primeira vez durante a conversa. Eu me fortaleço mentalmente e me recuso a ceder diante daquele olhar carinhoso.

É um jogo. Ele está brincando com você.

— Arlo, não tenho nada a dizer — respondo friamente. — O campeonato está quase acabando, e o técnico concordou que é melhor eu me concentrar no meu próprio treino de agora em diante. Você não precisa de mim.

Ele franze a testa.

— Se é isso que vocês acham, tudo bem. Eu discordo, mas se você prefere acabar com as aulas...

— Prefiro.

Ele hesita e semicerra os olhos.

— O que está acontecendo? Estava tudo... ótimo entre a gente, e agora... Escute, eu fiz alguma coisa que te chateou?

— Por que eu me chatearia com alguma coisa que você fez? — pergunto, virando a cabeça. — Não é como se estivéssemos namorando. Não tem nada sério rolando entre a gente, né?

Ele fica sem reação.

— Eu... bem, não, mas...

— Que bom que concordamos. Ah, acabei de conhecer sua amiga Ellie lá no café. A gente bateu um bom papo, e espero que dê tudo certo entre vocês. Não que seja da minha conta, mas não apronte com ela, tá? Ela parece ser um amor e não merece isso. Enfim... — Confiro a hora no meu celular. — Preciso ir. Tchau.

Deixando-o sem palavras, eu me viro e vou embora, ignorando a vontade de olhar para trás. Decidi que não posso ser amiga de Arlo. Já tentei isso antes, e não deu certo. Com a gente, precisa ser tudo ou nada. Agora pelo menos estamos na mesma página: não somos nada.

Por que ele está aqui?

Não é justo. Não era para Arlo estar na arquibancada, torcendo por nós, na nossa penúltima partida. Por que ele não está com os amigos ou com a nova namorada? Ou se concentrando no próprio treino? Ele não tem o direito de estar ali, assistindo à nossa partida. Ele deve ter chegado no

meio do primeiro tempo. Avistei-o no intervalo. Ele abriu um sorrisinho, mas olhei feio para ele enquanto o time se juntava.

Ainda está zero a zero, e preciso me concentrar. Não posso deixar que ele me distraia. Em algum lugar no meio dos torcedores, tem um olheiro que pode mudar minha vida. E a partida não é importante apenas para mim, mas para o time inteiro. Se derrotarmos o Loughborough, podemos ganhar o campeonato se o Edimburgo perder a partida que está acontecendo neste momento.

Bato palmas quando Hayley dá um ótimo carrinho, tirando a bola da atacante e a lançando para fora do campo. Ela vai fazer o arremesso lateral e procura alguma jogadora. Meus olhos se voltam para Arlo, parado com as mãos nos bolsos do casaco. Ele está me encarando. Desvio o olhar rapidamente.

Por que ele precisava ser tão bonito?

Hayley jogou a bola para Alisha, que está tentando passar para Amy, mas sua oponente a marca agressivamente e termina roubando a bola, lançando-a para longe. Solto um gemido de decepção. Pelo canto do olho, vejo Arlo cumprimentar algumas pessoas que acabaram de chegar na arquibancada para assistir ao jogo. Não consigo deixar de olhar, e meu peito aperta quando percebo que é Ellie com uma amiga. Ela sorri depois que Arlo diz alguma coisa, e estende a mão para tocá-lo levemente no braço.

Qual é o problema deles? Precisavam mesmo vir até aqui e esfregar o romance na minha cara?

Nossa torcida começa a gritar. Tiro os olhos de Arlo e vejo que Amy está com a bola. E eu não me mexi. Transtornada, saio em disparada quando Amy me vê e chuta a bola para dentro da área. Por algum milagre, a zagueira do Loughborough não está na sua posição, e consigo cabecear a bola.

A quilômetros de distância do travessão.

Amy já tinha até começado a comemorar, mas sua expressão desanima e ela enterra a cabeça nos braços. Olho para o gol incrédula, ofegante, com as mãos nos quadris. A goleira do Loughborough bate palmas aliviada, mas grita para que suas zagueiras não deixem o lance se repetir. Alguém dá um tapinha reconfortante nas minhas costas.

— Na próxima — diz a voz de Hayley no meu ouvido. — Na próxima, você acerta.

Mas todo mundo sabe que chances como aquela são poucas. Talvez não tenha uma próxima vez na partida. Era minha chance de me destacar.

E eu a perdi.

O jogo recomeça, mas minhas mãos ainda estão trêmulas de choque e vergonha. O treinador Hendricks grita, pedindo para eu manter o foco, mas as linhas profundas da sua testa me mostram que ele está tão confuso quanto eu. Logo o choque se transforma em raiva de Arlo, por ter aparecido e estragado tudo. Foi culpa dele.

Eu o odeio.

Ele pode até ter me magoado bastante, mas não vou deixá-lo arruinar minha carreira. Tento transformar toda a frustração em motivação para ter outra chance de gol e provar ao olheiro que aquilo foi um raro equívoco. O Loughborough parece ter ganhado confiança depois que perdi o gol e está jogando mais agressivamente, levando a bola para uma área perigosa. Amy e eu recuamos para ajudar, e corro até a meio-campista que está com a bola e tento desarmá-la. Depois que ela se desequilibra e cai no chão, ouço o apito do árbitro.

— Mal encostei nela! — argumento, mas não adianta.

Foi um movimento descuidado, no momento errado, e agora elas ganharam uma cobrança de falta por minha causa.

A meio-campista e a centroavante se aproximam para a cobrança.

A centroavante rola a bola alguns metros para a esquerda, afastando-a da barreira do nosso time, e a meio-campista corre e chuta.

Fico olhando sem poder fazer nada enquanto a bola passa pela nossa barreira e acerta o canto superior direito do gol.

Capítulo vinte e três

Minha mãe põe o café na minha frente e se senta do meu lado à mesa da cozinha, segurando sua xícara de chá fumegante.

— Você está muito calada — comenta ela me olhando com curiosidade.

Tomo um gole de café.

— É só nervosismo pré-jogo.

— Nervosismo é bom — diz ela, encostando na minha mão antes de se virar para meu pai. — Não é? Você sempre ficava nervoso antes dos jogos, e eu dizia a mesma coisa. A adrenalina mantém a pessoa alerta e atenta.

Meu pai assente.

— Isso mesmo. Que jogo é esse de amanhã?

— É a final do campeonato de Sadie — explica minha mãe com paciência, embora eu saiba que ela já lhe disse isso. — É um jogo fora de casa contra o time daqui de Edimburgo. É por isso que ela está aqui. Ela veio um dia antes para ficar com a gente, o que é maravilhoso.

— Ah, vai ser fácil derrotar o Hibs — diz meu pai, batendo firmemente o dedo na mesa. — Você precisa aproveitar os lapsos da defesa. Eles têm repetido os mesmos erros.

— Não, pai, não vamos enfrentar o Hibernian — respondo baixinho. — É o campeonato universitário. Vamos jogar contra o time da Universidade de Edimburgo.

— É uma partida muito importante — informa minha mãe a ele.

— Ah, é? — pergunta meu pai, olhando para mim à espera de uma explicação.

— Agora elas estão em primeiro lugar devido ao saldo de gols — falo, encarando a mesa. — Perdemos para o time de Loughborough, que empatou na última partida. Então agora a gente precisa vencer a final com uma diferença de dois gols para sermos campeãs.

— Você vai conseguir — insiste minha mãe, sorrindo para me incentivar. — Nós vamos estar lá torcendo. Temos muita confiança em você.

Nego com a cabeça.

— Eu fiz besteira. O time de Edimburgo é excelente, e eu desperdicei nossa oportunidade de chegar à final com a vantagem. Arruinei tudo, e agora nós provavelmente vamos perder.

Minha mãe se inclina sobre a mesa e segura minha mão.

— Não diga isso, Sadie.

Não adianta minha mãe tentar me consolar. A essa altura, acho que nada me consolaria. Quando o árbitro apitou no fim do jogo em Loughborough, não consegui sair do lugar. Apoiei as mãos nos joelhos e abaixei a cabeça. Meus ouvidos zumbiam com a dor e a decepção dos meus erros, abafando os gritos de comemoração. Jade veio até mim e pôs a mão nas minhas costas, dizendo que estava tudo bem, mas não acreditei. Meu corpo inteiro doía, e meus olhos se encheram de lágrimas. Quando finalmente consegui me obrigar a me mexer, apertei as mãos das jogadoras do time adversário me sentindo um zumbi.

Saí do campo sem nem sequer olhar para Arlo. No vestiário, sentei-me no banco e fiquei parada.

O restante do meu time foi legal comigo. Elas me disseram que não era culpa minha, que a equipe simplesmente não tinha jogado tão bem quanto precisava. Elas fizeram comentários de apoio e incentivo. Ainda era possível ganhar o campeonato, não tinha acabado ainda, disseram elas. Mas as palavras não surtiram nenhum efeito em mim, inúteis e sem sentido. Depois de um tempo, fui tomar banho e me vestir sem falar com ninguém. Obviamente, Jade tinha contado para elas do olheiro, então todas me encararam com pena enquanto eu me arrumava.

— Arlo está lá fora — disse Jade cautelosamente, voltando para o vestiário enquanto eu pegava minha bolsa para ir embora. — Ele disse que quer falar com você.

— Por favor, peça para ele ir embora — sussurrei, fechando os olhos e me encostando na parede. — Não quero falar com ninguém, Jade, muito menos com ele.

Ela fez que sim e saiu na minha frente. Alguns minutos depois, ela voltou para me dizer que ele já tinha ido e que a barra estava limpa.

Naquela noite, ele me mandou uma mensagem lamentando e dizendo que esperava que eu estivesse bem. Também disse que eu podia contar com ele se precisasse.

Ele era a última pessoa de quem eu precisava.

Eu queria jogar a culpa toda em Arlo, e a princípio foi o que fiz. Porém, quando acordei no dia seguinte, percebi que a culpa era minha. Eu tinha me desconcentrado e me distraído com a presença dele. Eu tinha deixado o nervosismo por causa do olheiro me abalar. A única culpada era eu. Eu tinha decepcionado meu time. Tinha decepcionado o técnico Hendricks. Tinha decepcionado a mim mesma.

O peso de tudo isso tem sido insuportável.

Os últimos dias foram difíceis.

— É melhor vocês não assistirem ao jogo amanhã — digo aos meus pais, arrasada. — Não quero decepcioná-los também.

— Sadie — diz minha mãe, parecendo aflita —, você jamais seria capaz de nos decepcionar! Temos muito orgulho de você e de tudo o que faz.

— Sim, temos muito orgulho, Sadie — diz meu pai concordando com a cabeça, e o fato de que ele falou com tanta clareza e sinceridade me faz lacrimejar.

— Você não teria orgulho de mim se tivesse visto meu último jogo, pai — admito, com uma lágrima escorrendo pelo rosto. Minha mãe aperta minha mão. — Cometi tantos erros. Deixei a pressão me abalar, e fiquei toda confusa. Se não formos campeãs, a culpa será minha.

Para minha surpresa, meu pai solta um grunhido bem-humorado.

— O Celtic — diz ele, fazendo eu e minha mãe nos entreolharmos.

— O que foi, pai? — pergunto gentilmente, sentindo um aperto no coração enquanto me preparo para vê-lo se embaralhar.

— Eu joguei no Celtic — diz ele, impaciente.

— Isso, por um tempo — responde minha mãe, sem saber aonde ele quer chegar.

— Estávamos enfrentando o Dumbarton, e eu joguei mal, perdi um pênalti. — Ele balança a cabeça, franzindo a testa enquanto lembra. — Foi terrível, terrível. Quis desistir de tudo. Um tempo depois, no mesmo campeonato, fiz três gols contra o Dundee e dois contra o Motherwell. — Sua expressão se suaviza, e ele me olha com os olhos brilhando. — Cada jogo é um novo jogo.

Enxugando as lágrimas, abro um sorriso triste.

— Obrigada, pai — sussurro. — Eu estava precisando ouvir isso.

A campainha toca, e minha mãe solta minha mão para ir abrir a porta. Ainda sorrindo com apreço para o meu pai, tomo outro gole de café. Ouvimos minha mãe conversar com uma pessoa, e ela a convida a entrar e volta para a cozinha, alguns instantes depois.

— É seu amigo da faculdade, Sadie — diz ela animada.

Quase engasgo com o café quando vejo Arlo chegando atrás dela.

— Arlo! — balbucio, batendo a caneca na mesa e me levantando. — O que está fazendo aqui?

— Desculpe o incômodo — diz ele animado, segurando um buquê de flores. — Vim para a cidade um pouco antes do restante do time, e Jade mencionou que você estava na sua casa, então pensei em dar um pulinho aqui. Espero que não tenha problema.

— Não é problema algum! — responde minha mãe, olhando-o lentamente dos pés à cabeça. — Você é muito bem-vindo. Sadie já nos falou de você, Arlo.

— Falou? — diz ele, sorrindo para mim enquanto olho furiosa para minha mãe. Ele entrega as flores a ela. — São para você, Sra. McGrath.

— Que lindas! — agradece ela, ficando com as bochechas coradas. Pelo jeito, eu não sou a única McGrath que se encantou com Arlo Hudson. — É muita gentileza sua.

Ele se vira para o meu pai e estende a mão.

— É um prazer conhecê-lo, senhor.

— Você é amigo da Sadie? — pergunta meu pai com cautela, apertando a mão dele.

— Arlo também estuda em Durham, pai. Ele é, hum, atacante no time masculino — gaguejo, ainda tentando assimilar o fato de que ele está ali.

— Ah, você também joga futebol. Bom rapaz — diz meu pai em tom de aprovação.

— É uma honra conhecê-lo — responde Arlo. — Sua filha fez a gentileza de passar muito tempo me treinando nessa temporada.

— Ah, é? — Meu pai ergue as sobrancelhas. — Sadie é muito talentosa. Sempre foi.

— Enfim — interrompo, antes que a situação fique melosa demais. — Por que você está aqui? Quero dizer, por que decidiu vir para Edimburgo

antes?

— Eu nunca estive aqui e queria conhecer a cidade — explica ele. — Você sempre fala como se fosse um lugar impressionante, então quis ver com meus próprios olhos. E achei que amanhã não teríamos muito tempo para explorar.

— Ah, é uma cidade linda, não é, Sadie? — diz minha mãe com entusiasmo enquanto pega um vaso e o enche de água. — E a melhor maneira de conhecê-la é com um guia local.

— Sabe onde posso encontrar alguém assim? — pergunta Arlo, esperançoso.

Minha mãe fecha a torneira e aponta a cabeça para mim.

— Bem aqui.

Eu a encaro, sem reação.

— Hã?

— Bem que você estava dizendo que queria dar uma volta pela cidade hoje, não foi, Sadie? Para tomar um pouco de ar fresco e espairecer antes da partida de amanhã — diz ela descaradamente, procurando uma tesoura para começar a cortar as hastes das flores. — Por que não leva Arlo com você? Mostre os lugares mais bonitos a ele.

— Seria ótimo — diz Arlo, com um enorme sorriso para mim.

— Eu... hum... está bem — ouço-me dizer.

— Podem ir então — manda minha mãe, me tirando da cadeira. — Foi um prazer conhecê-lo, Arlo. Aproveite nossa cidade, e por acaso você gostaria de jantar conosco hoje?

— Arlo tem o jantar do time hoje, mãe — digo depressa, pegando meu casaco. — Ele não pode...

— Eu adoraria jantar com vocês — responde ele.

— Mas... mas você não vai querer ficar com o time para discutir as táticas e o resto das coisas de amanhã? — pergunto, encarando-o de olhos arregalados.

Ele aponta a cabeça para o meu pai.

— Acho que vou aprender bem mais sobre o belo futebol aqui do que com os jogadores do meu time.

Meu pai dá uma risadinha.

— Fico feliz em te dar algumas dicas.

— Até mais tarde, então — confirma minha mãe. — Aproveite o dia. Tchau, Sadie!

— Tchau — digo, tropeçando enquanto vou na frente até a porta de casa, sem saber o que está acontecendo ou como acabei nessa situação.

— Estou animado para essa noite, obrigado — diz Arlo para minha mãe por cima do ombro, enquanto ela sorri e fecha a porta às suas costas. Ele se vira para mim, parada na calçada, perplexa. — Obrigado por fazer isso, Sadie.

— O que está fazendo aqui? — disparo, franzindo o rosto.

— Já disse, eu queria ver a...

— Não, por que você está *aqui*? — explico, apontando a cabeça para a porta.

Ele faz uma pausa e diz baixinho:

— Eu queria te ver.

Meus olhos se voltam para o chão. Dou uma fungada e ponho as mãos nos bolsos.

— Sinto muito pelo que aconteceu na partida contra o time de Loughborough — prossegue ele. — Fiquei preocupado e você não está atendendo minhas ligações. Eu queria ter certeza de que está bem. — Ele hesita. — Se quiser que eu vá embora, eu vou. Mas sei que amanhã é importante, e acho que eu não queria que você ficasse sozinha.

Expiro, chutando nervosamente a calçada com a ponta do sapato.

— Sadie, esqueça todo o resto, tudo o que... aconteceu entre a gente — suplica ele. — Deixe que alguém fique do seu lado. Deixe que *eu* fique do seu lado. — Ele suspira, passando a mão no cabelo. — Só quero saber se você está bem.

Respirando fundo, eu me obrigo a olhar para ele.

— Estou apavorada — sussurro.

— Eu sei — diz ele, aproximando-se de mim. Sua mão se contrai, como se ele tivesse pensado em me tocar e desistido. — Diga o que você quer que eu faça. Diga como posso ajudar. A gente pode fazer o que você quiser. Podemos conversar, não conversar, sentar em algum canto, andar por aí, ver os pontos turísticos... Podemos ir ao castelo tentar encontrar um falcão para te perseguir e te deixar mais em forma...

Dou uma gargalhada. Ele abre um sorriso de satisfação.

— A gente faz o que você quiser — conclui ele.

Suspiro profundamente.

— Tá bem. Vamos ver alguns pontos turísticos e não conversar sobre futebol. Nem sobre nada importante.

— Combinado. — Ele assente. — Vamos falar de coisas não importantes. Moleza. Sou especialista em falar nada com nada.

— Já percebi.

— Essa é a Sadie que eu conheço. Rápida, sarcástica e mordaz. — Ele sorri para mim, esfregando as mãos. — Então vamos lá. Um dia em Edimburgo. Qual vai ser a primeira parada?

Capítulo vinte e quatro

Apenas respire.

A voz da minha mãe ecoa na minha cabeça enquanto balanço as mãos após vencer o cara ou coroa. É um dia frio e chuvoso, e todos os torcedores estão embrulhados em seus casacos, de capuzes levantados. É uma bênção. Isso significa que não vou conseguir enxergá-lo lá no meio, mesmo sabendo que está lá. A partida dele é só mais tarde, e todo o time masculino está presente para nos apoiar.

Pare de pensar em Arlo.

Sei exatamente onde meus pais estão sentados, na primeira fila da arquibancada, me observando com atenção. Eu estava tão nervosa mais cedo que só consegui tomar café da manhã quando minha mãe lembrou com severidade que eu precisava de combustível para jogar bem. Ela viu minha mão tremer enquanto eu pegava o copo de água e sorriu carinhosamente para mim.

— Nervosismo é bom, lembra? É o que eu dizia ao seu pai antes de um jogo importante — disse ela, aproximando-se de mim e massageando minhas costas. — Apenas respire.

Enquanto vejo o Edimburgo se posicionar, inspiro fundo. Meu pai não estava muito bem naquela manhã e ficou confuso quando minha mãe lhe disse que iam sair para ver uma partida de futebol. Porém, tento me concentrar nas palavras que ele me disse na véspera, e não na sua expressão confusa ao me ver sair pela manhã com minha bolsa esportiva.

Cada jogo é um novo jogo.

Expiro devagar. O fato de eu ter me sentido um fracasso depois da última partida não significa que serei um fracasso na de agora. Tenho que acreditar nisso. Em algum lugar da arquibancada, tem um olheiro que vai tomar uma decisão que pode mudar minha vida. Se ele não se impressionou com meu desempenho no último jogo, tomara que agora ele me dê outra chance e eu o faça mudar de ideia.

O árbitro se aproxima para pôr a bola no centro do campo.

Sinto um aperto na garganta. Estou me sentindo mal. Costumo ficar um pouco nervosa antes do começo de uma partida, mas não tanto assim.

Há muita pressão, muita coisa em jogo nessa partida. Engulo em seco e esquadrinho a arquibancada.

Cadê ele?

Não tenho o direito de depender de Arlo agora. Nada mudou. Ele não é meu namorado. Na véspera, ele cumpriu a promessa, e nós dois não conversamos sobre nada importante, assim como pedi. Por mais que eu tenha hesitado no começo com a ideia de passar um tempo com ele depois de tudo o que aconteceu entre a gente, acabei me divertindo muito e me senti grata por ele ter vindo. Se não tivesse aparecido, eu provavelmente teria passado o dia inteiro me preocupando com esse dia.

Em vez disso, consegui esquecer tudo enquanto bancava a guia turística de Edimburgo por um dia. Perambulamos pelas ruas de paralelepípedos do centro histórico e rimos do entusiasmo nerd de Arlo com os diversos pontos turísticos relacionados a literatura. Ele tirou uma quantidade absurda de fotos das marcas das mãos de Ian Rankin na frente da prefeitura, e depois insistiu para que fôssemos beber alguma coisa no Conan Doyle, o pub perto da casa em que Arthur Conan Doyle nasceu, me obrigando a tirar várias fotos suas ao lado da estátua de Sherlock Holmes, na mesma rua. Dei uma gargalhada quando ele imitou a pose da estátua, fingindo segurar um cachimbo.

Pensando bem, passei grande parte do dia rindo.

Meus pais o adoraram. Minha mãe confessou, depois do jantar, quando ele voltou ao hotel. Não me surpreendi — é difícil alguém não gostar de Arlo. Como sempre, ele foi charmoso, interessante e gentil. Porém, dava para perceber que ele estava se esforçando um pouquinho a mais com minha família no jantar. Ficou evidente que tinha pesquisado sobre o meu pai, pois os dois conversaram sobre a carreira dele. Arlo foi paciente com a dificuldade que meu pai teve para se expressar e demonstrou um interesse sincero enquanto falava. Arlo o fez rir zombando das próprias habilidades e falando sobre o futebol nos Estados Unidos.

Nem preciso dizer que minha mãe gostou muito dele.

— Ele é lindo, não é? — sussurrou ela para mim quando ele foi ao banheiro.

— Mãe! Shhh! Ele vai te ouvir!

— Tenho certeza de que ele já ouviu isso antes — disse ela na defensiva, fazendo o vinho girar na taça. — Beckham ficaria com inveja daquele queixo. E que olhos!

— Mãe, *por favor*.

— Foi só um comentário. Mas sabe do que mais gostei?

Soltei um gemido, enterrando o rosto nas mãos.

— Pelo amor de Deus, não responda nada como... a bunda dele.

— A bunda dele é bonita mesmo, mas não era isso que eu ia dizer — explicou ela. — O que mais gostei de ver foi o quanto ele se importa com a minha filha. Qualquer um consegue enxergar que ele está apaixonado.

À noite, eu me deitei na cama e fiquei olhando o teto e me perguntando por que tudo era tão fácil com Arlo e ao mesmo tempo tão complicado. Foi quando me dei conta de que nunca lhe perguntei isso diretamente. Era para eu ter perguntado. Talvez ele tenha sido injusto quando fez pouco caso do que aconteceu entre nós na frente de Dylan e Hayley, mas talvez eu também tenha sido injusta ao não conversar francamente sobre o assunto com ele, quando estava tão incomodada. Nunca lhe dei nenhuma oportunidade de explicar o que ele estava sentindo. E nunca lhe contei o que eu estava sentindo.

Não era para eu ter passado o dia anterior sem falar sobre nada importante. Era para eu ter obtido respostas, pois assim ao menos eu teria entendido as coisas e não estaria ali em campo, no início da final, me perguntando por que não demos certo, em vez de me concentrar no jogo.

— Está pronta? — pergunta o árbitro, me olhando. Eu assinto.

O apito soa, e a partida começa.

Chuto a bola para Hayley e avanço no campo à procura de espaço. A zagueira não está me dando nenhum e me marca muito bem. Estremeço quando Hayley faz um passe desleixado e perde a bola, mas, considerando meus próprios erros recentes, não tenho o direito de me irritar. Sei que ela pode recuperá-la.

Hayley e Dylan terminaram. Jade me contou de manhã e ficou surpresa ao ver minha reação de decepção.

— Sadie, era para você estar contente por dentro — sussurrou ela. — Sei que você acha que ela é a melhor coisa que já existiu, mas toda ex fica

um *pouquinho* feliz ao saber que a relação seguinte não deu certo. Admita. Ela ficou se exibindo com ele na sua frente.

— Sinceramente, nem ligo mais para isso — informei a ela. — Estou triste por ela e, sendo egoísta, não quero que ela esteja distraída hoje. Não é bom jogar uma final de coração partido.

Jade deu uma risada.

— Que coração partido o quê. Foi *Hayley* quem terminou com ele depois de ficar com outra pessoa. Duas vezes. Ela disse a ele que esperava que pudessem continuar amigos.

Como capitã, achei que seria apropriado conferir se ela estava bem antes de entrarmos em campo e demonstrar apoio. Ela sorriu quando expliquei por que estava perguntando, e segurou meu rosto entre as mãos.

— Sadie, você é uma pessoa incrível. — Ela abaixou as mãos e suspirou, olhando para o chão. — Desculpa se te magoei. De verdade.

Dei de ombros.

— Está tudo bem. Nós somos amigas. E não estou dizendo isso da boca para fora.

— Somos amigas, sim. E se Arlo fizer a burrice de não querer mais ficar com você, ele vai se arrepender, e muito — disse ela, sorrindo e erguendo os olhos para me encarar. — E não estou dizendo isso da boca para fora.

Volto a me concentrar no jogo quando Alisha pega a bola.

Ela atravessa o centro da defesa do time adversário, e de repente a bola chega aos meus pés. Corro em direção à goleira, na nossa primeira oportunidade da partida. Ela corre até mim, e tento dar um balão, mas ela corta. A bola sai para escanteio. Tentando não desanimar muito, me esforço para encontrar algum espaço enquanto Hayley bate o escanteio, mas uma zagueira cabeceia a bola para o centro do campo.

Depois de um tempo, percebo que não tem ninguém me marcando. Quinn dá um chapéu na zagueira e lança a bola para o canto direito. Corro até lá com o coração em disparada. Tenho espaço, então avanço em direção ao gol. Tenho a oportunidade de chutar com o pé esquerdo... hesito. Vejo Amy chegando por trás, decido não arriscar e passo para ela. Uma zagueira do outro time pega a bola com facilidade. Enquanto a bola volta para o lado oposto do campo, corremos atrás dela, mas o Edimburgo é bom demais, e uma das atacantes está muito bem posicionada. A ponta-

direita cruza para ela, que chuta. A bola passa um pouco acima das pontas dos dedos de Maya e acerta o fundo da rede.

Um a zero.

O apito indica o fim do primeiro tempo. Sinto um aperto no peito.

Capítulo vinte e cinco

Basta uma rápida olhada no rosto das minhas colegas de time para confirmar que elas também estão tristes e desesperadas. O técnico Hendricks tenta nos animar, dizendo que a partida ainda não acabou e que ainda dá tempo de virar o jogo. Suas palavras de incentivo não parecem convencer ninguém. Se o primeiro tempo acabou em um a zero, é difícil acreditar que vamos conseguir derrotar o time com uma diferença de dois gols. Após falar um pouco da estratégia, o técnico bate palmas tão alto que nós nos assustamos. Viro a cabeça para olhá-lo.

— Esqueçam o campeonato — diz ele, com um aceno de indiferença. — Este é o jogo final da temporada. É a última vez que vão jogar juntas. Vocês tiveram momentos fantásticos no campo hoje e ao longo da temporada, e devem se orgulhar muito de si mesmas. São uma equipe excelente, e é um privilégio ser o técnico de vocês. Durante o restante do jogo, trabalhem juntas e aproveitem os pontos fortes de cada uma. Ajudem suas colegas a se exibirem. Afinal de contas, essa é a última oportunidade que terão de fazer isso.

— Hã? Tenho certeza de que encontraremos outras oportunidades de nos exibir — diz Jade, fazendo o time rir.

— No seu caso, não duvido nada, Grosvenor. — Ele suspira, revirando os olhos. — Escutem aqui, eu acredito que esse time é capaz de vencer a partida. Mas só isso não basta. Vocês também precisam acreditar. Quer ganhem hoje ou não, vocês tiveram uma jornada como um time... — Ele hesita e franze a testa. — Estou com uma música na cabeça. Como é mesmo o nome? — Ele estala os dedos. — “The Climb”. Isso.

Maya semicerra os olhos e diz:

— A música da Miley Cyrus?

O técnico assente.

— Isso mesmo.

— Você.... escuta Miley Cyrus? — confere Hayley, segurando-se para não rir.

Ele dá de ombros, sem se abalar.

— É uma ótima música com uma mensagem que se aplica a nós. Quer sejamos campeões ou não, a temporada foi incrível.

— Agora estou com o refrão de “The Climb” na cabeça — comenta Quinn.

— Permitam que a letra inspire vocês — diz o técnico, antes de apontar para a porta. — Agora se mandem daqui antes que eu me empolgue e obrigue vocês a cantar.

As risadas se espalham pelo vestiário enquanto o time se retira. Fico parada enquanto elas saem. O técnico espera a última jogadora se afastar e se vira para mim.

— Foi um bom discurso motivacional — digo a ele.

Ele me olha seriamente.

— Quer mais um? Sadie McGrath, você é a jogadora mais talentosa que já treinei. Só vou relaxar quando você for contratada por algum time. Mesmo que precisemos dos próximos dois anos do seu tempo em Durham, vou trabalhar incansavelmente para que você siga por um bom caminho. Entendeu?

— Entendi, técnico. Obrigada.

— Não me agradeça. É meu trabalho — diz ele, franzindo a testa. — Mas, em troca, preciso que faça algo por mim.

— Por favor, não me peça para cantar Miley Cyrus.

— Quero que você pare de *pensar demais*. Você é uma jogadora excelente para um treinador. Você segue as instruções, está disposta a tentar estratégias diferentes, é confiável... O olheiro lá na arquibancada sabe disso. Você já provou essa parte. Agora ele está querendo ver outra coisa. Um pouco de magia.

Baixo o olhar.

— E se eu não tiver magia alguma?

— Você tem, sim — insiste ele. — Lembra o que eu te disse? Ela aparece quando você confia nos seus instintos e joga com o coração.

Suspiro.

— Bem, não sei se consigo fazer isso.

— Imaginei que fosse responder isso, então pensei em trazer alguém aqui para conversar com você e talvez te dar algumas dicas — diz ele.

Ele vai até a porta e a abre, gesticulando para alguém. Quando Arlo entra encabulado, fico de queixo caído.

— Não demorem — diz o técnico antes de ir embora e fechar a porta.

O silêncio paira entre nós.

— O que... o que está fazendo aqui? — gaguejo.

— Antes do jogo, o técnico Hendricks mencionou que talvez fosse bom eu vir aqui no intervalo para transmitir um pouco de sabedoria — diz ele com um sorriso sarcástico. — Tudo bem, talvez ele não tenha usado *essas* palavras. Mas ele disse que talvez sua confiança precisasse de um incentivo e que eu deveria te estimular a arriscar. Ele está com a impressão de que, quando eu e você estamos em campo, um desperta o que o outro tem de melhor.

Cruzo os braços, constrangida.

Ele hesita e acrescenta baixinho:

— E acho que isso acontece fora de campo também.

— Arlo...

— Sadie, estou te devendo um pedido de desculpas e uma explicação — interrompe ele, aproximando-se de mim. — Não temos muito tempo, e reconheço que talvez este não seja o melhor momento para conversarmos sobre a gente, então vou falar qual é o ponto principal do que eu quero dizer. E depois você me diz se prefere falar só de futebol e deixar isso para outra hora. Pode ser?

— Tá bem.

Ele respira fundo.

— Então o ponto principal de tudo é: eu me apaixonei por você, Sadie. E quero lutar por nós. — Ele faz uma pausa e me olha apreensivo. — Quer conversar sobre isso agora? Ou prefere depois?

Encaro-o, o coração martelando o peito.

— Você... o quê? — sussurro.

— Estou apaixonado por você — repete ele baixinho, mas com firmeza. — Posso explicar isso melhor, ou podemos conversar sobre as vantagens de correr riscos no futebol.

— Por favor, explique-se — peço, antes de olhar o relógio na parede. — Rápido.

— Sadie, desculpe pela maneira como agi com você. A verdade é que eu não *queria* me apaixonar por ninguém. Era esse o meu plano. Perder Tamy foi insuportavelmente doloroso e eu queria me proteger de qualquer coisa que pudesse me magoar de novo no futuro. Eu não conseguia encarar nada sério. Eu podia lidar com coisas divertidas e triviais, então prometi a mim mesmo que minhas amizades e meus relacionamentos seriam assim. Eu não queria que nada fosse importante. Porque se uma coisa se tornasse importante e eu a perdesse... — Ele morde o lábio, balançando a cabeça. — Eu não ia aguentar.

Ele parece tão aflito e vulnerável que meu instinto me diz para abraçá-lo bem forte, mas não posso fazer isso. Ele para um instante a fim de se recompor.

— Então eu te conheci. — Seus ombros relaxam, e os cantos de sua boca formam um sorriso enquanto ele me olha nos olhos. — Tentei ignorar meus sentimentos, mas eu terminava sendo levado de volta até você. Nunca me senti assim antes. Eu queria ficar com você o tempo todo. Você me deixa... feliz.

Engulo em seco.

— Eu cometi tantos erros — admite ele, franzindo a testa ao lembrar. — Fiquei tentando me distanciar de você e me convencer de que meus sentimentos não eram reais, mas, no fundo, eu sabia que estava mentindo para mim mesmo. — Ele faz uma pausa. — E, no outro dia, eu conversei com Hayley.

Franzo a testa.

— Sobre o fim do namoro dela com Dylan?

— Não, ela estava mais preocupada com você — revela ele. — Ela sabia que você estava chateada depois da partida contra o Loughborough, e disse que achava que o nosso rolo não estava ajudando. Ela disse que te contou que eu tinha falado que não era nada sério. Ela estava se sentindo mal com isso.

— Ah.

— Aí tudo se encaixou. O lance de você me ignorar de repente, dizendo tudo aquilo sobre a Ellie...

— Ela gosta de você.

— Eu não gosto dela — afirma ele. — Não romanticamente. Já disse isso pra ela.

— Mas eu vi vocês dois juntos no jogo contra o Loughborough.

— Foi pura coincidência. Ela estava lá com uma colega para torcer pelo time, assim como eu. Ela é ótima, e nós somos amigos, mas a Ellie sabe que é só isso. — Ele gesticula com a mão. — Mas isso aqui não tem nada a ver com ela. E assim que falei com Hayley, percebi que tinha que vir a Edimburgo para te ver e me explicar.

— Foi por isso que você veio antes — deduzo —, mas aí eu disse que não queria conversar sobre a gente.

— Você me disse que não queria falar sobre nada importante, e esse assunto é muito importante para mim — garante ele. — Mas se tivéssemos conversado sobre nós dois, eu teria começado pedindo desculpas pelo comentário idiota que fiz para Hayley e Dylan sobre a gente não ter nada sério. Eu teria explicado que só disse aquilo para eles me deixarem em paz... e porque eu estava com medo. Foi algo patético e covarde. Se eu admitisse em voz alta que era sério, tudo se tornaria real. Eu precisaria admitir para mim mesmo que estava me expondo e possivelmente me sujeitando a uma mágoa muito real e muito dolorosa, caso as coisas não dessem certo ou você não sentisse o mesmo por mim.

— E agora? — pergunto baixinho.

— Ah, estou apavorado. Mas, assim como no campo, McGrath, se sempre escolhermos a jogada mais segura, podemos perder nossa chance. Às vezes precisamos ouvir o coração e arriscar. — Ele engole em seco, nervoso. — Então é isso. Vou chutar a gol: Sadie, o que sinto por você é sério. É muito sério.

Encaro-o, com a cabeça girando e o coração disparado.

Abro os lábios para responder, mas somos interrompidos pela porta se abrindo. O técnico Hendricks entra e encosta o dedo no relógio.

— Está na hora — anuncia ele, pondo as mãos nos quadris. — Você disse o que queria, Hudson?

Arlo assente sem tirar os olhos de mim.

— Sim, acho que sim.

— Ótimo — diz o técnico com a voz grave. — Vamos lá, McGrath. Tem algum plano para o jogo?

— Sim, e é bem simples — digo, abrindo um sorriso de cumplicidade para Arlo enquanto sou levada para fora do vestiário. — Vou chutar a gol.

Capítulo vinte e seis

Depois que o time de Edimburgo começa com um passe longo para uma de suas zagueiras, vejo Amy correr até ela e marcá-la imediatamente. Sei que sua oponente só tem uma opção: chutar para a outra zagueira. Não perco tempo. Prevendo o passe, corro para interceptá-lo, me lanço para a frente e bato na bola com o pé esquerdo. A vinte e cinco metros de distância, a goleira não espera que eu vá chutar. É um lance arriscado, mas que vai pegá-la desprevenida.

Meu coração me diz para chutar, e finalmente lhe dou ouvidos.

A bola sai voando e atinge o canto superior esquerdo da rede.

Gol!

A arquibancada irrompe em comemoração, e dou um murro no ar antes de Amy e Hayley me abraçarem para celebrar, ambas gritando no meu ouvido. Mal posso acreditar que isso aconteceu, e fecho os olhos enquanto minhas duas colegas de time pulam sem parar do meu lado. Que maneira ótima de começar o segundo tempo. Com o coração disparado devido ao aplauso ensurdecedor dos nossos fãs, olho para a linha lateral e vejo Arlo me observando, sorrindo.

— Essa é a nossa garota! — grita Jade enquanto voltamos para nossas posições

O restante do time está sorrindo para mim, e algumas delas balançam a cabeça, alegres e incrédulas. Já a equipe adversária parece chocada. Saímos do vestiário sentindo uma nova onda de determinação e empatamos no primeiro minuto de jogo. Estamos ali para vencer. Agora o outro time sabe disso.

— Vamos conseguir! — grito para o meu time, batendo palmas, virando-me para encará-las.

O jogo continua, e nossa próxima chance real aparece um pouco depois, após defendermos um escanteio com Jade cabeceando a bola para fora da área e a lançando para Hayley. Estamos nos afastando, e vejo

Hayley correr pela lateral esquerda e fazer um longo passe na diagonal para Alisha, na direita. Ela avança um pouco e faz um cruzamento para perto do gol, onde estou à espera. A bola cai nos meus pés. Nosso contra-ataque surpreendeu o Edimburgo, e agora tem quatro jogadoras se aproximando rapidamente de mim. Não tenho tempo de me virar. Vejo Hayley no começo da pequena área e chuto de volta para ela, aproveitando o espaço criado depois que as zagueiras vieram atrás de mim.

Ela acerta o canto superior direito da rede.

Gol. Dois a um para nós.

Ah, meu Deus.

Enquanto o time começa a gritar, Hayley faz uma estrelinha para comemorar antes de Alisha e Quinn pularem em cima dela. Olho para o treinador Hendricks. Os cantos de sua boca se curvam em um sorriso quando nossos olhares se encontram, e sei que nós dois estamos pensando a mesma coisa.

Acho que vamos conseguir.

Tento não deixar essa esperança atrapalhar meu foco, e faço o que posso para me manter presente enquanto continuamos jogando, mas, quando o fim da partida se aproxima, a adrenalina faz meus dedos tremerem. Faltam cinco minutos, e nós aumentamos a pressão. Amy tem uma chance de gol, mas é detida dentro da área por uma zagueira que agarra sua camisa. Ambos os times gritam com o árbitro; todo mundo sabe o que está em jogo aqui. Ele marca pênalti para nós. Agora está nas minhas mãos.

— Apenas respire — sussurra Amy para mim, apertando meu braço.

Expiro pela boca e sorrio com gratidão. Mais cedo, contei a ela o conselho curto e sábio da minha mãe. E agora eu estava precisando ouvi-lo.

Após me aproximar, caminho até a marca do pênalti, pego a bola e a coloco alguns centímetros à esquerda da marca, onde já a coloquei mil vezes durante o treino. O estádio fica em silêncio, mas meus ouvidos estão tinindo com meu coração batendo tão alto. Podemos até estar ganhando a partida, mas, se eu fizer esse gol, a diferença será de dois gols. E nós ganharemos o campeonato. Tamanha pressão me deixa nauseada, e minha mente dispara com um *e se* atrás do outro.

E se eu chutar para fora? E se perdermos o campeonato? E se o olheiro não me contratar? E se eu errar e decepcionar meu time? E se eu decepcionar meu pai, que está nas arquibancadas me observando? Eu trabalhei duro por tanto tempo, e agora parece que tudo se resume a esse único momento aterrorizante.

E se eu me decepcionar?

É então que o ouço dentro da minha cabeça.

Só precisa chutar a bola, McGrath, diz a voz de Arlo.

Meus ombros relaxam, minha respiração desacelera, meu coração se tranquiliza. Olho para o gol. Avanço em direção à bola e a chuto perfeitamente com a parte interna do pé, mirando no canto inferior direito.

A goleira prevê o ângulo, e as pontas dos seus dedos batem na bola, lançando-a para a esquerda. A bola atinge a trave e vai parar nos pés de uma zagueira do Edimburgo, que a chuta o mais longe possível na direção oposta do campo.

A decepção é tão avassaladora que é quase insuportável. Minha garganta aperta enquanto vejo a bola diminuindo no outro lado do campo. Abaixo minha cabeça e ponho as mãos nos quadris enquanto o barulho dos lamentos dos nossos torcedores se espalha pelo campo e me despedaça. Meus joelhos ficam bambos, como se minhas pernas fossem perder a força e eu fosse cair no chão.

Mas não caio.

De alguma forma, há um restinho de força dentro mim que não me deixa cair. Apesar do triste resultado do pênalti, ainda tenho um pouco de esperança. E por algum milagre, parece que não sou só eu me sentindo assim.

— Cabeça erguida, capitã — diz Hayley ao passar por mim. — Ainda dá tempo de sermos campeãs, e você não mostrou a eles nem metade do que consegue fazer!

— Ainda dá tempo — repito baixinho na esperança de que, se eu repetir bastante as palavras, vou acabar acreditando. — Ainda dá tempo.

Temos três minutos e meio de acréscimo e não desperdiçamos um segundo sequer. Nunca vi meu time jogar de um jeito tão brilhante e agressivo, todas em sintonia umas com as outras, ninguém dando nenhum sinal de que vai desistir. Quando faltam menos de quarenta segundos,

instruo todas elas a se aproximar da área. Essa história de não arriscar já era.

— Vamos buscar nossa vitória — sussurro para mim mesma.

Felizmente, um ataque tenso do Edimburgo não dá em nada, e a bola sai para tiro de meta. Maya chuta a bola para longe, e Quinn a mata no peito com confiança e a passa para Jade. Ela já está se posicionando mais para o ataque e tem um pouco de espaço, então conduz a bola por alguns metros antes de ver Hayley pedir o cruzamento. Jade não hesita e chuta com força, e a bola passa entre duas zagueiras e chega na frente de Hayley, na lateral esquerda. Olho o bandeirinha para verificar se não houve impedimento... a bandeira continua abaixada.

Amy está correndo para perto do gol, e eu fico mais atrás, esperando a bola de Hayley entrar na área. Olho rapidamente para trás e vejo que Maya está no meio-campo, e nossas zagueiras estão se juntando a mim e Amy na área. Elas seguiram minha instrução.

Hayley chuta a bola. Quando avanço para receber o cruzamento, percebo que não tem ninguém me marcando. Eu me lanço para o alto, giro o corpo e cabeceio a bola para o canto inferior direito. É como se eu estivesse vendo a bola em câmera lenta quando ela bate na grama atrás da linha pintada de branco.

Gol.

Gol. O barulho irrompe ao meu redor, mas estou perplexa demais para assimilar por completo o que está acontecendo, quanto mais para comemorar. Amy me ergue e gira comigo antes que o restante do time se jogue em cima da gente para me abraçar.

Nós nos preparamos para o Edimburgo reiniciar o jogo, mas o apito toca quase que imediatamente. Os torcedores do Durham enlouquecem na arquibancada. Meu time sai dançando pelo campo para comemorar. O treinador Hendricks está dando murros no ar e gritando.

Fico parada no meio do campo, ofegante, assimilando tudo. Sei que nunca vou esquecer este momento. O momento em que nosso time ganhou o campeonato e entrou para a história. Um momento que sei que meu pai está vendo e que significará muito para ele. O momento em que percebo que, mesmo se tivéssemos perdido a partida e eu tivesse de lidar com a decepção, ainda assim eu não iria querer fazer outra coisa na minha vida.

É isso. Essa sou eu.
Só preciso chutar a bola.

Capítulo vinte e sete

Quem me traz de volta para a realidade é Jade, que corre até mim e pula no meu colo gritando bem alto:

— GANHAMOS O CAMPEONATO!

Com lágrimas de alegria nos olhos, caio na gargalhada e começo a pular com ela. Quinn e Alisha se juntam a nós, e nós quatro ficamos abraçadas pulando, comemorando. Logo Hayley e Maya também chegam, e antes que eu perceba, o time inteiro se uniu. Os torcedores do Durham invadiram o campo, e todo mundo está enlouquecendo.

Depois de um tempo, eu me afasto do restante do time e dou uma olhada no mar de rostos que nos cerca no campo, à procura dos meus pais. Avisto-os ainda na arquibancada, minha mãe aplaudindo, as bochechas coradas, e meu pai ao lado dela com o maior sorriso no rosto. Após me distanciar do time, abro caminho até sair do campo. Subo a escada até eles. Minha mãe me abraça e depois segura meu rosto.

— Você conseguiu! — exclama ela. — Eu sabia que conseguiria!

— Obrigada, mãe. Que bom que vocês estavam aqui para ver.

— Eu não teria perdido por nada — sussurra ela, me abraçando de novo.

Ela se afasta para que eu possa falar com meu pai.

— Sadie — diz ele, com a voz rouca e trêmula.

Parece que ele não está conseguindo encontrar as palavras, mas não importa. Dou um passo para abraçá-lo com força, encostando a cabeça no seu ombro. Enquanto me aperta com tanta firmeza que dói, ele beija minha cabeça. Depois de alguns instantes ele me solta e, enquanto me afasto, ele segura meus ombros e me encara, pressionando os lábios, com os olhos brilhando. Ele assente e abaixa as mãos, e sei que está se segurando para não chorar.

— Vá comemorar com seu time — diz minha mãe, fazendo carinho no meu braço. — Acho que vocês vão ter uma noite daquelas.

— O time masculino joga agora, então vamos ficar aqui para assistir. Mas depois devemos sair todos juntos — explico.

Seus olhos se iluminam.

— Ah! Então Arlo vai jogar. Diga a ele que sempre será muito bem-vindo lá em casa.

— Digo — prometo. — Sendo sincera, mãe, acho que você vai passar a ver Arlo bem mais. E vai gostar de saber que sua armadilha sutil de ontem, quando bancou o cupido, terminou ajudando.

Ela me olha inocentemente.

— Que armadilha sutil?

— Quando você me pediu para ser guia turística dele — respondo, erguendo a sobrancelha. — E inventou toda aquela história de que eu queria tomar ar fresco antes de hoje. E o convidou para jantar.

— Não sei do que você está falando — insiste ela.

— McGrath! — grita o técnico lá do campo. Ele gesticula para que eu vá até lá.

Ele está do lado de um homem que não conheço.

— Quem é aquele com o seu técnico? — pergunta minha mãe, curiosa.

Engulo em seco, sentindo o nervosismo se espalhar pelo meu corpo e fazer meus dedos formigarem.

— Eu... acho que é o olheiro.

— Ah. Então é melhor ir logo. Está tudo bem, Sadie. Nós estaremos aqui esperando — diz ela, antes de me dar um tapinha nas costas.

Enquanto desço a escada da arquibancada e volto ao campo, olho para Arlo. Ele sabe exatamente o que está acontecendo e faz que sim com a cabeça para me encorajar.

Apenas respire.

Eu me sobressalto com o estouro das garrafas de champanhe enquanto Dylan e Quinn estão em cima de banquetas, lançando jatos de bolhas nos dois times, na área isolada do pub que os técnicos reservaram para nós. O treinador Hendricks e a treinadora Neville estão sentados na frente do balcão do pub, fingindo não nos conhecer enquanto comemoramos ruidosamente, encharcados com o champanhe que Dylan toma direto da garrafa. O gerente do bar nos olha com atenção, mas não se incomoda a

ponto de vir nos pedir para nos acalmarmos — ou então ele já entendeu que nem adianta tentar conter toda a nossa animação.

O time masculino venceu o jogo, uma vitória brilhante que se encerrou com um lindo gol de Michael com assistência de Arlo. Nosso time ficou para assistir à partida e foi para o pub enquanto eles se trocavam, o que significa que ainda não falei com Arlo direito. Ele tinha acabado de chegar ao pub e estava vindo até mim quando a bagunça com o champanhe começou, fazendo o restante do time bloquear temporariamente seu caminho.

— Acho que o primeiro gole da garrafa deve ser da nossa capitã — anuncia Quinn em cima da banquetta, segurando a garrafa em cima da cabeça, com o líquido escorrendo dos dedos. — Ela nos levou a uma vitória histórica... campeãs três anos seguidos, galera!

Fico vermelha enquanto todos aplaudem, e Quinn salta para o chão. A multidão se abre para que ela venha até mim. Ela me entrega a garrafa, e eu tomo um gole, provocando mais uma rodada de gritos e assobios, e depois a devolvo. Ela se afasta, e vejo que Arlo está bem atrás dela.

— Estou vendo que Dylan te acertou em cheio — digo rindo, olhando a camisa molhada e grudada no peito musculoso. — Me lembre de agradecer a ele depois.

— Você também não saiu muito ilesa — responde ele, estendendo a mão para afastar a mecha molhada de cabelo que está colada na minha bochecha. — Assim me lembro daquela vez em que pegamos o maior toró enquanto voltávamos para sua casa.

— E agora estamos encharcados de champanhe. Olhe só para nós.

Ele ri. Enquanto Dylan começa a puxar algum tipo de canto de vitória, somos empurrados por nossos amigos dançando e cantando, e Arlo pega minha mão e me leva para longe. Depois de não conseguir encontrar nenhum canto tranquilo e vazio, ele empurra as portas do pub e nós saímos para o ar da noite. O treinador Hendricks escolheu um pub bem no centro de Edimburgo, e as ruas estão abarrotadas de gente.

— Então... — diz Arlo, abaixando a voz caso tenha algum conhecido nosso por perto. — O que ele disse?

— O que quem disse? — pergunto inocentemente.

— Você *sabe* quem — responde ele, franzindo o rosto, impaciente. — Depois da sua partida, o que aconteceu? Não acredito que você não quis

me dizer antes. Sabe o quanto foi difícil jogar com isso na cabeça?

— Mas não pareceu afetar seu desempenho. Aliás, parabéns pela vitória. Que bom que o time masculino de Durham não vai ser rebaixado e você...

— Sadie — interrompe ele, zangado —, se não me contar logo sua conversa com o olheiro, vou enlouquecer. Você já me fez esperar bastante. *O que ele disse?*

Sorrio para ele, sentindo o entusiasmo borbulhar dentro do corpo, quase sem acreditar que o que vou dizer é verdade.

— Ele disse — falo baixinho e devagar — que o Manchester United gostaria de conversar comigo sobre o meu futuro.

Os olhos de Arlo se arregalam, e ele fica boquiaberto.

— *Manchester United* — sussurra ele. — Está falando sério?!

— Estou — confirmo, o maxilar doendo de tanto sorrir. — Mas não conte para mais ninguém. Não quero dizer nada, caso não dê certo.

— Vai dar certo — afirma ele com segurança. — Acredite em mim, Sadie. Vai dar certo. — Ele morde o lábio, balançando a cabeça enquanto começa a sorrir, e me encara com os olhos brilhando. — Você é *incrível*.

— Devo muito disso a você — insisto. — Ele mencionou que joguei melhor no segundo tempo. Aparentemente, ele percebeu que eu mudei de atitude, e foi então que mostrei o meu verdadeiro potencial. Devo boa parte dessa mudança a você. Mas não toda ela. O técnico Hendricks e a referência a Miley Cyrus também ajudaram.

— Sério? Que interessante — diz Arlo, os cantos de sua boca curvados em um sorriso travesso. — Então está dizendo que, para dar o seu melhor em campo, você precisa de mim?

— Não acho que foi exatamente isso que eu disse.

— Tudo bem, já que pediu com tanta educação, vou continuar cedendo o meu tempo para treinar com você e ser a sua inspiração no futebol. De nada.

— Você é insuportável.

— Pois é, você desperta o que eu tenho de melhor.

Hesito e respondo gentilmente:

— Você também.

Isso lhe dá a permissão que ele estava esperando. Ele se aproxima, leva as mãos da minha cintura até minha lombar e me pressiona contra si, me

obrigando a apoiar as palmas das mãos no seu peito e a erguer o queixo e os olhos. Dentro dos seus braços fortes e protetores, eu me sinto ofegante, e um formigamento se espalha pelo meu corpo quando sinto seu toque caloroso.

— A propósito — digo, olhando naqueles olhos castanhos e brilhantes —, quero te agradecer por ter aberto o coração para mim lá no vestiário, mais cedo.

— De nada. Como minha mentora oficial, você tem algum comentário a fazer? — pergunta ele com a voz grave e rouca, abaixando a cabeça, e sua boca roça levemente a minha têmpora. — Alguma orientação? Ou talvez algum conselho?

— Ah, tenho só um rápido comentário.

— Hum? — sussurra ele contra minha pele. — Pode dizer.

— Você fez bem em arriscar — digo, ficando com a pele arrepiada. — O que eu sinto por você, Arlo, é sério desde o começo.

Soltando um suspiro de satisfação, seus lábios encontram os meus, e ele me beija, o tipo de beijo intenso e demorado que faz o mundo ao redor esvaecer à distância. Depois de um tempo, ele afasta a boca, deixa uma trilha de leves beijos ao longo da minha bochecha e sussurra no meu ouvido que me ama. Fecho os olhos e expiro, inebriada de felicidade.

Pela primeira vez em muito tempo, não estou preocupada com o futuro nem pensando demais em todas as coisas que podem acontecer. Cansei de não correr riscos. Vou me entregar ao momento.

Vou seguir meu coração, finalmente.

Epílogo

Quando termino de prender o cabelo, subo o zíper do moletom e me olho no espelho de corpo inteiro do meu quarto. Respiro fundo, expiro devagar e tiro um momento para fazer uma pausa. Minha aparência está ótima. Quem me olhar rapidamente vai ser incapaz de perceber que estou com o maior frio na barriga, as mãos trêmulas.

O nervosismo pré-jogo é bom. É isso que minha mãe sempre disse, primeiro para o meu pai e agora para mim.

— Você consegue — sussurro para o meu reflexo.

Minha primeira partida pelo Manchester United. Jogar por eles é um sonho que se tornou realidade. Não importa o que aconteça, eu me sinto grata por ter chegado até aqui.

É isso.

Viro as costas para o espelho, pego minha bolsa esportiva em cima da cama e ajesto a alça no ombro antes de sair do quarto para a cozinha, onde meu celular e minhas chaves estão, sobre a mesa. Apesar de o apartamento ser pequeno, eu o adoro, e ele fica em Deansgate, bem no centro de Manchester, uma localização ótima para chegar a outras partes da cidade, inclusive aos locais de treino. Tem cafeterias ótimas por perto, perfeitas para estudar quando não estou a fim de ficar em casa sozinha, pesquisando artigos. Ainda estou determinada a me formar, e a universidade facilitou minha troca para meio-período.

Meu celular vibra com uma mensagem. Olho a tela e vejo que é Jade, então a abro na mesma hora. Ela me enviou uma foto, uma selfie com meus pais, os três sorrindo para a câmera, sentados no restaurante chique do hotel. Tem uma mensagem logo depois:

Jade

A gente veio comer antes do grande jogo!

Nos vemos lá, estamos morrendo de orgulho

Boa sorte, bjs!!!

P.S.: Nossos lugares são no camarote do estádio, né?!

Dou uma risada e respondo com emojis de coração, garantindo que os lugares deles são bons. Ao perceber a hora, jogo o celular na bolsa e saio apressada do apartamento, trancando a porta.

Ao passar pela portaria, ergo o olhar esperando ver o carro que chamei para me levar ao estádio Leigh Sports Village, mas paro bruscamente ao me deparar com Arlo na minha frente, encostado numa Mercedes preta estacionada diante do prédio.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, com o coração palpitando por causa dele. — Achei que ia te encontrar depois da partida.

— Acha mesmo que eu ia deixar alguma outra pessoa te levar para a sua primeira partida como jogadora profissional? — responde ele, tirando os óculos escuros de modelo *wayfarer* e sorrindo para mim.

Largando a bolsa no chão, vou correndo até ele, jogo os braços ao redor do seu pescoço e fecho os olhos enquanto sinto seu cheiro. Nunca fiquei tão feliz em vê-lo. Afasto-me para segurar seu rosto e beijá-lo, com seus braços ao redor da minha cintura.

— Obrigada — sussurro, com nossos narizes ainda encostando.

— Como está se sentindo? — pergunta ele, apoiando as mãos nos meus quadris.

— Por que não vamos direto para o aeroporto e pegamos um voo para o Havaí? Acho que é um bom momento para tirar umas férias.

Ele dá uma risadinha.

— Está tão nervosa assim, é?

— E se eu cometer um erro e decepcionar todos os fãs?

— Você não vai cometer nenhum erro. Você vai se sair muito bem. Tenho certeza.

— É fácil falar. — Suspiro e mexo na gola de sua camisa enquanto ele me abraça apertado. — Vocês olheiros ficam apenas parados na lateral do campo, tomando café e julgando todo mundo.

Ele sorri.

— Que engraçado... é *exatamente* isso que nos ensinam no curso. Inclusive, o primeiro módulo inteiro é só sobre onde encontrar o melhor café para tomar na lateral.

Apesar da piadinha, Arlo sabe o quanto me orgulho dele por estar dando os primeiros passos para ter uma carreira como olheiro de futebol. Foi o técnico Hendricks quem lhe deu a sugestão, na noite da final em Edimburgo, e desde então Arlo não tirou a ideia da cabeça. Ele terminou o primeiro curso e agora está fazendo o módulo seguinte. O olheiro do time feminino do Manchester United que me descobriu ofereceu a Arlo a chance de acompanhá-lo por um tempo no trabalho, para que ele ganhasse experiência. Ele está animado para aprender como tudo funciona, e vê-lo tão empolgado com um futuro no futebol é muito importante, e não só para mim, mas também para sua família. A mãe dele veio visitá-lo recentemente e se orgulhou tanto de Arlo. Vamos passar algumas semanas com ela em São Francisco, no verão.

— Falando sério, você sabe que vai se sair muito bem hoje — prossegue ele, levando as mãos até meus ombros para segurá-los com firmeza enquanto me olha nos olhos. — Se cometer um erro, não importa. Você aprende com ele e volta ainda melhor na próxima partida. Todos nós somos humanos, Sadie. Até os jogadores de futebol.

Assinto.

— Eu sei. Você tem razão.

— Na maior parte do tempo, tenho. Está pronta?

— Mais pronta do que nunca — digo, recuando enquanto ele abre a porta do passageiro para mim. — Que carrão, hein?

— Obrigado. Pensei que valia a pena alugar um carro especial para a ocasião — diz ele com um brilho travesso nos olhos. — Não sei se você sabe, mas minha namorada gatíssima é a atacante estrela do Manchester United. Ela merece um carrão desses.

Rindo, entro no carro e o espero fechar a porta e dar a volta até o lado do motorista. Ele liga o rádio e afivela o cinto.

— Ah, antes que eu esqueça, fiz uma aposta com Dylan — diz ele, descontraído, ligando o carro. — Ele apostou que você ia fazer um gol no seu primeiro jogo.

Franzo a testa.

— E você apostou que eu *não* ia fazer um gol?

— Apostei que você ia fazer dois — responde ele com um sorriso, pondo os óculos escuros.

— Dois gols na minha primeira partida como jogadora profissional —
argumento, encostando no banco e sorrindo enquanto partimos para o
estádio. — Isso me parece um desafio.

Agradecimentos

Um agradecimento especial à fantástica Yas, a editora mais maravilhosa e otimista que existe. Trabalhar neste projeto com você foi tão divertido. Obrigada por toda a sua orientação e incentivo, e por confiar este livro a mim — sinto tanta sorte por termos trabalhado juntas! Obrigada à talentosa equipe da editora Simon and Schuster por todo o trabalho duro neste livro, a Jacqueline Li pela linda arte da capa e a Jesse Green pelo fantástico design da capa.

Muito obrigada a Lauren, Callen e todos da minha agência, vocês são minha força, e eu não seria capaz de fazer nada disso sem vocês. Digo o mesmo à minha família e meus amigos — vocês sabem quem são.

Agradeço imensamente a Fionn, Woody e Ben, meus gurus do futebol. Foi bem divertido conversar sobre os detalhes do jogo, e continuo impressionada com o amplo conhecimento que vocês têm desse belo esporte. Vocês são incríveis.

Muito obrigada aos leitores de *Playing the Field*. Os esportes têm essa maravilhosa capacidade de unir as pessoas, quem quer que sejam, e este livro foi criado para homenagear isso. Quer você esteja lá no meio do campo jogando futebol ou torcendo pelo seu time, espero que esses momentos empolgantes te proporcionem alegria, entusiasmo, comemoração e esperança — como bem diz o pai da Sadie, cada jogo é um novo jogo.

E por último: vai, Aston Villa!

**Confira nossos lançamentos, dicas de leituras e novidades nas
nossas redes:**

 [editoraAlt](#)

 [editoraalt](#)

 [editoraalt](#)

 [editoraalt](#)

 [Editora Alt](#)

Copyright © Ivy Bailey 2024
Copyright da tradução © 2026 by Editora Globo S.A.

Publicado mediante acordo com Simon & Schuster
UK Ltd 1st Floor, 222 Gray's Inn Road, London, WC1X 8HB

Título original: *Playing the Field*

Editora responsável **Paula Drummond**
Editora de produção **Agatha Machado**
Assistentes editoriais **Giselle Brito e Mariana Gonçalves**
Preparação de texto **Adriana Fidalgo**
Revisão **Luiza Miceli**
Adaptação de capa **Carolinne de Oliveira**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Diagramação **Victor Gerhardt | CALLIOPE**
Ilustração de capa **Jacqueline Li**
Design de capa original **S&S UK**
Editora de livros digitais **Anastacia Cabo**
Produção do e-book **Ranna Studio**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B138a

Bailey, Ivy

Amor em campo / Ivy Bailey ; tradução Priscila Catão. - 1. ed. - Rio de Janeiro [RJ] : Globo
Alt, 2026.

Tradução de: *Playing the field*

ISBN impresso: 978-65-5226-155-7

ISBN digital: 978-65-5226-153-3

1. Romance inglês. I. Catão, Priscila. II. Título.

26-103818.0

CDD: 823
CDU: 82-31(410.1)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

1ª edição, 2026

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Rua Marquês de Pombal, 25

20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

www.globolivros.com.br
